

REVISTA DA SEMANA

N.º 49 Cr\$ 3,00 em todo o Brasil

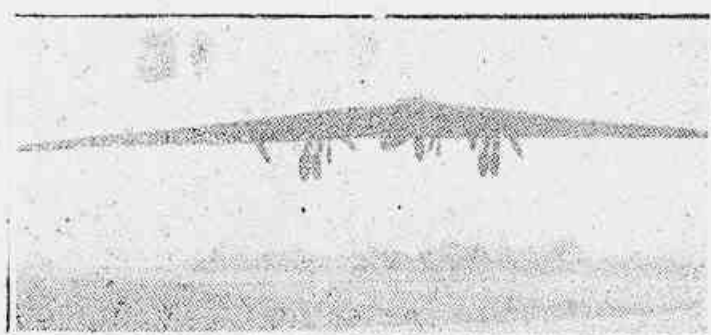
4-12-48

BIBL. NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



O LIVRO DOS MIL ASSUNTOS

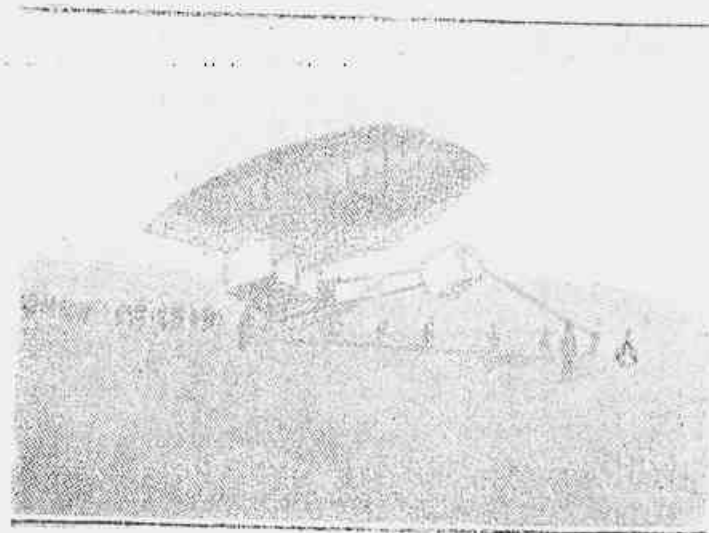
UM ROMANCE, DOZE CONTOS, DUAS LENDAS



ANO AERONAUTICO — Vôos, velocidades e "records", rumos da ciência aviatória, helicópteros, o voo supersônico e os pilotos, foguetes de decolagem, jato-propulsão, formatos de asas e televisão, novos tipos de aviões. **ANO FILATELICO** — Resumo dos acontecimentos, novas emissões nacionais e estrangeiras, séries comemorativas e centenárias, carimbologia. **ANO CATÓLICO** — Os rumos do catolicismo, canonizações, sagrações, nomeações, novos bispos, falecimentos, centenários e jubileus.

ANO ARTISTICO — O salão de 1947, exposições, prêmios, telas, esculturas, a arte pelo mundo. **ANO CINEMATOGRAFICO** — Os acontecimentos do ano no mundo dos filmes e dos "astros" no Brasil e no estrangeiro. **ANO ESPORTIVO** — As olimpíadas de 1948, os campeões olímpicos, clubes estrangeiros no Brasil, o calendário esportivo. **ANO CIENTIFICO** — O telescópio de Palomar, os mesons e os raios cósmicos, prêmios Nobel e outros laureis, televisão; remédios novos, novos métodos de cura, alimentos e substâncias heróicas; os raios cósmicos, o mundo atômico, os cometas, o universo, o sol, Marte e as viagens interplanetárias; o micro-mundo, células que vivem sozinhas, operações em micróbios; o radar, descobertas e inventos. **CALENDARIO DE 1949** — Informações, estações, festas móveis e fixas da Igreja, feriados, fases da lua, calendá-

rio perpétuo. **ARTIGOS E REPORTAGENS** — Roosevelt, o sentimental; Frederico, o Grande, e Maria Tereza. A Independência e o Ipiranga. As esquadrilhas dos semeadores da morte. A vida dos mosquitos. Guerreiros de ébano do Sudão. A terra do velho Norte. As terras Antárticas. Nossa Senhora e o Menino Jesus. Os animais gigantes de outras eras. Gente de circo e animais da tela. Os carpinteiros e suas lendas. As cidades gêmeas. A lenda de S. Dumberto. Onde andaram os argonautas. **DIVERSOS** — Adivinhações, charadas, anedotas, apólogos, histórias, problemas, testes, caricaturas, noções de ciência, informações científicas, poemas. Os centenários do ano.



ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1949

A venda em todo o Brasil na primeira quinzena de dezembro, por Cr\$ 15,00 o exemplar. Pedidos pelo Reembolso Postal ou mediante vale do Correio à CIA. EDITORA AMERICANA — R. Visconde Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro.

Um dez de novem- bro que escandaliz- ou o mundo

O poder absoluto dos reis dos fins do século XVIII, com os soberanos levados ao trono "pela graça divina", desencadeou guerras sangrentas e atinou em todas as consciências a discórdia religiosa. Daí a trágica história das dragomantas, a perseguição contra os albigenses, o massacre da terrível "Noite de Bartholomeu". Os reis e todo o seu cortejo de nobres converteram-se em alvo do ódio popular. A pobreza sustentava nos ombros todo o peso das orgias e da dissipação da fidalguia aristocrática, isenta de impostos e com a capacidade mesmo de criá-los e cobrá-los do povo miserabilizado.

Um dia surgiram as teorias dos enciclopedistas franceses, e Diderot, liderando o grupo que faziam parte Voltaire, d'Alembert e Rousseau, lançou os ensinamentos contidos no "Dictionnaire Rationnel des Sciences et des Arts", a faísca das idéias que ateou fogo à Revolução na França.

A imensa população de aflitos que vivia sob o jugo dos mais pesados tributos para manter e nutrir uma nobreza devassa e inútil, já não mais poderia suportar os privilégios que a realeza distribuía pelos aristocratas, como aquele que permitia aos nobres a compra pelo que mais desse de comandos de regimentos para exhibições e guerras injustas.

As idéias da "Enciclopédia", alastrando-se por toda a França, estimularam os ódios até então reprimidos na alma da população e a 14 de julho de 1789 o povo de Paris, amotinado, ataca a Bastilha como um símbolo da opressão, decepcionando até hoje os historiadores pela ausência de provas de tirania em seus muros, pois ali não havia nada que significasse o poder absolutista do rei.

A verdadeira revolução, entretanto, estalou a 10 de agosto de 1792, quando Luís XVI, arrancado da Assembléia, foi conduzido à prisão, como traidor da pátria em favor do estrangeiro. E a 21 de janeiro de 1793 sua cabeça caiu ao golpe da guilhotina. Entrava a França no regime do terror.

Reunida a Assembléia dos revolucionários, Herbert, Chaumette, Mamoro e o prussiano Anacharsis Clootz levantaram a questão religiosa e impuseram à mesma a abolição de todos os dogmas e práticas nos templos, fosse qual fosse a crença dos que os mantinham.

Mas, abolidas as religiões, que se faria para substituir o nome de Deus? Seria instituído para toda a França o Culto da Deusa Razão. Para ampará-los no projeto contavam com os aplausos do povo já cansado de sofrer, o apoio dos enciclopedistas e da onda de anti-clericalismo que soprava por todos os quadrantes nacionais.

A idéia de ser reverenciada a Deusa Razão foi recebida sob aplausos estrepitosos. E o decreto criando a nova divindade para o regime revolucionário entrou em vigor a dez de novembro de 1793.

Os espíritos religiosos, alimentados por dezoito séculos de ensinamento cristão, escandalizados pela afronta à crença em Deus, lembraram-se das palavras de S. João no Apocalipse e reconheceram que as profecias do iluminado da rochosa e deserta ilha de Patmos iam ser cumpridas. Aos hereges aderiram até membros destacados do clero católico e das organizações protestantes. O bispo de Paris, o apóstata Gobel, passou-se para as fileiras dos que festejaram com manifestações ruidosas o fechamento de todas as igrejas da França, erguendo vivas à nova Deusa da Razão.

Era preciso, porém, materializar o feito e apresentar a divindade ao povo. Mamoro, um dos criadores da nova concepção filosófica, lembrou o nome de uma senhora de Paris, a qual, para ele, estava talhada para representar a Deusa Razão. Chamava-se Maillard e era atriz dos teatros da capital francesa. Segundo diziam, mantinha ela estreitas relações com Mamoro. Convidam-na e Maillard, que, além de ser vaidosa era artista de palco, possuidora de fascinante beleza e de irradiante simpatia, aceitou a honra que lhe davam. Naquele mesmo dia foi ela apresentada à Assembléia oficialmente como a Deusa Razão e em seguida levada em triunfo numa charola radiante de fúlguros adornos, pelas ruas de Paris. Sentada e vestida com riquíssima "toilette", tendo à mão direita um cetro, ergueram-na num andor conduzido por quatro oficiais dos revolucionários em trajes de gala, entre uma multidão ululante de homens e mulheres. Assim entraram no templo de Notre Dame, expulsando dos seus altares as imagens da religião e colocando no trono da Mãe de Jesus a bailarina Maillard, a nova Deusa da Razão. Todo o séquito entrou na igreja. Até os cavalos de sua guarda de honra. O povo se desmandou. Houve atentados que toda a Humanidade ainda hoje deplora. Obras-primas de arte religiosa, tanto na escultura como na pintura, foram despedaçadas pela multidão enfurecida. Dali por diante ninguém, em toda a França, renderia culto a Deus, a Cristo e aos seus santos. Só à Deusa Razão se curvariam. Era uma nova época que se abria para o mundo. Todos os cultos estavam proibidos. Exceto o da Razão. Isso durou três anos e meio, até que, em 15 de julho de 1797, a voz de Camilo Jordan se ergueu no Concelho dos Quinhentos, e com um discurso impressionante derrubou a Deusa da Razão de seu pedestal e defendeu a liberdade de cultos em todo o território francês.

A consciência universal recebeu com aplausos esse desfêcho em torno de uma opressão que não poderia mais continuar. A um absolutismo pela "graça de Deus" com que agiam os soberanos a dispor da vida e dos bens de seus vassallos, sucedera um deboche anti-religioso construído pela negação de todos os sentimentos espirituais de um povo nascido e educado sob os ensinamentos do cristianismo. Quando a argumentação de Jordan recebeu a consagração do país inteiro e se reabriram as portas dos templos de todas as crenças religiosas, o mundo inteiro respirou desafogado e deixou que a justiça da História desse o seu veredictum sobre aqueles que viram a grosseira farsa triplicar os hábitos do povo iludido em sua boa fé.

E o que, Maillard? Depois daquela procissão ululante e desenfreada que a entrou no altar-mor da igreja de Notre Dame de Paris, e que milhares de pessoas se curvaram aos seus pés como a Deusa da Razão, que teria sido feito de sua augusta pessoa? Não desafiara a Divindade, como outrora Ramsés II na sua ostentação de riquezas no lendário Egito? Não havia sido a substituta de Nossa Senhora em sua própria catedral de Paris? Não passara de simples atriz das noites alegres da capital francesa à culminância de Deusa da Razão? Não era seu nome citado pela população francesa e comentado pela Europa inteira como o de uma eleita para brilhar nas páginas da História elevada ao mais alto grau da notoriedade?

Ah, de transit gloria mundi... Assim passam as glórias deste mundo. Alguns anos depois desse carnaval que levava à Notre Dame de Paris a artista simbolizando uma nova divindade; quando já ninguém falava na aventura com que se ludibriara o povo, certo dia, ao irem inspetores da Saúde Pública visitar as pocilgas de Paris combatendo epidemias e libertando a pobreza daquelas imundícies, subiram a um sótão escuro, e lá viram alguém gemia a um canto. Aproximaram-se. Num catre imundo, coberta de lençóis, estava deitada uma mulher. Os seus trapos sujos, seus cabelos em desalinho, olhos fundos e faces macilentas davam aos visitantes a imagem perfeita da mendicância e da indigência faminta. Ao lhe perguntarem o nome, ela respondeu com um sorriso trágico: "Sou a Deusa da Razão".

Curiosidade, mais uma vez, a profecia do Apocalipse...

Sumário

VIDA LITERÁRIA

- Livros Novos (João Luso) 10
Novamente em loco o romance "Éramos seis" (Nelson Vainer) 27

BIOGRAFIA

- A vida de Balzac (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 43

MÚSICA

- Música (Roberto Lyra Filho) 51

REPORTAGENS

- O drama do arroz na China (Ruy Saulo) 4/7
Desvendando a forja de ceramistas (Péricles Leal) 12/17
Confissões de Júlio Louzada (Armando Migueis) 30/34
Pablo Ruiz Picasso 55/57
Figuras contemporâneas 58

NOVELA

- Confidência (Elias Carpena) 28/29

CONTOS

- O papa-figos (E. Justo) 20
Frederico volta da guerra (Péricles Leal) 42

AVIAÇÃO

- Pelas estradas do céu (André Max) 45

TURISMO

- Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) 46

CARICATURA

- Bom humor 11

SEÇÕES PERMANENTES

- Um 10 de novembro que escandalizou o mundo (Renato de Alencar) 3
A personagem da semana 8
A semana em revista 8
O mundo marcha 9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 44

SUPLEMENTO DA MULHER

- Nos bastidores femininos 19
Grandes chapéus 21
De Paris e de Hollywood 22/23
"Maillots" 24/25
A arte de dobrar um casaco 26
Interiores 26
Detalhes e novidades 36
"Week-end" na cozinha 37
Para noite 38/39
Guarda-roupa de verão 40
Modelos conversíveis 41
Mães e filhos 35

FOLHETIM

- Drago 53/54

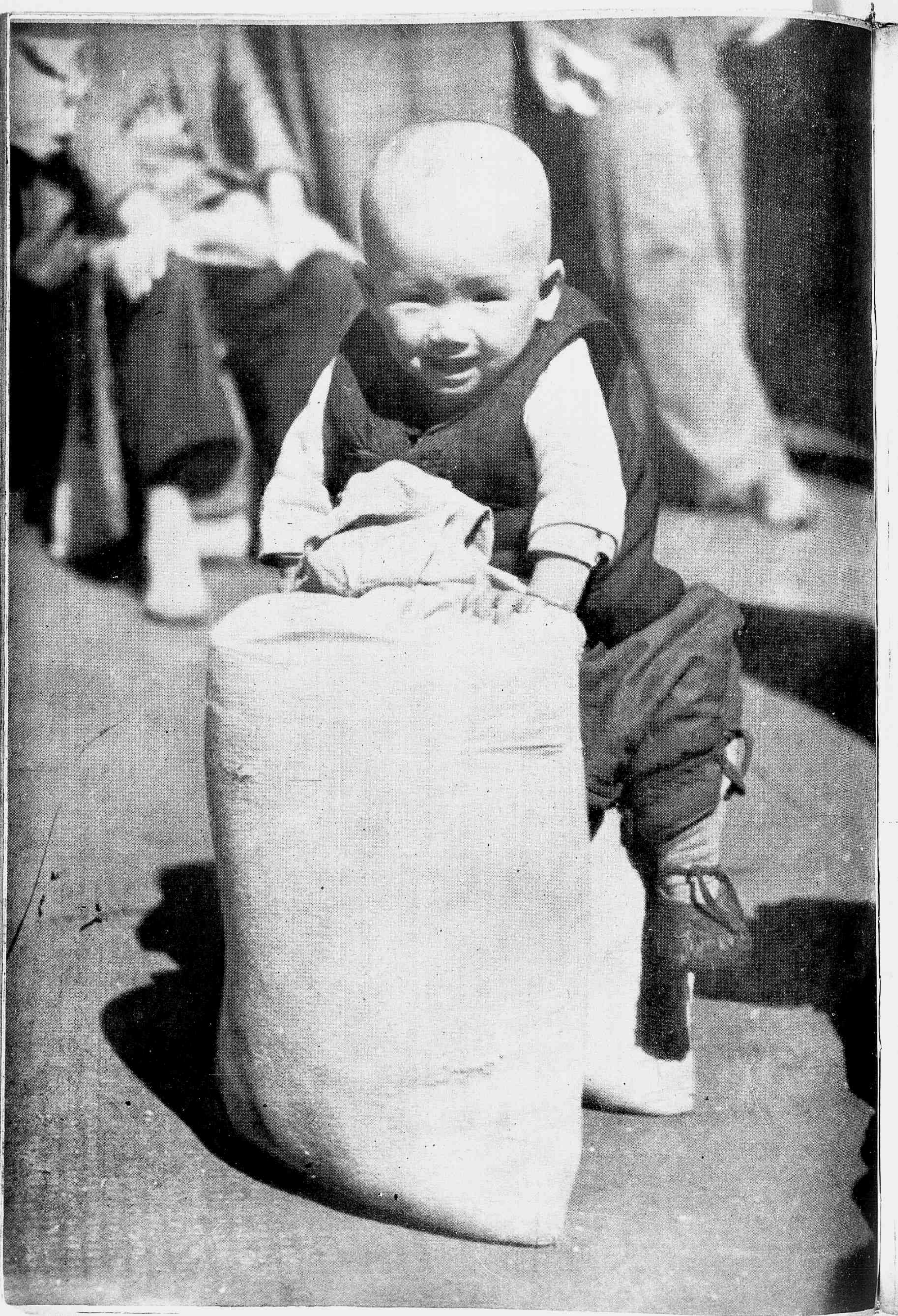
ILUSTRAÇÕES

- Ana Zagorska
Armando Moura

NOSSA CAPA



Ilustra a capa deste número da REVISTA a graciosa "estrela" da Metro-Goldwyn-Mayer Kathryn Grayson, que, em sucessivos êxitos para a Marca do Leão, conquistou uma legião de fãs em todo o mundo, sendo o seu sucesso mais marcante o musical "A filha do comandante", no qual apareceu ao lado de dezenas de "astros" e "estrelas" de Hollywood.





NA PAGINA AO LADO: O garotinho chinês, sentado num saco de arroz, aguarda que chegue a hora de sua distribuição a preço popular. EM CIMA: Efeitos dramáticos da guerra civil causando o elevado custo do arroz na China e a consequente disputa pelo povo

O DRAMA DO ARROZ NA CHINA

Texto de RUY SAULO



Fotos KEYSTONES

O imenso território chinês, que já foi o segundo em extensão e onde se agita uma população de incalculáveis proporções, sempre ofereceu aos estudiosos e aos aventureiros excepcional área de investigações e audácias.

País lendário, cujas origens se misturam com personagens de fundo místico, a China tem sido teatro de dramas impressionantes, e, de tão continuados, parece que jamais terão fim.

Desde as éras mais recuadas as guerras mais ferozes ali se travaram. Dinastias que se entredoraram, lutas de clãs sob pretextos mal compreendidos pelo homem ocidental, como sucedeu com os grupos patriarcais e matriarcais de Miao e Tao que ensanguentaram o seu solo fértil e assombrosamente vasto.

Ao norte sempre agostaram a China os mongóis guerreiros e vingativos. Ao sul, nas imensas planícies do Kiang, as inundações imprevisíveis e arrasadoras completavam a série de desgraças que caem continuamente sobre esse povo sofrido e resignado.

Terra de grandes homens, de filósofos tão grandes e sábios como Krishnamurti e Aristóteles, a China cimentou doutrinas humanas de saudável beleza espiritual, como ensinou

um iluminado da estirpe de Confúcio, ou de alma voltada para o bem como esse admirável Lao Tse.

Povo geograficamente infeliz, perseguido pela fisiografia de vastíssimo território dividido em zonas que se hostilizam mutuamente, a China avança penosamente entre suas bacias hidrográficas essenciais, de onde lhe vem a característica de nação esforçada, mártir e sempre em lutas gigantescas.

Entre o Huang Ho e o Kiang gira toda a história da China. Lutas políticas, batalhas contra a fome, guerras para deter invasões, tragédias desencadeadas pela cupidez de nações poderosas. Cercada de inimigos, agostada pelas inclemências meteorológicas, a China tem vivido num inferno de agitações e de terrores intermináveis.

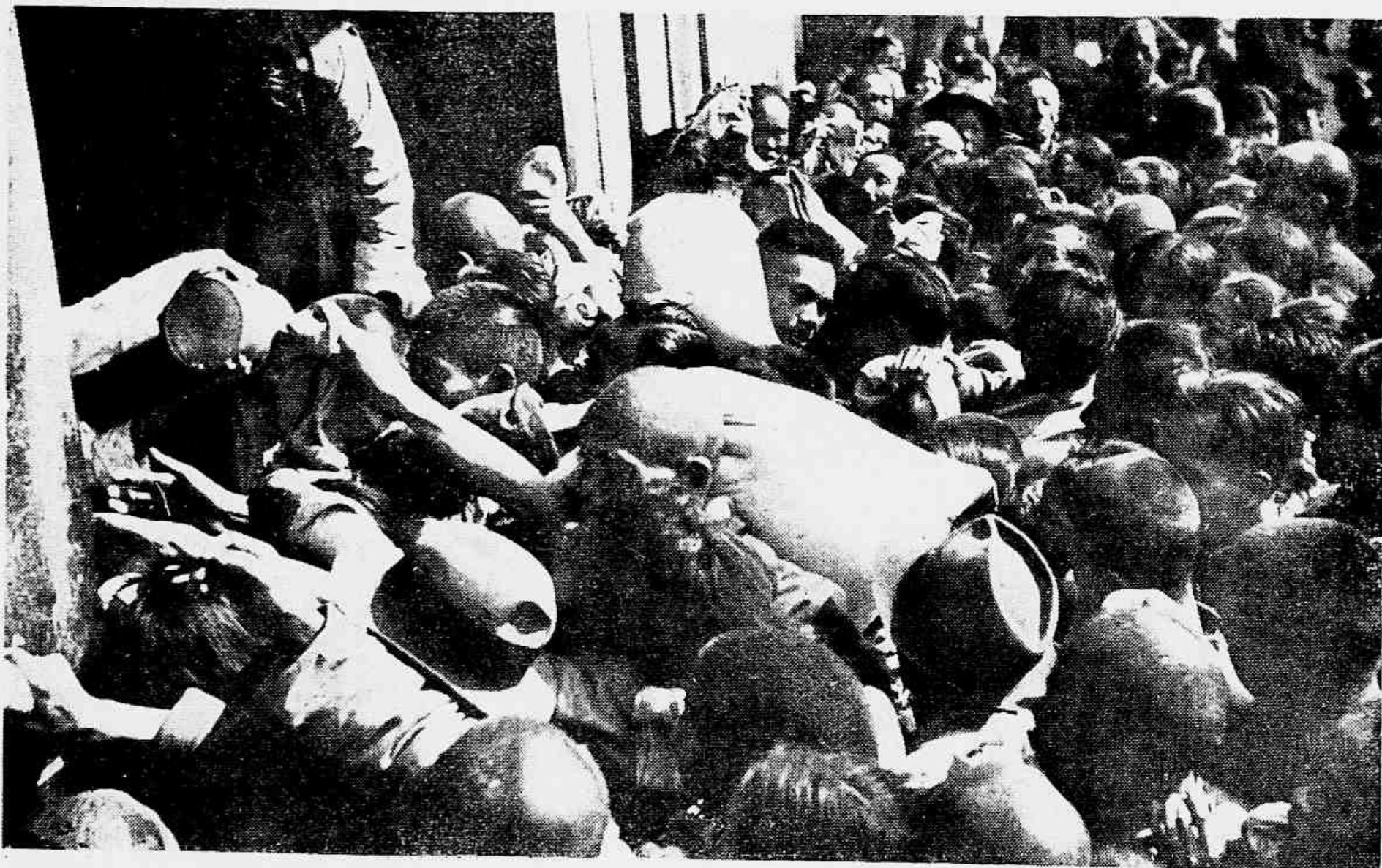
Povo bom, gente pacífica e trabalhadora, honesta e resignada, o chinês tem sofrido dolorosamente, toda espécie de torturas morais e físicas. Quando da ganância do Japão e potências ocidentais sobre seu território, teve o seu governo que fazer concessões com sacrifício de sua soberania de país independente, o mundo inteiro viu meio estupefocado que incríveis concepções de direito internacional eram impostas à China na zona de Changai. Foi tão profunda



Neste dia houve distribuição de arroz a baixo preço. Essas duas mães chinesas estão contentes, pois vão jantar



Quando um trem chega com carregamentos de arroz, caem dos sacos alguns grãos e as mulheres chinesas correm a apanhá-los



Cena comum nas grandes cidades da China. Quando o arroz é descarregado e vendido a baixo preço, multidões avançam



Gente humilde do povo, aflui em massa para caminhões que transportam arroz, a fim de catar no chão grãos caídos

a humilhação que, em parques da grande cidade asiática, havia cartazes com estes dizeres: «Proibida a entrada a cães e a chineses».

Nação agrícola, de modestas possibilidades industriais, seu povo não acompanhou a marcha do progresso do mundo no campo das conquistas científicas. Sustentando sangrenta guerra com o Japão, somente se viu aliviada com o esmagamento do agressor pelos Estados Unidos. Mas, em seguida, desencadeou-se em seu território do norte a revolução comunista que agora toma aspecto alarmante, espalhando-se como avalanche em direção do sul, já estando a senhora de vastas zonas fluviais do Kiang, justamente a zona do arroz, base essencial de toda a alimentação do povo chinês.

Se faltar arroz às populações da China será o mesmo que assinar-se sua sentença de morte. O povo chinês, por longínquas questões de setarismo e superstições milenárias, evita alimentar-se de carne, e o próprio leite lhe repugna como alimento condenado por antepassados cuja memória deve ser respeitada. O problema é mais de re-educação do que agrário. Há, nessas tradições, muita semelhança com o que se passa na Índia, sua vizinha. Crença na metempsicose, proibem que o homem abata um ser vivo para dele se alimentar. Parentes e amigos podem estar re-incarnados naqueles animais, e, desta maneira, seriam cometidos crimes hediondos, punidos severamente pelas divindades sempre vigilantes.

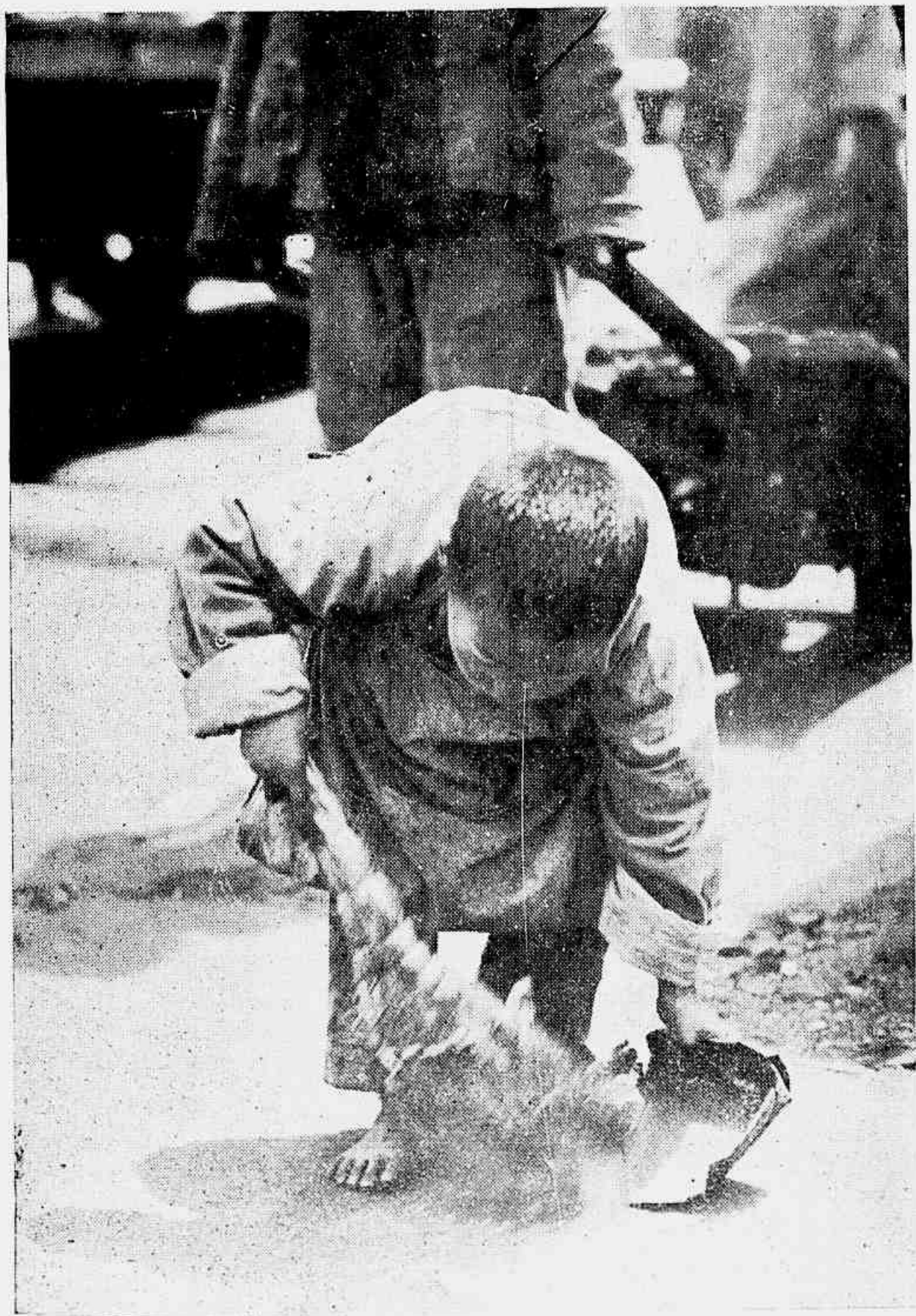
Desta forma, o arroz é a eterna tragédia de uma China talada pelas guerras, perseguida pelas inundações. Mais do que o combustível para seus lampeões, precisam os chineses de arroz para seu sustento, máxime nestes tumultuosos dias de guerra civil intensa e extensa, com os horrores da fome a dizimar milhares de entes humanos. O homem do povo tem no arroz 95 % de seu sustento. Outras iguarias, como sejam o peixe, as hortaliças e a carne só existem em sonhos...

A situação interna do país é cada vez mais aflita e a China somente poderá usufruir de época bonançosa e feliz, quando a guerra civil terminar entre duas correntes políticas que disputam o poder a ferro e a fogo. No momento tem cabido aos Estados Unidos socorrer a China da região sob o governo de Chiang Kai Chek, providenciando a remessa de suprimentos de arroz, que são distribuídos em rações pelas populações necessitadas. Para isso é o próprio governo que compra o alimento e o revende a preços mais baixos, arcando com prejuízos incalculáveis afim de poder evitar a morte por inanição de milhões de chineses. Por vezes o povo se amotina e ameaça desesperadamente ainda mais convulsionar o país; mas, quando chega o arroz, os necessitados sorriem esperançosos, como se fossem criança a receber prêmios em noite de Natal. Naqueles rostos macilentos e marcados por anos e anos de sofrimento, meninos, homens e mulheres de todas as idades, surgem sinais de esperanças e sorrisos felizes, quando podem apanhar do chão alguns grãos de arroz para aumentar, naquele dia, o magro jantar de famintos.

Doloroso drama de uma nação imensa, com uma população que é a maior do mundo, a viver eternamente convulsionada entre sangue, lama e fome. Sangue das guerras, lama das enchentes, fome por falta de arroz, o seu eterno sonho.



EM CIMA e EM BAIXO: Para auxiliar os pais na luta pela aquisição do arroz, crianças chinesas apanham carocinhos de arroz do chão. A DIREITA: Um "sikh" policial ajuda esse pequeno "coolie" a levar para casa a provisão de arroz que lhe coube no pôsto





A BRIMOS espaço nesta página para inscrever como a personagem da semana o ilustre cultor do Direito, Sr. Prado Kelly, nome que se tem imposto à consideração dos brasileiros.

Prado Kelly, intelectual de mérito, caráter reto a serviço de sólida cultura, mantém em nossa vida pública as velhas tradições recebidas de seu pai, Otávio Kelly, nome consagrado nas letras jurídicas do país.

Representante político do Estado do Rio de Janeiro, Prado Kelly tem-se imposto à gratidão nacional pelas suas atitudes de probidade moral na defesa dos interesses do Brasil, dignificando o mandato que lhe confiou o eleitorado fluminense.

Não apenas como parlamentar de raro brilho, Prado Kelly se tornou merecedor da consideração geral como advogado de grandes recursos na seara do Direito, colocando sempre em plano elevado a função social e humana do laureado de Temis.

Nos embates de opiniões político-sociais, sua voz é sempre ouvida com o respeito que sabem inspirar os homens de pro, como acabamos de ver na questão do



umento dos subsídios dos parlamentares, quando Prado Kelly se colocou dentro dos preceitos constitucionais, defendendo o prestígio do Congresso Nacional.

Seu discurso do dia 19 de novembro situou o caso na órbita do Regimento da Câmara, argumentando com raro brilho e segurança lógica, o gravíssimo erro que o Legislativo cometera se prosseguisse na perigosa trilha que lhe estavam a abrir.

Mais uma vez o valor do intelectual, do jornalista, do homem de espírito culto se manifestou no decorrer daquele discurso, todo ele vasado em termos justos, serenos, irrefragáveis, advertindo a Casa de que a falta de observação do Regimento conduziria ao desprestígio de autoridade da Mesa, e, consequentemente, de toda a Câmara.

Educado em ambiente de elevada pureza moral, servo inflexível dos preceitos legais, portador de vastos conhecimentos de Direito Público, Prado Kelly esclareceu a opinião pública, expondo argumentos incontestáveis mostrando ser ilícita a competência individual do projeto de fixação de subsídios e ajuda de custo, atribuição da Comissão de Finanças, e, em sua falta, da Mesa.

CARNEIROS SOBRE A MAGINOT

Logo depois da primeira guerra mundial, o alto comando militar da França tratou de construir um sistema de fortificações nas fronteiras do Reno, por estar certo de que, mais cedo ou mais tarde, seria o país atacado pelos seus tradicionais inimigos — os alemães. Temendo o poder guerreiro do gênio prussiano, a França mandou erguer a famosa Linha Maginot, empregando recursos técnicos de defesa até então inusitados da história militar do mundo. A Linha Maginot parecia ser inexpugnável. Diante disso, os alemães replicaram com a famosa linha "Siegfried", também julgada intransponível. Todos sabemos o destino de ambas. A "Maginot" não chegou a ser vencida, porque Hitler, não respeitando tratados, ordenou que a "Wehrmacht" a contornasse lá pelas linhas belgas, assim invadiu a Holanda, a Bélgica, a França, desmontando-lhe os canhões para apontá-los ao peito da Inglaterra. A "Maginot", pois, não foi subvertida a nenhuma prova. Hoje, porém, o povo francês não acredita mais em simples casamatas em fila como barreira a futuras invasões. Toda a zona da "Maginot" se converteu em zonas de paz e tranquilidade aonde os pastores conduzem seus rebanhos de carneiros a balir ao morno crepúsculo da primavera, numa evocação bucólica de uma pastoral poética. No outro lado, os alemães da inquietada renânia, vão-se convencendo de que já devem olhar o futuro com o espírito pacífico de povo trabalhador e progressista. Sobre a "Siegfried" devem baixar as asas da paz permanente, num dueto de trabalho eficiente e civilizador em que as águas murmurosas do Reno sirvam de cântico de amizade entre dois povos de Ciência e Arte. Os pastores da "Maginot", tangendo seus rebanhos na placidez feliz de uma era de paz, têm como arma única os seus cajados tradicionais como símbolos de paz. E que, de ambas as margens do imenso rio, fraternizem pastores e rebanhos...

PURISMO NA LINGUAGEM

Achamos, com Latino Coelho e Herculano, que, quando um povo perde o amor ao próprio idioma, está na reta de perder também o bem da pátria. Não se está ligando muita atenção ao processo de linguagem corruíta que se alastra no país, deturpando-se a língua nacional de maneira deplorável. Há novidade incrível e o esporte tem contribuído com diversas. Um locutor criou esta expressão intraduzível "um sem pulo", para destacar salto acrobático de jogadores de "football"; um cronista político escreveu que fulano de tal foi recebibilíssimo, e está muito em moda o esquisito substantivo superlativo "campeoníssimo". Não se trata de evolução da língua portuguesa no Brasil, nem influências biológicas da semiologia. Tudo isto é fruto espontâneo da mais triste ignorância. Ao lado, porém, de tais fatos, surgem outros pitorescos e ingênuos. Os excessos de rigorismos vernaculares de gramáticos e puristas do idioma, já fizeram escola e conseguiram prosélitos em todo o Brasil e em Portugal. Achamos que nem tanto, nem tão pouco. Nacionalizar o peregrinismo, mesmo quando haja equivalente em nossa língua, não há nenhum mal. E' procedimento universal para enriquecer léxicos. Agora mesmo ocorre um exemplo dessa intolerância super-sônica a ferir ouvidos puritanos do governo fluminense. Recebendo a Assembléia do Estado do Rio uma deliberação que permitia a admissão no magistério estadual de diplomados por outros Estados, desde que os títulos houvessem sido expedidos por estabelecimentos idôneos e oficiais, o governador Macedo Soares vetou a medida. Qual o motivo? Não é que fosse inconstitucional ou contra os interesses do povo fluminense. Nada disso. Vetou a deliberação porque na mesma havia deslises de redação e, especialmente, pela presença de um galicismo, a expressão "no fundo". E nada melhor como fundamento para afundar bem no fundo...

OLHA A BORRACHA!

O assunto borracha tem causado ao Brasil e aos brasileiros uma série de contrariedades. Nos começos deste século toda a Amazônia sobrenadou em dinheiro graças ao elevadíssimo preço da borracha. Ser garimpeiro era o mesmo que, em 1945, ser zebuzeiro no Triângulo. Sinônimo de milionário. O "paróara" subia o grande rio e se embrenhava no parque fluvial da maior bacia hidrográfica do mundo e enriquecia. O Acre era tão cobiçado que três nações o disputaram, ficando com o Brasil graças ao seu povo e a Rio Branco. Depois veio a derrocada. Crise, falência, decepções. Com a última guerra mandámos milhares de trabalhadores para o Inferno Verde. Era a batalha da borracha. Dizem que mais da metade ficou por lá mesmo. Mortos, transviados, sem destino. O atual seringalista, nome pelo qual se chama ao antigo seringueiro, não foi propriamente ganhar dinheiro; ele se mobilizou como elemento das Nações Unidas para propor-

A TORTURA DE UM PRESENTE

Uma das mais tormentosas preocupações para os que, pela função que desempenham, se vêem na obrigação de dar presentes cerimoniais, é a escolha de tais mimos. Muitas vezes essa questão se transforma em psicose, e, por estranho que pareça, muita gente improvisa viagens, alega enfermidades graves, foge para o campo, afastando-se cautelosamente do momento de nervosismo social. Conhecemos um banqueiro que perdia até o apetite, sentia-se insone, mal humorado, quando se aproximava fim de ano e que ele, como dever social e bancário, era obrigado a distribuir presentes a amigos e depositantes. Uma tortura. Grande aflição de ordem sentimental deve ter envolvido o espírito de nosso embaixador em Londres, sr. Moniz de Aragão, por motivo do nascimento do novo Príncipe de Gales. Na sua qualidade de decano do corpo diplomático, foi o primeiro homem em todo o mundo a ser informado do nome do filho da princesa Elizabeth. E' da tradição do Império britânico. Mas, como cortesia também tradicional, o decano distinguido tem que escolher um presente e, em nome de todos os seus colegas diplomáticos, oferecê-lo ao recém-nascido real. Ai é que começa a agonia. Uma tortura tremenda para uma pessoa nas condições em que ficou situado o nosso simpático embaixador na Inglaterra. Que devia oferecer ao príncipezinho? Não se trata de acontecimento vulgar. Nem apenas do nascimento de um príncipe. E' que, há mais de meio século não nasce um príncipe de Gales, futuro herdeiro da Coroa Britânica. O assunto é complicado e um presente em tais condições faz um cidadão perder o sono e a tranquilidade por muito tempo. Além do mais, o recém-nascido, como membro da mais importante família do mundo, tem sob seus pés cinquenta milhões de quilômetros quadrados e seiscentos milhões de súditos... O nosso embaixador estava em brasas, quando uma idéia salvadora lhe ocorreu: Eureka! E ofereceu ao príncipe um serviço completo de prata. Com certeza serviço de chá.

TRÊS ERROS

Há na tradição boemia desta capital, aquela anedota, que, segundo afirmam, corre por conta do incorrigível poeta Emílio de Meneses, o Rei do trocadilho brasileiro. Pediram-lhe que dissesse, imediatamente, qual a palavra na qual pudessem haver três erros. E o gordão comedor de empadas da Pascoal, respondeu em cima da bucha: cerconstância. Foi um sucesso. A anedota nos faz citar agora este caso recente: um matutino carioca, homenageando a memória de Tiradentes por ocasião do segundo centenário de seu nascimento, censurou os poderes públicos pelo fato de nada terem promovido que relembrassem tão importante acontecimento. No dia seguinte, porém, alto funcionário público varre sua testada e pede uma retificação ao diário, esclarecendo em carta que "O Departamento dos Correios e Telégrafos não esqueceu a data histórica, porque a comemorou com a emissão de dois milhões de selo postal da taxa de 40 centavos, usando ainda três carimbos comemorativos obliteradores, alusivos ao fato, que foram utilizados na sede da Diretoria Regional desta capital, na sede do Palácio Tiradentes (Câmara dos Deputados), onde estivera preso Tiradentes, e na agência postal de São João d'El Rei, antiga cidade de Vila Rica, lugar em que nasceu o mártir de nossa independência política". Pelo que parece, os fatos mais culminantes de nossa História, suas cidades e toponímicos precisam de urgente revisão, para o que chamamos a atenção do dr. Leite de Castro, do Instituto de Geografia e Estatística deste país. E' evidente, o missivista cometeu três erros naquelas asserções: em primeiro lugar, Tiradentes nunca jamais esteve preso no edifício da Câmara dos Deputados, Palácio Tiradentes; em segundo lugar, não nasceu o alferes Joaquim José da Silva Xavier, na cidade de São João d'El Rei; e, finalmente, São João d'El Rei nunca se chamou Vila Rica...

ANO XLVII

REVISTA DA SEMANA

N.º 49 — 4-12-1948

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 270,00	Seis meses	Cr\$ 140,00

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro
Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corresp. - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguilar Mer Jonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituintes 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-prensa" - Florida, 299 - Tel.: 32. Av. 9109, Buenos Aires.

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Se publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSISTE DE 60 PAGINAS



Informa-se de Washington que o sr. Alben Barkley, vice-presidente dos Estados Unidos, visitará o Brasil, Argentina e Chile nos fins do corrente ano. Vem a inspirar cuidados o estado de saúde do rei Jorge VI, da Inglaterra. O Papa Pio XII, falando pela emissora do Vaticano, diz ser provável a beatificação de Pio XI durante o próximo "ano santo", isto é, o ano de 1950. Inquietação na Venezuela, sem maiores esclarecimentos. Aumenta o preço do trigo argentino para 23 pesos por quintal. Prossegue encarnizada a luta entre comunistas e nacionalistas na China. Prêsa nova quadrilha de traficantes de maconha. Descontentes com o aumento de 50% em seus salários, os marinheiros nacionais realizam uma passeata de protesto, sendo dissolvidos a bombas de gás lacrimogênio, resultando daí vários feridos. Tojo e mais seis outros líderes japoneses da Segunda Guerra Mundial são condenados à morte, por crimes de guerra, pelo Tribunal Militar Internacional do Extremo Oriente. Tem início a construção de uma centena de casas populares em Pernambuco. Novo diretor para o Departamento Nacional de Imigração. Exposto, na Galeria Cruzeiro, o "Livro Negro" em condenação ao pleiteado aumento de subsídios, projeto de autoria do deputado Negreiros Falcão. Discussões em torno do Plano Salte, na Câmara. Informam de Belém do Pará que vinte e cinco santas choram copiosamente ali, o que tem despertado os comentários mais controversos de milhares deromeiros que vão assistir ao estranho fato. Anuncia-se a vinda ao Rio do compositor inglês William Walton. Marcado para dezembro próximo o campeonato sul-americano de pugilismo. Descoberto mais um violino Stradivarius, na Itália, cujo valor é de dois milhões de cruzeiros. Um jovem químico paulista assassina de maneira bárbara a mãe e a irmã, suicidando-se dias depois, sem que se saiba o motivo desta hedionda tragédia. Regressa do norte do País o ministro Armando Trompowsky. Aumento para as autarquias e funcionários municipais. Opõe-se a França à devolução da região do Ruhr à Alemanha, o que, no dizer dos representantes franceses, voltaria a instituir no mundo o perigo germânico já fartamente comprovado. Acidente com um avião do Aero Clube da Bahia, perecendo seus tripulantes. A União Soviética, na O.N.U., rejeita o Plano Bernadotte para a Palestina. Na Câmara dos Deputados continuam acesos os debates a respeito do "projeto Negreiros Falcão", por muitos considerado como "inconstitucional e inconveniente". O Papa recebe, em audiência especial, os guardas-marinhas brasileiros do navio-escola "Almirante Saldanha", presentemente em Nápoles. Greve de três mil motoristas de caminhões e dos estivadores do porto de Nova York e de outros portos da costa do Atlântico. Deposto pelo Exército o presidente Romulo Gallegos, eleito recentemente presidente da Venezuela por quase unanimidade da massa popular venezuelana. Afirmam de Paris que a próxima reunião da Assembléia Geral da O.N.U. terá lugar em Nova York. Em reportagem publicada num vespertino da cidade é esclarecido o esplêndido nível de vida na Argentina, "onde os patrões disputam os empregados". Pedido o adiamento de mais uma semana para a execução dos líderes nipônicos condenados à morte. A Embaixada da Argentina desmente o boato tendencioso de que aquela grande república platina desejaria invadir o Paraguai. Faleceu subitamente, quando apresentava um parecer na Comissão de Finanças da Câmara, o deputado Leopoldo Peres. Em grandes atividades a campanha contra o câncer, inaugurando-se diversas exposições sobre o assunto, além de serem pronunciadas conferências sobre o palpitante e importante tema. Novos desastres de ônibus na cidade, sempre com número considerável de vítimas. Casamento da atriz brasileira Bibi Ferreira. O prefeito Mendes de Moraes veta o projeto que lhe concederia aumento de vencimentos. Enfermo o ex-presidente Romulo Gallegos, inspirando cuidados o seu estado de saúde. Regressa da Bahia, onde visitou o vale do São Francisco, o presidente Eurico Gaspar Dutra. Informa-se que será transferida de São Paulo para Natal a Escola Técnica de Aeronáutica. Novas teses debatidas no I Congresso para Estudos dos Problemas do Distrito Federal. "Rentrée" do Conjunto Coreográfico Brasileiro, de Vaslav Vetchek.



No dia seguinte . . .

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não for prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos forem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo dêsse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca :
Ventre-Livre não é purgante



1º PREMIO
5 MILHÕES
de cruzeiros
2º PREMIO
4 MILHÕES
de cruzeiros
3º PREMIO
3 MILHÕES
de cruzeiros
4º PREMIO
2 MILHÕES
de cruzeiros
5º PREMIO
1 MILHÃO
de cruzeiros

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

JUSTIÇA DEMOCRACIA PAZ

Discursos e alocações de
HAROLDO VALADÃO

Livraria José Olímpio
Rio de Janeiro
1948

Este livro vem, rigorosamente falando, constituir o segundo tomo do publicado em 1943, com o título "Direito Solidariedade Justiça". Como daquela primeira vez, não há agora vírgula entre as palavras emblemáticas. A princípio poder-se-ia imaginar ali apenas uma supressão da oficina impressora. Todos os autores estão sujeitos a esses equívocos ou distrações — quando se não verifica na alteração o propósito de modificar, emendar. No presente caso, porém, obedeceu à vontade do escritor aquele abandono da pontuação. Sem dúvida o sr. Haroldo Valadão quis significar graficamente como, no seu entender, tais vocábulos não somente eram inseparáveis mas formavam um só corpo, uma só expressão. E, homem de lei e de boa linguagem, sem dúvida estava no seu direito.

Nos dois volumes a mesma obra se desenvolve e acentua, à mercê dos ensejos que ao autor se vieram deparando para propagar uma doutrina, afirmar e comunicar um ideal. Há nesta individualidade de jurista e sociólogo qualidades essenciais para a dupla missão que incessantemente o preocupa e que ele não perde ocasião de exercer. Entre esses predicados indispensáveis, estão a inteligência esforçada e o ardor do temperamento. O combate das idéias no campo da eloquência representa no sr. Haroldo Valadão uma tendência do sangue e uma aspiração do sentimento. Tão naturais e espontâneos são os impulsos da sua natureza de paladino que lhe exigem uma espécie de obediência incondicional. Não dependem do preparo de gabinete nem de qualquer outra regra que porventura ele desejasse impor à sua expansão. Se tem de falar de improviso, o tribuno acompanha, com rara fidelidade — talvez apenas com um pouco mais de veemência no estilo — o saber, a orientação elevada, a convicção profunda com que o homem de letras compõe os seus livros tão meditados nos conceitos e de forma tão escrupulosa. Bem recentemente, na cerimônia da posse do sr. Pedro Calmon como reitor da Universidade do Brasil, um motivo de saúde, embora passageiro, impediu um dos oradores inscritos de comparecer. Solicitado, no último momento, a substituí-lo, o sr. Haroldo Valadão discorreu com a mesma segurança de exposição e o mesmo prestígio convincente que dominam nos seus livros. Talvez em "Justiça Democracia Paz" haja orações de momento, fixadas, salvas pela estenografia. Parainfo de bacharelados, presidente do Instituto da Ordem dos Advogados, representante da sua Faculdade ou do seu país em congressos e conferências no estrangeiro, algumas vezes teria que usar da palavra quando ele próprio não contava com isso. Se realmente assim aconteceu; se alguns dos trinta trabalhos que se contém no presente volume teve essa origem ocasional, bem difícil será agora separá-los dos outros. Todos trazem a mesma feição idealista e doutrinária, para igualmente se fazerem respeitar.

O FUNDADOR DO CARAÇA

Monografia de **AUGUSTO
DE LIMA JUNIOR**

Edição do autor
Rio de Janeiro
1948

O famoso Colégio de Caraça não devia ter nada de simpático para os alunos de outro tempo. Sem dúvida estes começavam por lhe ter medo. Dele se arreavam antes mesmo de o conhecerem. A própria palavra inspirava aos jovens positivo terror. Bem longe de os atrair por qualquer atributo ou aspecto, logo pela designação os intimidava. Não era propriamente uma tabuleta, aquilo, mas uma espécie de espantalho. Encaminhando-se para o estabelecimento tão famoso em Minas e São Paulo, pelo menos, não haveria rapaz que não imaginasse um diretor e um grupo de professores, todos êes de fisionomia dura, cerrada, ao mesmo tempo grotesca e tirânica, sempre a fazer perguntas difíceis e a proferir fórmulas de mais ou menos cruel punição. Caraça... Era ainda mais hostil, como imagem ou símbolo, do que Careta, Carão, Carranca ou Carantonha. E pensar ainda que o ensino do latim era ali ministrado com uma insistência e um rigor que tornavam a língua morta para sempre inesquecível.

Também o sr. Augusto de Lima Junior foi interno do Caraça, mas nem por isso lhe ficou querendo mal algum. Ao contrário: trouxe e ainda hoje tem saudades dele. E por isso mesmo se dedicou a estabelecer-lhe a exata origem e a apurar, de maneira a pôr termo às dúvidas sobre tal caso existentes, a identidade do seu fundador. No desempenho consciencioso de tal tarefa, começou por destruir a lenda segundo a qual se trataria de um fidalgo envolvido na conspiração contra El Rei D. José e portanto contra o seu grande ministro marquês de Pombal; e de averiguação em averiguação, dedução em dedução, se encaminhou para a verdadeira personalidade de frei Lourenço de Nossa Senhora, fundador, na serra do Caraça, do colégio que dela tirou o nome. Para isso, de muito, naturalmente, lhe serviu a sua estada em Portugal, onde lhe foram facultados, em museus e arquivos, todos os elementos necessários para o seu trabalho. E assim o sr. Augusto de Lima Junior compôs estas cento e cinquenta páginas, onde a exposição é sempre clara e tudo se harmoniza para tornar a leitura perfeitamente agradável.

A DESINTEGRAÇÃO DA MORTE

Extensa fantasia e trabalhos
menores, de
ORIGENES LESSA

Edições Cruzeiro
Rio de Janeiro
1948

além de convincente, que nos levasse a aceitar o absurdo ou chegasse a dar ao impossível o prestígio da realidade. Julgamos ter indicado assim a natureza e o valor da novela quimérica de que vem o batismo do presente volume.

Ao cabo de muitos anos de intensa pesquisa e de experiências quase sem resultado, o cientista Klepstein obtem aquilo a que chama a "desintegração" da Morte. Nesse momento mesmo, invade-lhe o gabinete um bando de sicários, com metralhadoras e capitaneados pelo grande industrial Dobson, da Dobson Ammunitions Inc., o qual esperava chegar a tempo de evitar o remate da portentosa descoberta. Mas a fusilaria que vai crivar o corpo do sábio, da cabeça aos pés, não faz que ele deixe de existir. Porque ninguém mais, à face da Terra, perderá a vida terrena. Nem pelo ferro, nem pelo fogo, nem pelo veneno, nem pela eletricidade, nem por enfermidade ou desastre de natureza alguma. Começa a ruína das instituições e empresas que, ou servindo a Morte ou a combatendo, a exploravam e o desemprego de todos os indivíduos que dela profissionalmente dependiam. O operariado das fábricas de armamentos, o pessoal dos laboratórios, todos os médicos e farmacêuticos, funcionários de seguros de vida, agentes funerários... Do mesmo mal padecem os servidores da Religião, pois que, não tendo fim esta existência, deixa de haver necessidade de se pensar na outra — e bem assim todos os componentes e dependentes das classes armadas, cujo mister perdeu a eficiência e por conseguinte a razão de ser. Enfim, toda essa gente se poderia manter, arranjando outros ofícios, outras ocupações. Mas a catástrofe das catástrofes vem a ser, com o tempo, a noção, cada vez mais aflitiva, da eternidade. Pensem os homens que dali por diante farão e presenciaram as mesmas coisas, sempre, sempre, para todo o sempre... Que horror, que desespero! Nem sequer o recurso do suicídio! E a história termina quando governos, parlamentos, academias, todos os pensadores e todos os influentes nos destinos da humanidade imortalizada cuidam, com extremo empenho, de obter a "reintegração" da Morte.

Procurando apanhar a linha mestra e o sentido geral da novela, fomos forçados a deixar de parte episódios que, pelo poder impressionante ou o efeito burlesco; a índole de drama, farsa, elegia ou anedota, sempre a aformoseiam e valorizam. E em verdade, batizando o livro, a novela inicial define os outros trabalhos, porque todos participam da energia de concepção e da veemência expressiva da Desintegração da Morte. É uma série multifórmica e variegada, que vai da tragi-comédia Nós, o mar e Conceição, encerrada com empolgante quadro de naufrágio; passa pelo Instituto Nacional do Amendoim, sátira formidável à ditadura e ao filhotismo, que um manejador do sarcasmo como Octave Mirbeau gostaria de ter escrito; interpreta a psicologia dum utensílio caseiro no Drama do

capacho; trata outros assuntos patéticos ou hilariantes; e vem findar nos Olhos em diagonal, em que uma pobre estropeada, de semblante afável, viajando diariamente de ônibus, finge corresponder aos olhares curiosos, logo ardentes, de algum passageiro, para, à saída, sorrindo, lhe infligir a mais desconcertante decepção e assim exercer, talvez, "a sua maneira de se vingar da vida". São páginas que verdadeiramente prendem e com frequência entusiasma. Poderíamos acentuar como, no estilo do sr. Orígenes Lessa, surgem, às vezes, mesmo fora dos diálogos, maneiras de dizer que, mais ou menos, destoam da sua dignidade literária. Mas para que? Já a respeito de outros autores de elevado merecimento aqui fizemos idêntico reparo, reconhecendo, no entanto, a sua inutilidade — porque, realmente, essas coisas, hoje em dia...

ODES DE ANACREONTE

Tradução e anotações de
ALMEIDA COUSIN

Irmãos Pongetti Editores
Rio de Janeiro
1948

Nesta obra se combinaram ditosamente o erudito e o poeta. A tarefa que o sr. Almeida Cousin se impôs, bem lhe medindo as exigências e sem receio de desânimo ou impaciência que a prejudicasse, começava pela escolha de criações autênticas, indubitáveis, do cognominado, entre outros epítetos imortais, "Ancião de Téo" e "Poeta do amor e do vinho". Muitas coisas a tal respeito se têm afirmado e contestado. A primeira coletânea de "Odes de Anacreonte" publicada em francês trazia a assinatura do notável helenista e lexicógrafo Henri Estienne — que, por sinal, se arruinou com os seus próprios trabalhos e veio a morrer no hospital de Lyon. Mas em breve aquelas odes eram formalmente condenadas, afirmando-se e, tanto quanto possível em tais casos, se provando, que, de duas, uma: ou provinham de outros vates mais ou menos da época ou não passavam de imitações, "pastiches", engenhosos sem dúvida, mas nem por isso capazes de iludir os verdadeiros estudiosos da matéria. E o que, no público leitor, mais influiu para o descrédito de Estienne foi a circunstância de ele não exibir nem claramente indicar os textos de que se teria servido para a tradução...

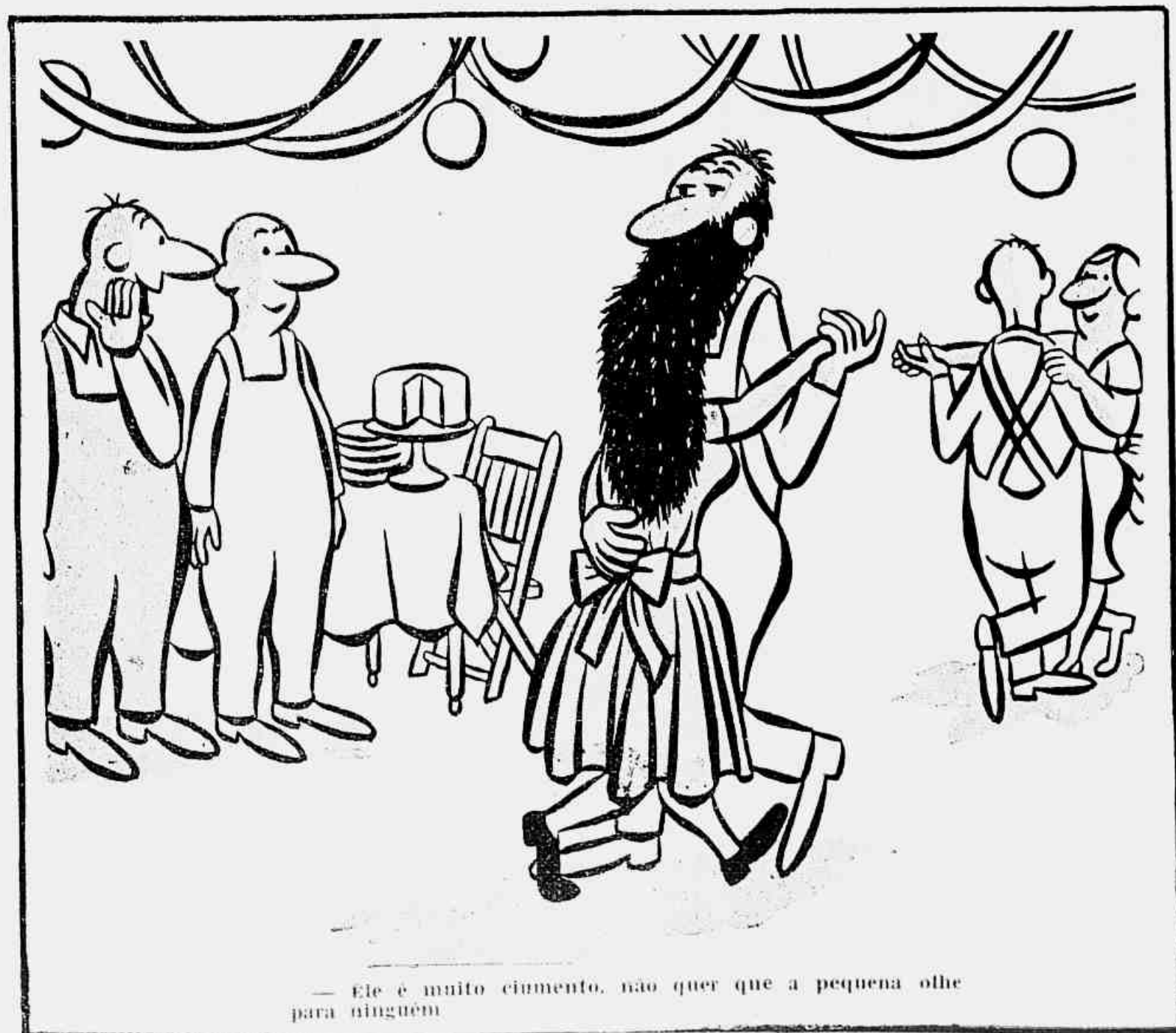
O sr. Almeida Cousin compulsou enciclopédias, correu bibliotecas, desenvolveu enorme esforço até chegar a averiguações que inteiramente o satisfizessem. E da labuta sapiente passou ao capricho de artista. Não se contentando em transplantar, como ordinariamente se faz, linha a linha e mais ou menos à letra, correspondentemente à forma original, aplicou-se a metrificar e rimar tudo aquilo, conseguindo, em geral, escoreitos e melodiosos versos. Para isso, teve que se valer do recurso expletivo e até empregar frases exclusivamente suas — conforme declara, indicando como reconhecermos os pontos onde se deu a forçosa, imprescindível modificação. E agora nos dá, em páginas fronteiras, de um lado, em "cliché", os versos anacreonticos e do outro os seus. Eis a composição do sr. Cousin Outro Sileno, em octossílabos:

Se, na verdade, já sou velho,
Melhor que os moços beber sei
E, se preciso for que eu dance,
Brandindo um odre, dançarei.
(Pois, se sou rei, desde que reino,
Eu de outro cetro nunca usei.)
Se alguém quiser lutar comigo,
Que me apareça: lutarei.
(A luta é báquica ou poética:
De armas não gosto. Isto sabe.)
A minha taça — andai, crianças!
Doce de mel e vinho ameno
Bem misturados me trazei!
Se já sou velho, em vinho e danças
Não sou menor do que Sileno
E, ainda a imitá-lo, dançarei!

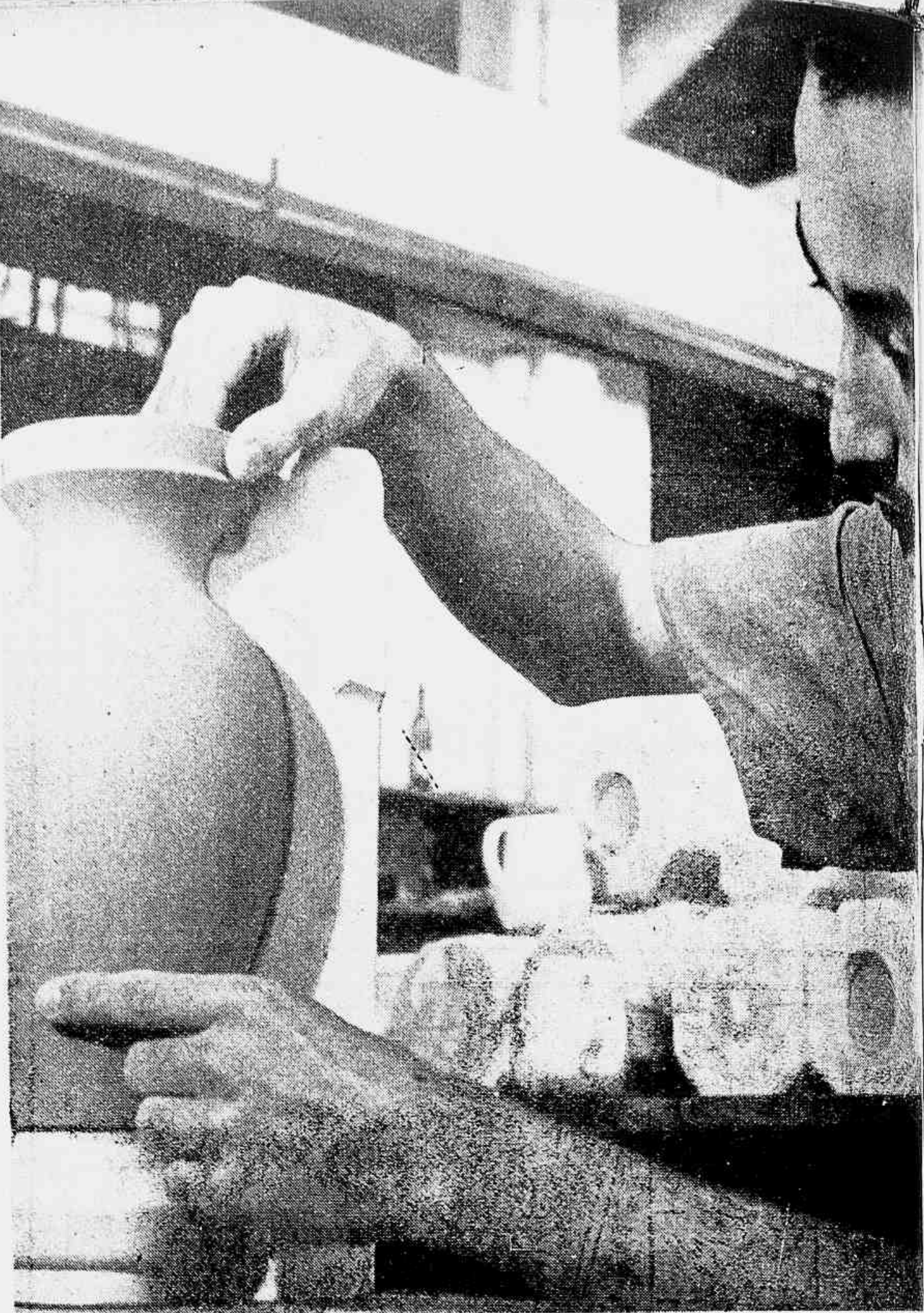
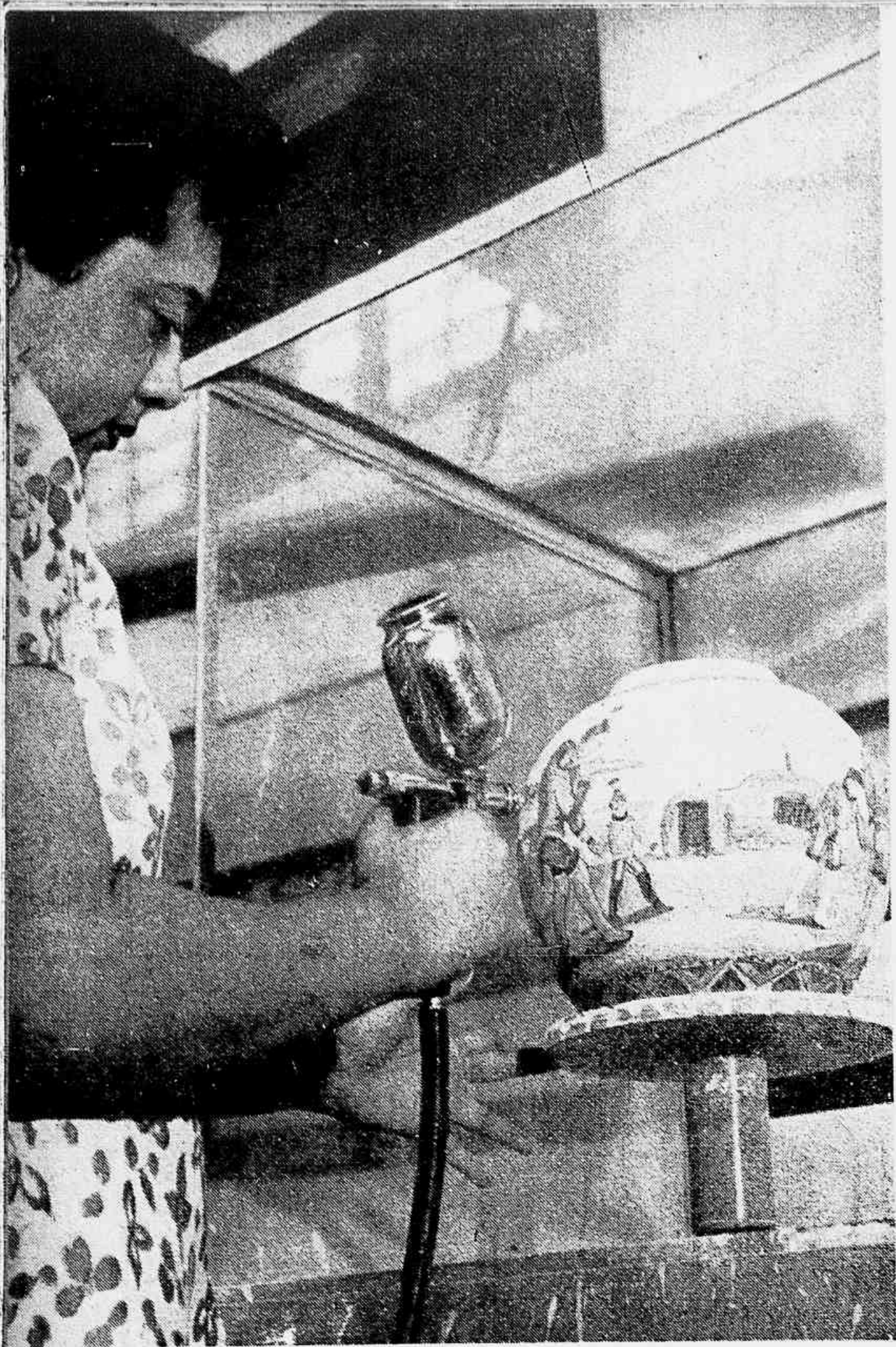
RECEBEMOS:

Os sermões de Gil Vicente e a arte de pregar, pelo professor da Universidade de Coimbra Joaquim de Carvalho, extrato da revista "Ocidente". Lisboa, 1948.

Boletim da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, número de outubro e novembro deste ano, que contém, além de variada matéria, quer de redação quer de colaboração, a peça do sr. Armando Gonzaga "O poder das massas". Rio de Janeiro, 1948.



**BOM
HUMOR**



Em cima — ESMALTANDO — Outra fase da preparação de um vaso. A secretária Lea Gama é uma perita no assunto. UM VASO RECEM-FUNDIDO — Dai seguirá para a seção de modelagem e decoração. O barro fresco é melhor para o trabalho. Em baixo — ALUNA DO POTE CLUBE decorando um vaso artístico. Qualquer falha e põe todo o serviço a perder. DEPOIS DE TRES DIAS de calor o vaso é retirado do forno à temperatura muito alta



Ao alto — UMA ALUNA DO POTE CLUBE seriamente compenetrada da sua tarefa de decoração. Em baixo — Medalhão de porcelana brasileira ("Guerreiro Umutina"), de De Vincenzi, apresentado no II Salão de Cerâmica Brasileira, realizado este ano, no Rio

DESVENDANDO A FORJA DE CERAMISTAS

Texto de **PÉRICLES LEAL**

★

Fotos de **ARNALDO VIEIRA**

OS preconceitos e a falta de esclarecimento do nosso povo tem contribuído em grande parte para o atraso do Brasil nos ramos mais simples das artes ou mesmo da indústria. Uma «novidade» quando passa a ser adotada entre nós, é que já caducou de há muito no seu país de origem ou nos centros de maior desenvolvimento artístico e social.

Ora, vejamos o caso da cerâmica. A arte de tirar partido das propriedades plásticas da argila data de muitos anos antes de Cristo, vindo em perene desenvolvimento em todos os países do mundo, alcançando, mesmo, em alguns deles, pontos de uma culminância verdadeiramente intransponível. E é bom notar de passagem que esses pontos não foram superados até hoje, mesmo quando a perfeição foi alcançada entre povos considerados «bárbaros» ou sem conhecerem os benéficos ensinamentos da civilização...

Entre nós, por exemplo, os nativos da ilha de Marajó lograram uma solução plástica até agora considerada admirável pelo seu bom gosto, pela sua finura e, acima de tudo, pelo conteúdo documental, pois atestam até que ponto eram requintados aqueles nossos antepassados, julgados tão severamente por alguns cronistas europeus como antropófagos e estúpidos.

Talvez tenha partido daí, justamente, a oposição dos meios chamados elevados do país contra a cerâmica. Ora, coisa feita por índio não poderia prestar... Partindo desse julgamento errado, snob, e condenável por todas as maneiras — a gente «cult», assim como a gente rica do Brasil negou-se reconhecer o grande valor da indústria cerâmica, não apenas como indústria, mas em parte considerável como uma vigorosa demonstração de uma manifestação artística de tão profundas raízes no passado, mas que sempre se nos apresen-





A SALA É PEQUENA para comportar todas as entusiastas da cerâmica. Na ilha de Marajó era muito diferente.



O TECNICO FRANCES André Louis Rochas e os seus pupilos quando faziam a abertura do forno de secagem.



A AULA DE DECORAÇÃO requer muita atenção. Apenas uma ou outra palavra vem perturbar o fio dos trabalhos.

ta diante dos olhos como uma coisa nova, robusta, devido talvez a seguir de perto a inquietude destes nossos dias.

ARTE REQUINTADA

É bem verdade que a arte cerâmica é acima de tudo requintada. Um homem sem nenhuma cultura não poderá compreender o valor desmesurado que se dá a um jarrozinho alemão do ano de 1709, pote espanhol de 1830 ou qualquer dessas pequeníssimas obras-primas em porcelana de que os museus se encontram cheios para gozo dos estudiosos do assunto ou dos simples apreciadores.

Mas a verdade é que a beleza pura de uma faiança comove qualquer indivíduo que possua sensibilidade. Os tons simples empregados pelos ceramistas holandeses, por exemplo, os seus tons abertos, às vezes meio escuros como estudos de Rembrandt, representam todo um atestado do gosto artístico de um povo, porquanto é nessas pequenas obras-primas que estão gravadas de maneira admirável e tão simples, contudo, as demonstrações do grau de civilização de um povo.

O estudo dos Maias e dos Aztecas foi feito especialmente pelos seus esplêndidos trabalhos neste gênero, apesar de os seus magníficos templos terem testemunhado em grande parte a grandiloquência desses dois povos tão adiantados no tempo e no espaço. Entre nós, conforme já salientamos, os selvícolas da ilha do Marajó, no extremo norte do Brasil, alcançaram um grau elevadíssimo de requinte e bom gosto na confecção dos seus utensílios de uso diário.

Muitos leitores não podem ocultar o seu pasmo diante do trabalho dos índios brasileiros, impossível que é negar a sua extraordinária beleza e a pureza de suas concepções.

É de adiantar-se, contudo, que aqueles nossos antepassados se entregavam à cerâmica especialmente para «matar o tempo». Indolentes por vocação, os índios brasileiros entregavam todos os afazeres cotidianos às mulheres e deixavam-se ficar apenas com o encargo das caças e, eventualmente, das guerras. Ora, como o tempo vago entre duas coisas era enorme, fazia-se mister empregá-lo em algo que tanto desse prazer ao desocupado, como tivesse alguma utilidade prática.

O gosto pelas cores vivas, pelos enfeites que a alguns parecem espalhafatosos, fizeram dos índios brasileiros perfeitos estetas. Adoravam pousar o olhar sobre um belo cocar de penas das mais variadas cores. Por isso a arte cerâmica marajó se reveste de tanta originalidade, deixando de boca aberta muito sabichão que sempre julgou os primeiros habitantes do país num nível baixo e injusto, portanto.

O requinte da arte cerâmica, contudo, tornou-a impopular. O povo, sem nenhuma instrução, antigamente, negava-se aceitar aqueles «bibelôs» como algo de utilidade. E se alguém chegava a adquirir algo assim, era para enfeitar a casa e não para uso diário. E a chamada elite não queria aceitá-la como uma manifestação artística das mais robustas.

A VITÓRIA DA CERÂMICA

No entanto, a passagem dos anos, lenta e sábia, encarregou-se de colocar tudo em pratos limpos. E talvez tenha sido o povo da Europa que fez ver aos nacionais o tesouro que eles estavam deixando passar sem que lhes merecesse o mínimo comentário de aprovação, mas quase sempre de desdém.

As famílias europeias, os estudiosos estrangeiros e, posteriormente nacionais, descobriram, aos olhos dos snobs e da gente menos esclarecida, a cerâmica.

É de tão desprezada que fora antigamente, de certo tempo para cá tem estado na moda, sendo «chic» possuir qualquer utensílio dos que têm sido fabricado pelos ceramistas nacionais.

No entanto, não podíamos deixar passar esta oportunidade de fazer uma observação oportuna: muita gente pensa que os pratos, jarros e xícaras

lindamente decorados não devem ser usados comezinhamente e os trancam a sete chaves, servindo de meros enfeites como qualquer «bibelô». É um erro. Basta lembrar que os primitivos habitantes deste país, chamados de «bárbaros» e «atrasados», estavam muito adiante disto e não utilizavam os seus utensílios para enfeite... E eles eram os «selvagens»!

RENASCIMENTO DA CERÂMICA NACIONAL

O Segundo Salão de Cerâmica Brasileira, realizado há alguns meses na Sala da Mulher Brasileira, no Museu Nacional de Belas Artes, veio mais uma vez suscitar os mais vivos comentários sobre a cerâmica brasileira.

De fato, essa iniciativa veio consolidar de maneira magnífica o interesse dos cariocas pelo trabalho dos artistas-artífices nacionais.

Com uma grande e variada mostra de trabalhos, onde expuseram nada menos de noventa e três artistas, de várias nacionalidades, como sejam: norte-americanos, poloneses, italianos, finlandeses, portugueses, argentinos, holandeses, japoneses, franceses e húngaros, para não citar os nacionais, que foi a grande maioria — o segundo Salão de Cerâmica Brasileira ofereceu uma vigorosa demonstração dos alentados passos que vem dando a cerâmica do Brasil neste seu período de renascimento entre nós.

O justo triunfo alcançado por De Vincenzi e seus companheiros, logrando os aplausos unânimes, tanto da imprensa quanto do público, vem deixar patente o grau da nossa evolução neste gênero, o que representa, sem dúvida, um acontecimento digno de nota.

As dependências do Museu Nacional de Belas Artes que acolhiam os trabalhos dos ceramistas nacionais estiveram sempre superlotadas de visitantes, apreciadores e colecionadores. E, segundo estamos seguramente informados, o êxito foi compensador.

FORJA DE CERAMISTAS

Como não podia deixar de ser, a atenção dos poderes competentes foi atraída para o «caso» da cerâmica que de repente se criou. E num instante foi instituído um curso de cerâmica, com todos os seus períodos divisionários, na Escola Técnica Nacional, contando com um corpo de professores especializados, inclusive um técnico em cerâmica industrial vindo da França, o prof. André Louis Rochas.

E ali, em Engenho Velho, na rua General Canabarro, no edifício da Escola Técnica Nacional, ocupando algumas de suas dependências, fomos encontrar o que chamamos a **forja de ceramistas**.

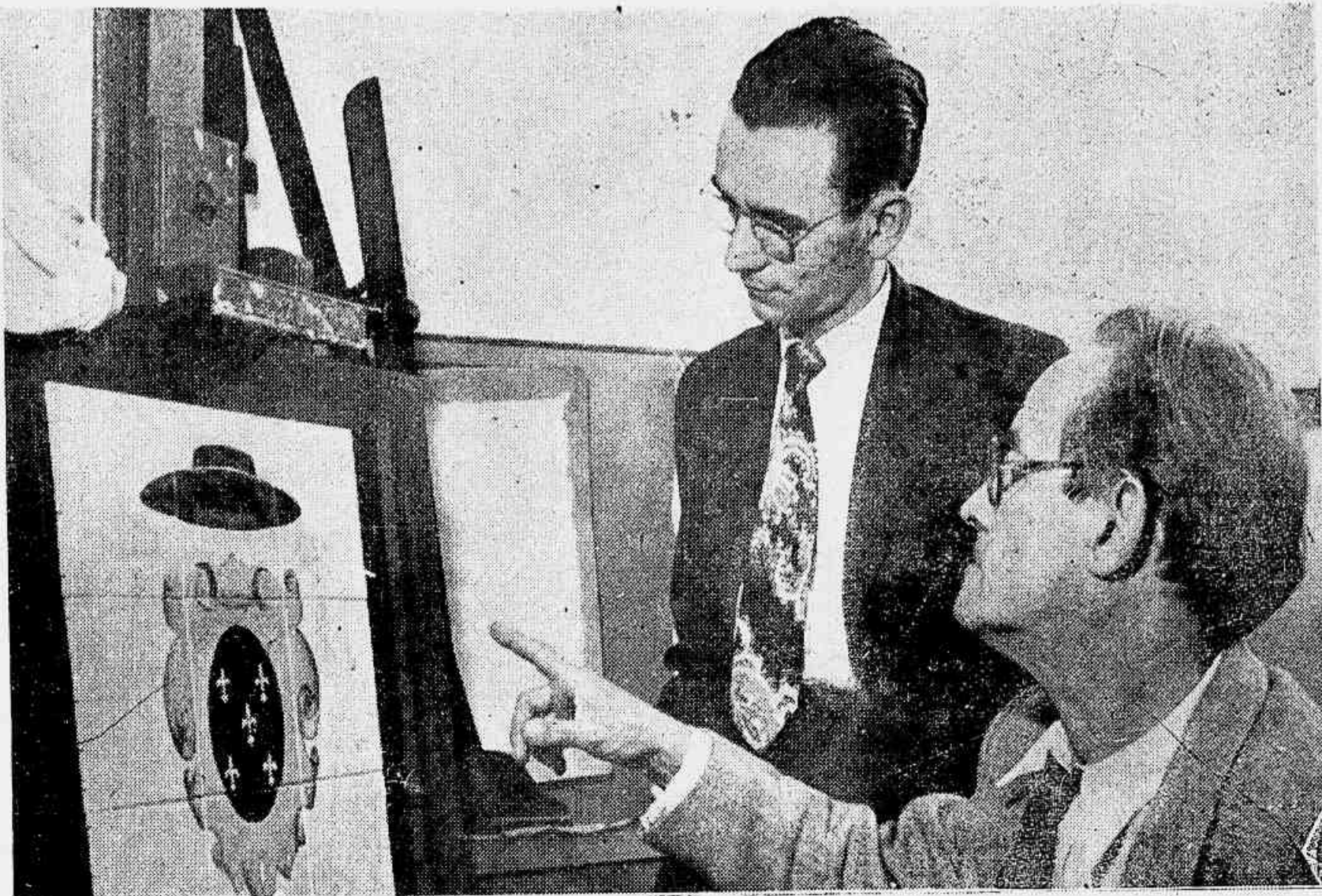
Contando com mais de uma centena de aprendizes, o curso da E. T. N. vem desenvolvendo suas atividades em meio a um entusiasmo constante por parte de alunos e professores que parecem ter uma missão a cumprir para ocupar um lugar na história. Poucas vezes temos presenciado tanta dedicação e tanto ânimo no trabalho quanto o que presenciamos no curso de cerâmica da E. T. N.

Ali, orientados pelos professores Moreira Junior, André Louis Rochas e Guttman Bicho, os cento e trinta alunos recebem os ensinamentos práticos fundamentais para se tornarem bons artistas ceramistas.

O que pudemos notar, igualmente, e que não deixa de ser uma nota de grande sensação e curiosidade, é que o elemento predominante entre os alunos é o elemento feminino, que é a grande maioria.

E nas aulas da semana, vemos uma centena de cabeças atentas, uma centena de unhas esmaltadas nas mãos artífices, atenciosas, inteiramente voltadas para o trabalho da modelagem ou pintura.

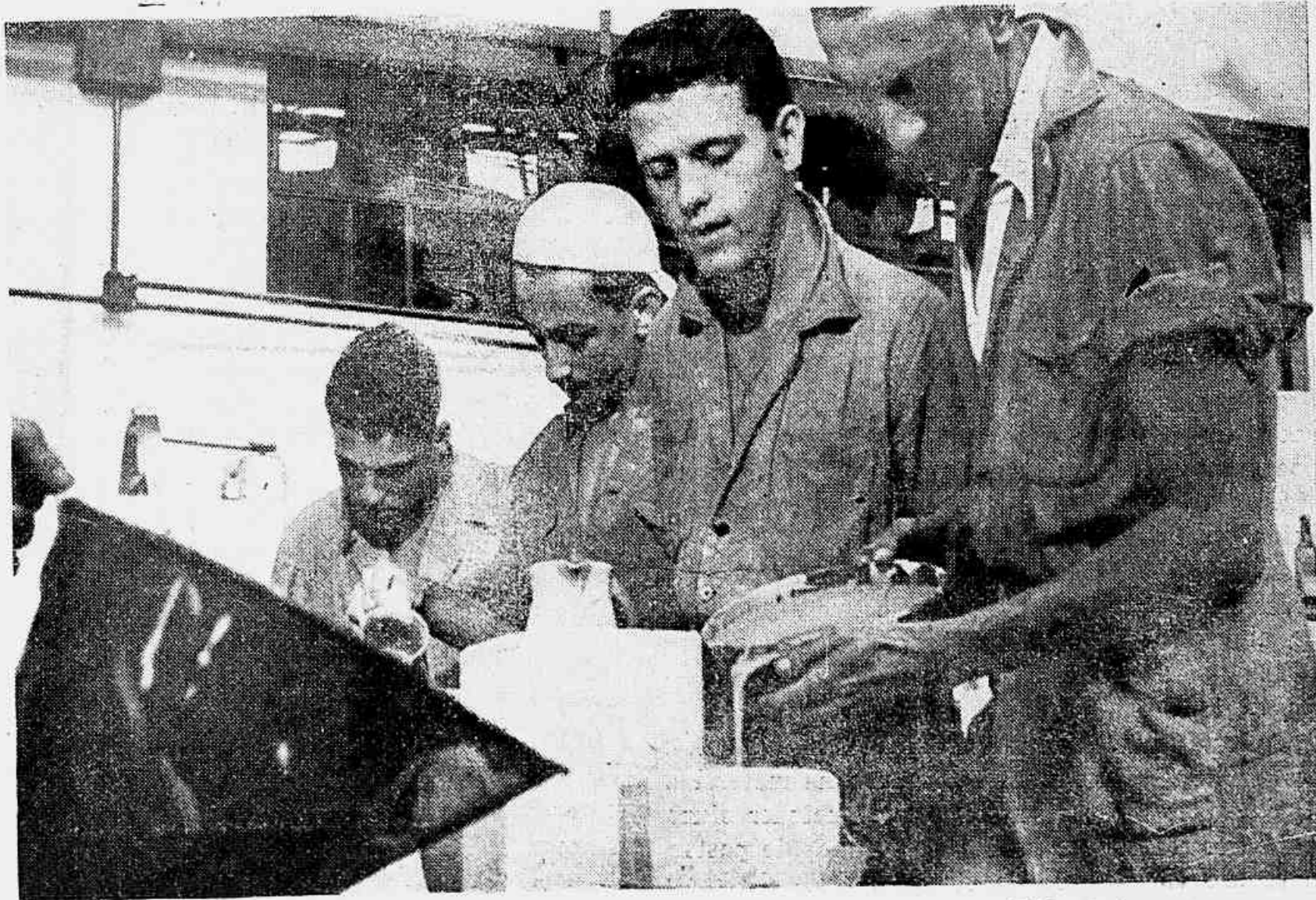
Lá encontramos senhoritas e senhoras pertencentes a todas as classes sociais, professoras públicas, donas de casa, funcionárias de ministé-



O PROF. GUTTMAN Bicho explica ao repórter os "mistérios" da decoração



NA SEÇÃO DE MODELAGEM as alunas travam contacto com o professor Moreira Junior e a sua voz mansa



PREPARANDO OS FUTUROS belos vasos que adornarão as residências. Esta é a fase da fundição



A RAINHA DA CERÂMICA — Eis uma sugestão para um novo concurso de "Miss". Esta bem que merece o título.

rios, estudantes e uma bolsista do Governo do Chile, a «señorita» Milagros Velloso.

Aliás, no curso de cerâmica estão representados não apenas todos os estados da União, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul, assim como diversos países sul-americanos, o que não deixa de possuir o seu interesse, uma vez que o intercâmbio entre os povos da América do Sul vem sendo uma nota de preocupação dos governos do continente que não têm poupado esforços para incentivar, cada vez mais e de maneira mais fecunda possível, o intercâmbio artístico e cultural entre os moços dos diversos países da grande comunidade sul-americana.

E quando chega a hora do início da aula, vemos entrar em turbilhão toda aquela gente estudiosa que, nem bem chega, vai logo procurando seus trabalhos, dando início à tarefa do dia sob a vista atenta dos professores.

Antes de iniciarem-se nos segredos da cerâmica, os alunos são instruídos fartamente na matéria a que se irão dedicar. Assim é que qualquer aluno sabe que existe uma infinidade de tipos de pastas, mas são em número de cinco os tipos de base:

a) As porcelenas de estrutura vitrificada e translúcidas;

b) Os grés de estrutura vitrificada, mas opacas;

c) As faianças duras e tenras, de estrutura mais ou menos rasa;

d) Rastas de olarias de porcelana ou de faiança, das quais é fabricada a louça de mesa e artística;

e) E as rastas de olarias de grés ou faiança dura das quais se fazem as louças para banheiro.

Os objetivos primaciais do curso de cerâmica da Escola Técnica Nacional, segundo nos declarou o técnico Rochas, é de formar o ceramista industrial com também inculcar-lhe uma segura orientação artística, afim de poder dotar as nossas fábricas de elementos capazes de colaborar eficientemente no desenvolvimento da arte e da indústria cerâmica brasileira.

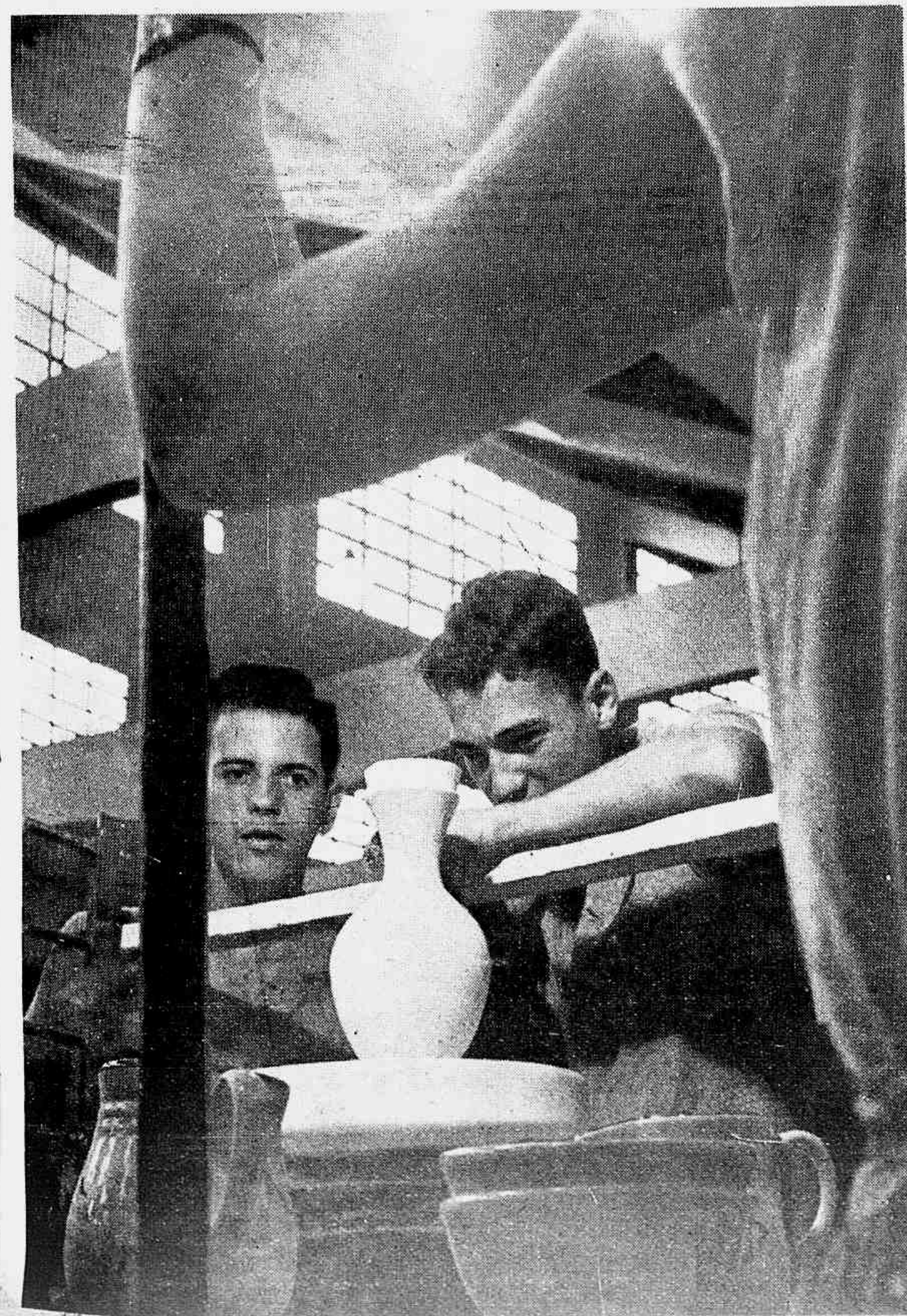
Além do mais, a seção de cerâmica prepara todos os seus elementos de base, assim como os fabrica pelos seus próprios meios, compondo e preparando suas pastas e esmaltes. Ali aprendem os alunos a confeccionar modelos, moldes e «madres» de gesso, os diversos modos de fabricação, o uso das máquinas, a esmaltagem, a enformação e queima dos produtos.

A parte de decoração, confiada ao prof. Gutman Bicho, é da maior importância, pelo que são ministrados aos alunos, inicialmente longo curso de desenho afim de que os futuros ceramistas tenham todos os triunfos à mão.

Essa organização modelar, que somente benefícios trará ao Brasil, dotando o nosso país de uma indústria cerâmica à altura das nações mais importantes do globo, merece, sem dúvida, toda a atenção e desvelo das autoridades, assim como o apoio e o incentivo do povo brasileiro.

Esta reportagem foi escrita para mostrar ao resto do Brasil que no Rio de Janeiro, em algumas salas da Escola Técnica Nacional, está localizada uma forja de ceramistas nacionais que, seguindo o impulso admirável que o interesse pelas artes aplicadas vem despertando, empresta com o seu trabalho inapreciável uma contribuição das mais inestimáveis para a fixação da indústria cerâmica da nação.

O interesse do Governo chileno e de outros países da América do Sul por este curso de aprendizado profissional, vem deixar de maneira patente o carinho e o desvelo com que os outros países do Continente vêm observando o renascimento da cerâmica brasileira.



Ao alto — "LA SEÑORITA" Milagros Veloso, bolsista do governo chileno, exhibe "uno de los suyos trabajos"... A FALTA DE EXAME de qualquer minúcia pode pôr todo o trabalho a perder. Em baixo — O SERVIÇO DE TORNEAMENTO requer atenção e habilidade. Aqui as garotas não vêm. É serviço mais para homens. O SAMBA NA CERÂMICA — A escultura também é chamada a colaborar, assim como os nossos motivos populares



Enlace GARCIA DA COSTA MACHADO DE OLIVEIRA

O enlace matrimonial da srta. Léda Garcia da Costa com o senhor Paulo Umberto Laport Machado de Oliveira constituiu um acontecimento mundano de grande expressão e brilho. A Igreja da Candelária, onde se realizou a cerimônia religiosa, compareceram os mais destacados elementos da nossa alta sociedade, do mundo político, das finanças e do comércio, que cercaram os jovens nubentes e seus progenitores das mais carinhosas demonstrações de estima e apreço. Serviram como padrinhos, por parte da noiva os seus pais, sr. Horácio Rodrigues da Costa e sua esposa, sra. Dulce Garcia da Costa, e os pais do noivo, dr. Marino Machado de Oliveira e sua esposa, sra. Iolanda Laport Machado de Oliveira; e por parte do noivo o senhor Ministro da Guerra e a sra. Canrobert Pereira da Costa, o dr. Francisco Cardoso Laport e sua esposa, sra. Lúcia Vizeu Laport. O ato civil teve lugar na residência dos pais da noiva, sendo paraninfado, por parte da noiva pelo sr. Rodrigo Horácio Garcia da Costa e pela srta. Adélia da Costa Pinto; e por parte do noivo pelo dr. Thiers Rodrigues de Almeida e sua esposa, sra. Aida Braga Almeida.

★ ★

As fotografias mostram, do alto para baixo: Flagrante do ato religioso, no qual aparecem os padrinhos da noiva. O noivo com os seus padrinhos e sua avó materna, sra. Ercília Leitão Laport. Outro aspecto do ato litúrgico, fixado no momento em que o Bispo D. Jorge fazia a preleção nupcial. A noiva assinando o termo de compromisso.



Voz Bastidores Femininos



Virginia Mayo, "estrela" de Samuel Goldwyn, exhibe aqui um modelo em seda estampada com barra e faixa em tom contrastante

O TERRÍVEL CASTIGO

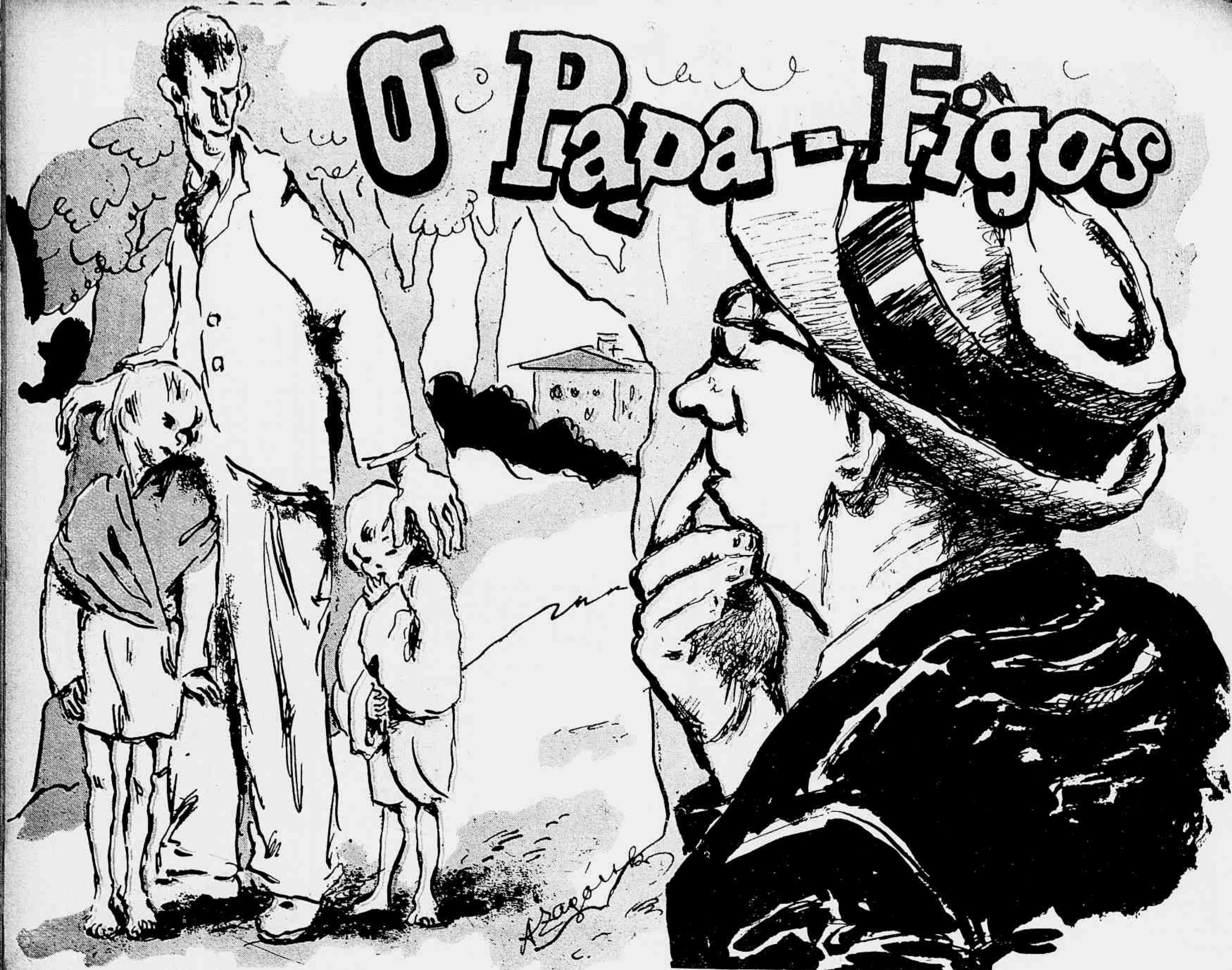
O telegrama veio, como não poderia deixar de ser, da América do Norte. Um juiz, de uma cidade cujo nome não nos ocorre no momento, resolveu infringir aos maridos infiéis um tremendo "castigo". Todo aquele que oferecer um ou mais presentes à uma "amiguinha", dizia o telegrama, terá que pagar à esposa a importância em dólares correspondente à metade do valor do presente! Como vêem, uns simples "dólares" resolverão agora, naquela deliciosa cidade, todos os dramas conjugais. E' só o marido infiel chegar em casa e ir dizendo à cara-metade: "Aqui estão quinhentos dólares, querida, pois acabei de comprar um presente de mil para a minha "amiguinha"! A moral, a decência, o respeito e tudo o mais que deveria existir entre um casal, fica assim comercializados e a esposa terá até o direito de reclamar perante as leis a falta de pagamento por parte do marido, daqueles dólares que lhe "lavarão a honra"... Muita superioridade ou

muito cinismo? E porque a "metade" e não o "dôbro"? Pois não é a esposa a enganada? Ou talvez receiasse o "ilustre" juiz que recebendo em dôbro, as mulheres iriam atirar as suas amigas nos braços dos próprios maridos? A verdade é que com a sua lei esse juiz está criando uma nova forma de "negócio" e até mesmo incentivando o "câmbio negro" nesse novo mercado! Quem quiser arranjar uns "dólarsinhos" extras, é só colocar na frente do marido uma "boíssima" que saiba arrancar-lhe a pele... Francamente, gostaríamos de presenciar uma cena onde essa originalíssima lei fosse aplicada... Gostaríamos de ver a coragem do marido e a reação da esposa... Custa-nos a crer que tudo possa de fato ocorrer dessa forma e que marido e mulher aceitem a coisa com naturalidade.

Se assim for, resta, realmente, muito pouco de decência e de vergonha a perder.

O. B.

O Papa-Figos



"E' crença, em muitos lugares do interior do país, ser remédio infalível contra a morfêa, o figado tenro das crianças como alimento. A expressão "papa-figos" é corruptela de "papa-figados".

Quando o conheci, contaria êle talvez 23 anos de idade. Alto, magro, encerado, com uma pronunciada tendência à calvicie, feio enfim. Nunca me falou sobre os pais, nunca me disse donde viera.

Aprendera desde cedo a arte de tipógrafo e exercia a sua profissão na livraria "Progresso", única naquela cidade do interior. Fazia versos e lia quando não estava trabalhando, tendo predileção pelos romances heróicos de Michel Zevaco, do qual possuía toda a coleção. Inclinava-se também para Julio Verne e sabia de cor a História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França.

Era retraído, bizonho, triste e só. Aparecia repentinamente numa esquina de rua e desaparecia em outra, silencioso como uma sombra.

Pelo seu viver estranho era alvo de comentários, anedotas e dichotes da rapaziada que se reunia todos os dias em frente ao bilhar de "seu" Neco.

Nada, porém, o atingia. Era invulnerável. Seu Nestor, o barbeiro, alardeava, com a sua pontinha de despeito, nunca ter de lhe dado o prazer de pôr-lhe a mão na cara. O Reverendo padre Joaquim, não o via com bons olhos, por nunca ter ido à igreja. Batisou-o por isso maliciosamente, com o nome de filósofo, recordando talvez o que lera sobre a Revolução Francesa, e um dia chegara mesmo, num sermão dominical, a fazer entre duas mascaradas citações latinas, um comentário em torno da estranha figura do nosso filósofo, aconselhando aos bons moços de família que com êle não se acompanhassem, pois era um incréu, uma ovelha desgarrada. Minha tia Justina, que ouvira o sermão, chegou em casa apavorada e contou à mesa, com todos os pormenores e acréscimos que julgou necessários, o sermão do padre Joaquim. E virando-se para mim, considerado nesse tempo a esperança da família, disse como se quisesse proteger-me contra um contágio quase certo.

— Evite o mais possível encontrar-se com o tal filósofo...

E eu, que só de longe o conhecia, senti-me naquele momento francamente inclinado a uma aproximação.

Daí por diante, passei a procurá-lo avidamente. Uma estranha curiosidade despertava em mim aquele individuo por todos repudiado e que também não procurava aproximar-se de ninguém.

Calhou que um dia estivesse a banhar-me no açude, sozinho, quando de repente vislumbrei a figura do filósofo que se aproximava. Escondi-me atrás de uma moita de capim e fiquei a espreita-lo. Trazia um livro na mão. Logo que chegou sentiu-se ao pé duma barreira centenária que havia à margem e abrindo o livro pôs-se a ler. O que leria êle? Fiquei ansioso por descobrir, olhando-o do meu esconderijo.

Eis que, repentinamente, começa a chover. Levantou-se sem pressa e procurou abrigar-se no alpendre de uma velha casa abandonada, que havia perto.

Com a roupa entrouxada debaixo do braço, par lá me dirigi, despido e correndo. Quando cheguei, parece não ter me percebido. Olhava vagamente a chuva e estampava na face uma estranha satisfação.

— Brriiii... que chuva pau... O silêncio foi a resposta. Vestindo-me, tirei a carteira de cigarros, acendi um e ofereci-lhe.

— Fuma?

— Não, obrigado.

Continuava fitando estranhamente a água que corria barrenta pelos sulcos da

terra em direção ao açude. Aventurei uma dessas perguntas sem resposta que a gente faz imbecilmente, por fazer.

— Será que vai demorar muito a passar a chuva?

— Quem pode adivinhar os designios de Deus? — foi a resposta.

— Deus? E você acredita em Deus? — perguntei estúpidamente.

Voltou-se para mim e parece-me ter visto um clarão de ódio no seu semblante. Agora já calmo, porém, respondeu:

— As vezes, tenho umas dúvidas sobre Ele... mas isso não interessa...

Parecia ter terminado ali a nossa palestra. Procurei um ponto de apoio e aventurei:

— E' verdade que você possui a História de Carlos Magno?

Novamente voltou-se para mim.

— Tenho sim, porque?

— Porque... (e aí menti) tenho um grande desejo de lê-la e não a possuo.

— Posso emprestá-la a você. Mas, não, é melhor não emprestar.

— Porque? — arrisquei.

— Porque os seus não hão de gostar... sua mãe...

— Qual, a velha não se importa com isso, garanto-lhe...

— Então vá buscá-la hoje à tarde...

E daí comecei a frequentar a sua casa, escondido dos meus, já se entende, e principalmente da tia Justina, para quem eu era a menina-dos-olhos.

Covardemente, com medo da censura pública, fui à sua casa, e êle, recebendo-me modestamente à porta, pediu-me que entrasse.

O quarto era de uma simplicidade fradesca.

Daí por diante dei para visitá-lo às escondidas. Era talvez, a única pessoa, que lá ia, e com a repetição das visitas tornei-me seu amigo. Êle, porém, quando me encontrava na rua, junto com outros amigos, saudava-me com discreto aceno de cabeça, parecendo ter intuitivamente adivinhado a minha angústia de rapazola, convencional para com a sociedade em que vivia e para com a minha família, temendo que, à luz meridiana, viesse complicar-me esse simples intercâmbio de amizade.

Mas, como em lugares pequenos nada se pode fazer escondido, sem que mais tarde ou mais cedo não seja de domínio público, um dia quando cheguei em casa, encontrei minha tia Justina furiosa. Que aquilo não era coisa que eu fizesse. Frequentar a casa do tal "filósofo"? Um individuo repudiado por todos, uma ovelha desgarrada que não ia a missa e era pagão. Que não vivia em paz com Deus. Eu, um filho de família católica, tradicionalmente católica, que tinha tios que carregavam andores nas procissões. Minha mãe também se entristecera com a notícia. Quanta rotina! Que singela incompreensão! Coitados, como se sentiam todos, todos roubados, com a minha amizade com o "filósofo"!

Faltou-me, porém, coragem para dizer-lhe. Sempre tive um grande receio de magoar os outros.

Passei dias sem frequentá-lo. Mas intimamente sentia uma onda de revolta afogar-me todo. E uma tarde resolvi ir vê-lo.

Recebeu-me à porta como de costume. Entrei timidamente, assombrado com a minha covardia. Porque não rompia com os preconceitos, dava um chute na mesquinhez daquela sociedade embrionária e gritava em plena praça pública que aquele homem era meu amigo, que simpatizava com êle e o admirava e que se todos êles não faziam o mesmo, era por serem supinamente imbecis.

(Continua na pág. 50)



Três elegantíssimos e distintos
 modelos de chapéus aqui es-
 tão para sua apreciação. Ao
 alto: em palha creme, com
 larga fita de veludo negro. À direita:
 modelo em panamá de areia; pena
 verde. Finalmente, esta notável cria-
 ção em fina palha, com grande laço
 em tafetá. Como vemos, todos en-
 cerram um quê de grande elegância
 e vêm apresentados pelos mais fa-
 mosos nomes de Paris, centro mun-
 dial da elegância feminina.



GRANDES

Chapéus

SCHIAPARELLI



MOLYNEUX

Paris

Aqui estão dois notáveis modelos que Paris acaba de lançar, assinados por dois grandes nomes da costura moderna. À esquerda: De Schiaparelli este modelo em seda branca, corpo longo, saia franzida, bolero vago, tudo guarnecido de babado franzido do mesmo tecido. À direita: Molyneux sugere, para garden-party este modelo em linho, bordado em várias cores formando grandes quadrados



DE HOLLYWOOD

Também as **estrêlas** de Hollywood se preparam para receber o novo ano. Aqui algumas exibem as **toilettes** que mandaram fazer para a ocasião. **Ao alto:** A linda Cathy O'Donnell escolheu este modelo em listras, de feitiço muito original. **À direita:** Barbara Hale, da RKO, deu preferência a este modelo juvenil em organdi branco, com pala em bordado inglês. **Em baixo:** Jane Greer, também da RKO, optou por este vestido em seda estampada com grande laço de tafetá sobre o busto





O verão aproxima-se, e com êle os dias quentes e ensolarados, as manhãs claras e alegres que nos convidam a um bom mergulho ou a um domingo despreocupado sob os guarda-sois coloridos na areia morna e clara das praias cariocas. Para sua elegância nestas horas de lazer, aqui estão três audaciosos, porém notáveis maillots: à esquerda: duas peças em cetim cereja; ao alto, modelo em algodão estampado, e em baixo, outro modelo também em algodão estampado.



"Maillots"

O QUE O "MAILLOT" NÃO DISSIMULA



1 As pernas deverão ser lisas. Existem tratamentos especiais para remoção de manchas e estes não devem ser poupados.

A moda para a praia evolui dia a dia, mas, é verdade que nem todas as criaturas podem se expor aos olhares alheios vestindo um "bikini". Não é justo, porém, que tais pessoas se privem das delícias do mar. O que devem fazer é usar aquilo que melhor se adapte ao seu físico, sem dar grande importância ao que está em voga. É preferível um meio-térmo discreto que um exagero que virria a prejudicar mais ainda a figura. Além disso, existem pequenos cuidados que devem ser dedicados ao corpo e estes devem ser observados por todas as pessoas que frequentam praias ou piscinas.

Não esqueçam também de usar um bom óleo a fim de evitar manchas na pele. Existem óleos que auxiliam a ação do sol, dando à pele uma tonalidade dourada



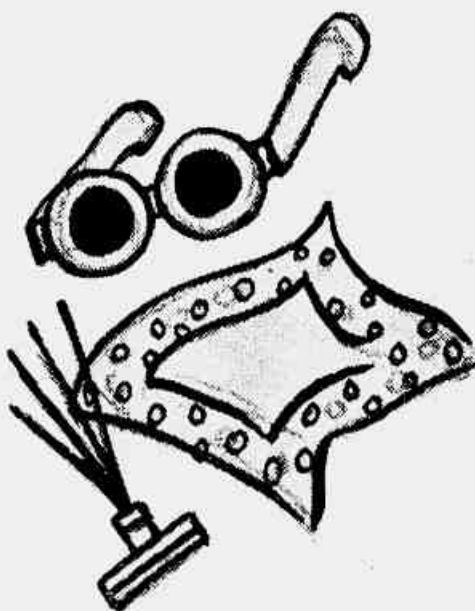
2 Novamente as pernas. Depois de raspadas convém fazer uma aplicação de creme a fim de que fiquem macias.



3 O cotovelo, por exemplo, merece cuidados especiais. A pele escura, enrugada e manchada, dá aspecto desagradável. Uma massagem vigorosa com um bom creme é o indicado.



4 Braços e ombros deverão ser escovados com uma escova macia que ativar a circulação mantendo-os ainda firmes e roliços.



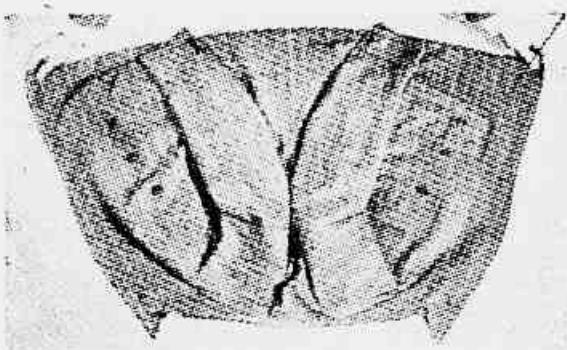
5 Outro ponto importante, é o calcanhar. Muitas belezas e muitas elegâncias são prejudicadas por um calcanhar escuro e de pele grossa.



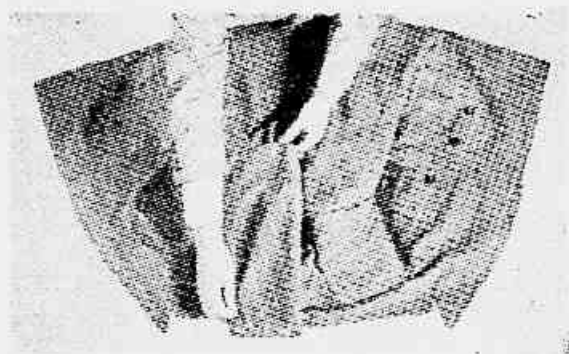
A ARTE DE DOBRAR UM CASACO

Você vai partir de férias e naturalmente terá que arrumar a bagagem. Sabemos que é muito difícil dobrar um casaco de homem, por exemplo, mas por isso aí está um expert pronto a ensiná-la. Começemos, portanto:

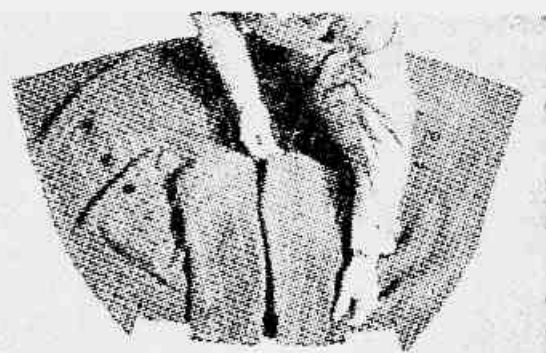
Para que o resultado seja satisfatório, estenda o "paletot" sobre a mesa da maneira indicada



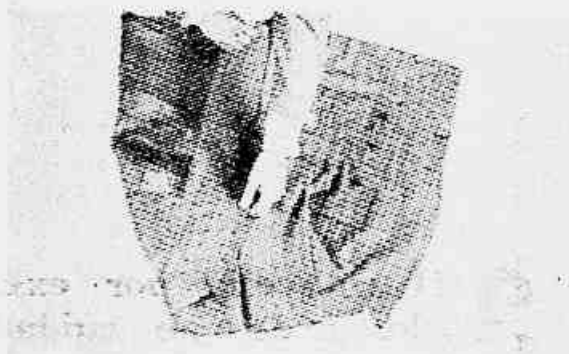
Agora dobre a primeira manga, de maneira que passe alguns centímetros da gola, evitando fazer rugas



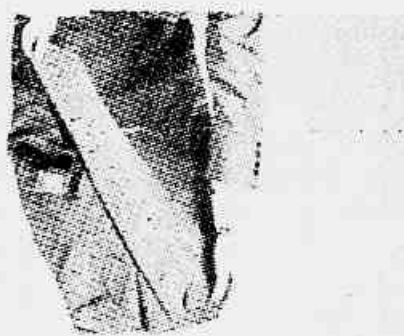
O mesmo é feito com a segunda manga. A gola deverá estar aberta. Tenha o mesmo cuidado da primeira vez



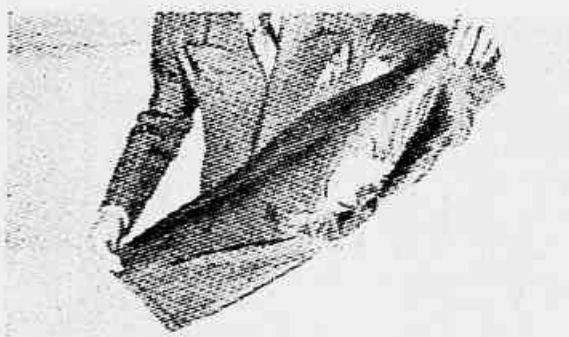
Dobre sobre a manga a lado do casaco situado à sua direita. O reverso, bem esticado, fica em diagonal



Dobre da mesma maneira o outro lado. A parte inferior deverá formar uma linha reta



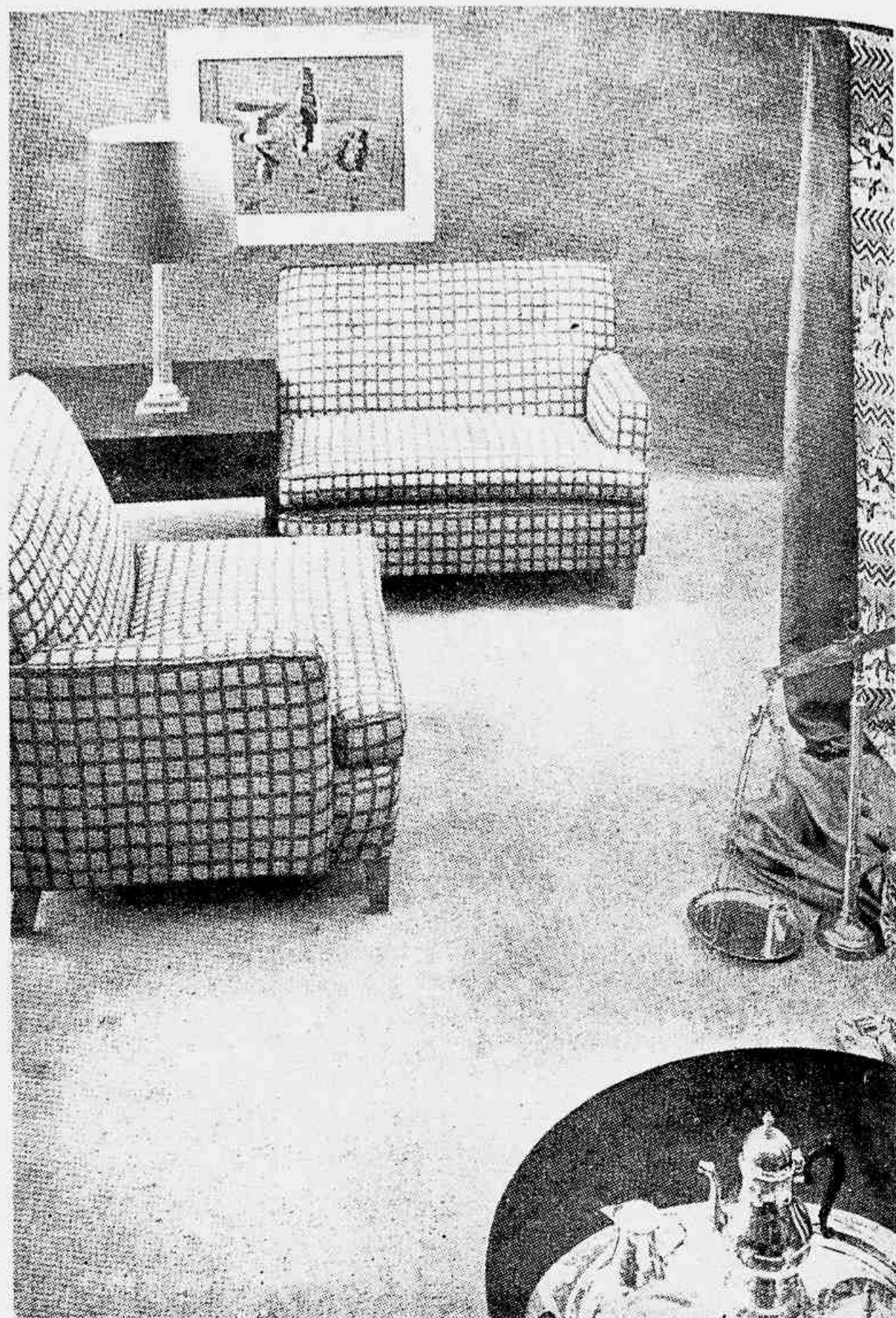
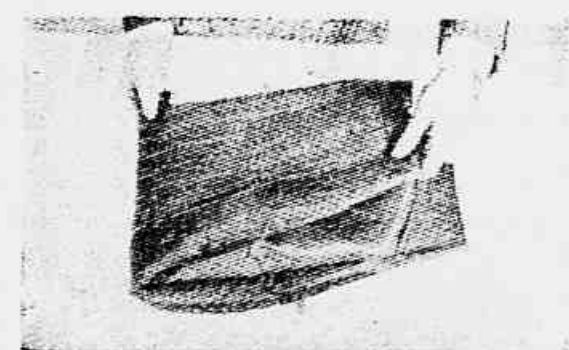
Dobre o retângulo formado em dois. Verifique se os enchimentos e as costuras estão na mesma direção



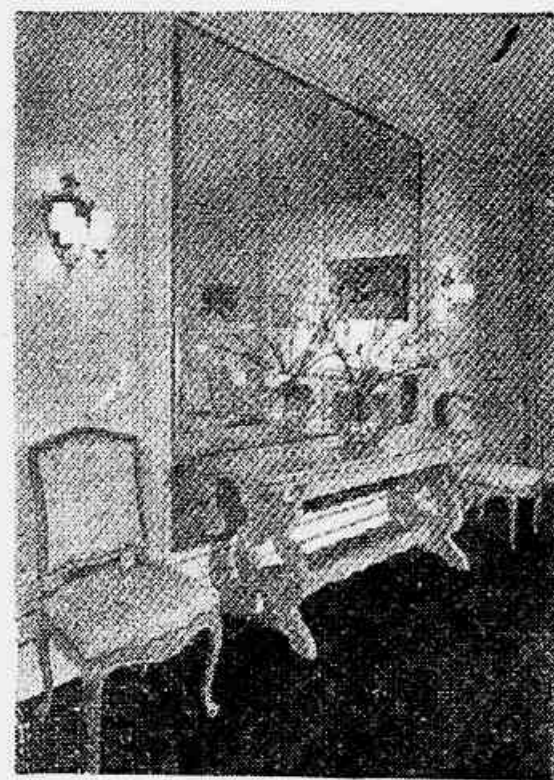
Estenda o casaco novamente. Deverá estar completamente liso, e quase pronto para a última operação



Agora dobre pela metade, e aqui está o seu casaco bem dobrado. O quadrado formado caberá em qualquer valise

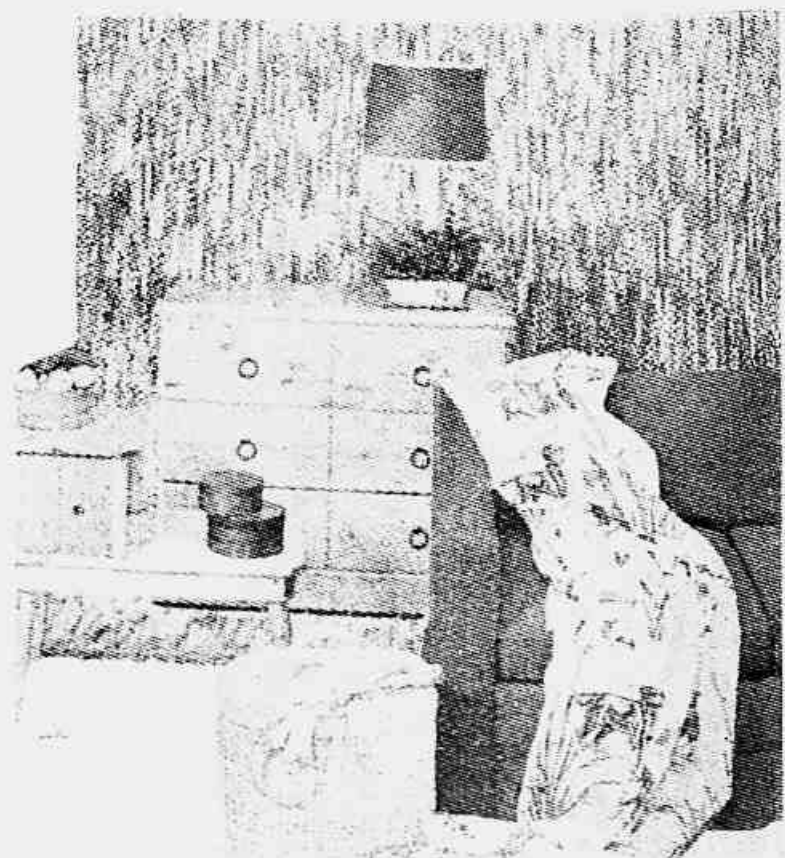


Interiores



gante sofá. O tecido para as cortinas é também muito alegre. Para um dormitório moderno, foi escolhida esta cômoda em madeira no tom natural. Banqueta no mesmo tom. Um divã, forrado de linho verde, e cortinas estampadas em tons vivos fornecem a necessária vivacidade ao ambiente. Na foto menor, ao alto, um recanto de salão. Móveis claros, grande espelho quadrado na parede; estôlo das cadeiras em verde musgo.

moderno e o prático andam agora de braços dados. Os decoradores estão dando preferência aos ambientes simples, de linhas sóbrias, alegrados pela tonalidade do material usado. Neste "living", por exemplo, as poltronas são forradas de um tecido quadriculado branco e verde. As duas poltronas juntas formam um sof



Vida literária

«Éramos Seis», notável romance da escritora paulista, Senhora Leandro Dupré, está novamente em foco. Depois de ter sido filmado, há poucos anos, pela Sono-Films, de Buenos Aires, e de ter aparecido em cinco países, será traduzido para várias línguas européias, em 1949.

A última tradução de «Éramos Seis» apareceu em 1947, em Estocolmo, onde foi lançado pela editora «Svenska Diakonistyrrelses Bokforlag», sob o nome de «VI SEX», em magnífica edição encadernada.

O sucesso de «Éramos Seis», na Suécia, foi completo. Todos os grandes jornais suecos, proclamaram-no unânimemente um grande romance.

A tradução de um livro brasileiro, para qualquer língua, é para nós dum valor inestimável. Enquanto aqui se traduzem as obras de todas as literaturas do mundo, a literatura brasileira continua completamente desconhecida fora das nossas fronteiras. A literatura e o país...

O autor deste artigo viu nas grandes livrarias de Londres, Paris e outras grandes cidades européias livros traduzidos de todos os países do globo, menos do Brasil, livros de autores que não chegam aos pés de um Machado de Assis, nem aos de um Castro Alves que, se escrevessem as suas obras em francês ou inglês, seriam, sem dúvida, consagrados escritores de fama universal.

Por isso, a tradução de um livro dum autor brasileiro constitui um triunfo da nossa literatura fora da nossa terra. Está, pois, de parabéns, a Senhora Leandro Dupré, cujo romance, «Éramos Seis», que já foi traduzido na Argentina, Bélgica, Holanda e Suécia, será traduzido para várias outras línguas européias no ano próximo vindouro.

Terá a ilustre escritora paulista mais algum ro-



A escritora sra. Leandro Dupré ao lado de Nelson Vainer, por ocasião do almoço oferecido pela Casa da América Latina, em Paris, em 1947, aos intelectuais brasileiros que então se encontravam na «Cidade Luz»

NOVAMENTE EM FÓCO O ROMANCE «ÉRAMOS SEIS»

Por NELSON VAINER

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

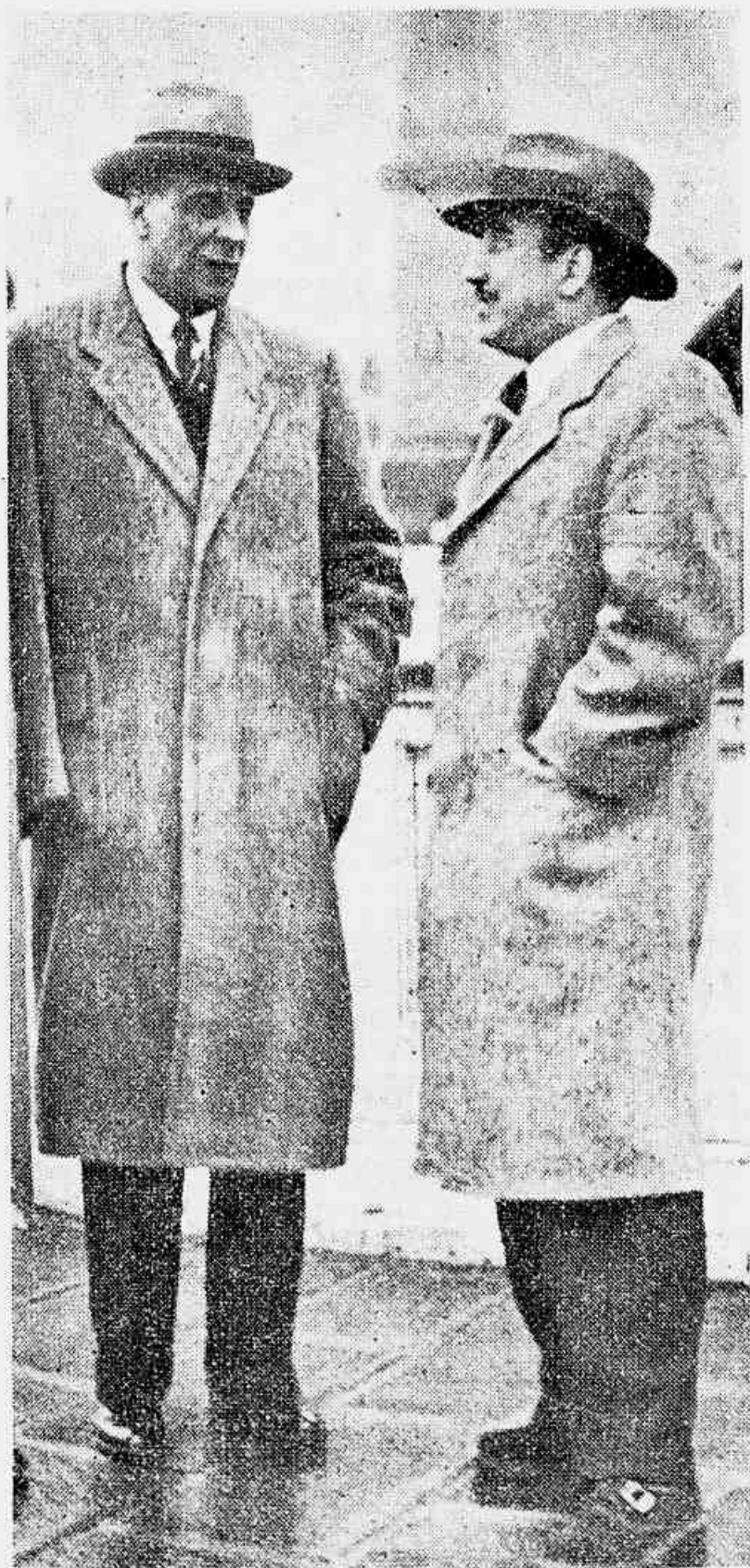
mance em preparo? Não sei, pois não a vejo há muito tempo. A última vez que nos encontramos, foi em Paris, em outubro ou novembro de 1947, na Casa da América Latina, que oferecera um almoço em homenagem aos intelectuais brasileiros que nessa época se encontravam na «Cidade Luz». A senhora Dupré me disse, então, que a sua viagem se prendia apenas a um passeio através da Europa, no que francamente duvidei, pois, há dois anos, ao conceder-me uma longa entrevista, contou-me que sua viagem através da Europa, há muitos anos, quando ainda solteira, resultou num livro que, segundo muitos leitores e fãs da conhecida escritora, é considerado o melhor livro que ela escreveu — «A viagem de Teresa Bernard».

Creio, portanto, que a recente viagem da Senhora Leandro Dupré não foi apenas uma viagem de recreio. Se antes da segunda guerra mundial as misérias do mundo europeu fizeram da simples turista uma grande romancista — foi o que me disse na entrevista concedida há dois anos — ficará ela indiferente à miséria que viu depois da terrível hecatombe que transformou toda a Europa num continente agonizante? Não creio. E não terei nenhuma surpresa se num belo dia aparecer nas vitrines das livrarias um livro, romance ou impressões de viagem da ilustre escritora patricia, que percorreu alguns países europeus no ano passado.

Seja como for, a notícia segunda a qual «Éramos Seis» se tornará conhecido em mais alguns

países do velho mundo, é das mais agradáveis, senão a mais agradável. Porque só quem visitou os grandes centros europeus e viu com os próprios olhos como o Brasil é desconhecido naqueles países, pode avaliar quanto significa para nós algo que nos torna conhecidos lá fora, principalmente a tradução de um livro da nossa literatura e, diga-se de passagem, não são poucos os livros de nossos autores que merecem ser traduzidos para várias línguas. Isto, naturalmente, dependeria de grandes esforços, que não seriam coroados de êxito sem o concurso ilimitado do Itamarati. Para esse fim, deveriam ser enviados para os corpos diplomaticos homens de letras e outros elementos cultos à altura de nos representar condignamente nos grandes centros civilizados, como é o caso do escritor Jaime de Barros, atualmente cônsul em Paris e de Ribeiro Couto, nosso embaixador na Iugoslavia. O que esses notáveis intelectuais têm feito em prol da nossa cultura, não é totalmente desconhecido ao nosso público. Quase diariamente têm aparecido em nossa imprensa notícias vindas de Paris, que nos comunicam as grandes atividades dos referidos homens de letras.

Se esta nota for levada em consideração pelo Itamarati, não terá apenas a gratidão do seu autor, mas principalmente a da Pátria reconhecida, que poderá provar aos povos europeus que eles estão errados com relação ao julgamento que fazem sobre nós...



Os cônsules do Brasil na França, Jaime de Barros e Sotero Cosme, representantes legítimos da nossa cultura intelectual, numa foto tirada na Place de la Concorde



já veio ao mundo... Em lugar de um jaguar tenho sido uma pomba. As coisas da vida, as circunstâncias, eis o que me colocaram bem neste mundo. Fui aproveitador das fraquezas humanas, de suas debilidades, que são muitas, e logo as explorei em meu favor. No mais... foi a falta que se encarregou de elevar-me às culminâncias do heroísmo. Eu, por mim mesmo, sempre fui um poltrão...

A mulher, julgando que ele estava a mistificar ou a pretender brincar com ela, tomando-a por ingênua, alterou-se um pouco e lhe respondeu:

— Deixa de mentira, Pastor. Você foi um bravo, um homem valente, temível. Se assim não fôsse, como se explica não haver a polícia deitado mão à sua pessoa? Não esteve ela sempre no seu encalço, durante anos, sem poder prendê-lo, e só desistiu quando o senador Frias interveio e a dissuadiu dos seus propósitos?

A tais dúvidas respondeu o esposo:

— O homem que é sagaz e enxéga um pouco adiante do nariz, conhecendo também a alma dos seus semelhantes, leva muita vantagem em relação ao restante da humanidade. Por isso, vou revelar-lhe um segredo que a ninguém o disse, e que sempre constituiu o centro vital da minha fama, essa fama que me encheu de glórias. Vais saber como agi, arditamente, para que todos acreditassem ser eu um bravo, um valente. Mas, antes quero confessar como se deu a morte de Juan "El Chico". Essa morte que me deu consagração popular, mas que, em verdade, foi uma burla de minha parte. Você notou, Blanca, nestas noites de tempestade, especialmente hoje, como tenho estado intranquilo e assustado, nervoso e inquieto, como se tivesse na alma uma tortura a afligir-me. Parece que estou cercado de sombras que me ameaçam e que lançam aos meus olhos todo o meu passado. Parece que o espírito de Juan "El Chico" desce com a chuva e o vento para me acusar. Ele me segue nestas noites tenebrosas, encarcerando-se numa espécie de cubículo, onde nos encontramos face a face, e de onde não posso fugir. Aí ele me tortura a alma pelo mal que lhe fiz. Uma noite como esta estava eu pelo botequim do Espindola e ali entrei para esperar que a chuva abrandasse, quando entrou também Juan "El Chico". Como todos sabíamos, quando esse assassino entrava num bar era porque alguém tinha que morrer. De súbito, ao avistar-me, dirigiu-se para mim, cheio de rancor, com um punhal na mão, e a rosnar: "Você andou a falar mal de mim, hein?... Agora mesmo devia cortar-lhe o pescoço..."

Com o choque de tão trágico instante, procurei acalmá-lo, uma vez que não desejava morrer, nem lutar com ele:

— Eu nada disse a seu respeito, Juan. Que história é essa?

Decidido, o homem voltou a dizer-me:

Confidência

Novela de ELIAS CARPENA

NOITE de inverno, chuvosa e escura. O forte vento do sul luta para arrancar as portas do botequim de Pastor Acunha. Parece que o vendaval procura reunir todas as suas forças espalhadas pelo campo e, como um touro bravo, solta seus mugidos vigorosos. Todos o ouvem a rugir como se vindo da imensidade, para arrojá-lo sobre as portas rangentes do estabelecimento.

Blanca de Los Angeles, sem pronunciar uma só palavra, cumpre ativamente seus misteres: aviva as brasas do pequeno fogo onde se acha a chaleira, e traz mate e mais mate para o esposo.

Dom Pastor está preocupado e temeroso. As investidas do furacão parece que o desassossegaram, tirando-lhe a habitual serenidade. Espera que o vento, de um momento para outro, arranque portas e janelas, arrebentando-as contra as paredes. A tragédia lhe parece iminente.

Por momentos, cerra os olhos como se buscasse no fundo da alma a necessária tranquilidade para seu estado nervoso; mas os seus pensamentos lhe fazem voltar à realidade e ele novamente arregala os olhos, assombrado.

Lá fora o furacão parecia que ia arrancar a casa por inteiro. Dom Pastor recorda certa passagem de sua mocidade e, como se estivesse a confessar-se, diz à sua esposa:

— Minha mãe, quando o vento e a chuva ameaçavam arrasar o mundo, temia pela sorte de todos nós, e rezava... E, em seguida à oração, jogava ao campo um punhado de sal. Passava então a fazer uma cruz com facas de aço, e, com isso vencida a tempestade. Era um milagre. O vento parava de urrar, as nuvens se iam sem chuva, esconder-se por esses recantos do céu, como se obedecessem a um mandado de Deus. Diga-me, Blanca: você não sabe essa rezinha do sal e das facas em cruz?

Ela nada sabia daqueles sortilégios, porém pensou, prontamente, lá com os seus botões:

— A que vêm essas tolices de Dom Pastor, ditas assim com certo medo?

A mulher estranhou aquela atitude do marido e começou a observá-lo de soslaio. Olhou-o mais atentamente e o achou pálido, inquieto, algo trêmulo. Pensou intimamente: e pensar que este homem, na sua mocidade tinha sido temível e respeitado pela sua coragem, pela sua audácia e destemor! Ninguém o igualava em ligeireza na luta, na coragem de enfrentar inimigos. Nem mesmo a polícia pôde com ele, mantendo-se à distância. Não tinha sido ele que matara o malvado e feroz Juan "El Chico"? Como era que agora estava com medo do vento e da chuva e pedia-lhe mesmo que rezasse? Que estranha mudança seria essa! Por que tudo isso?

Blanca de Los Angeles, então, meio atordoada, para tentar descobrir a verdade, fez-lhe uma pergunta:

— Teriam os anos, Dom Pastor, quebrado sua energia e coragem, a você que foi um bravo?

Levou-lhe mais uma caneca de mate e aproveitou o momento para observá-lo melhor, procurando descobrir o efeito de suas palavras.

— Olhe, Blanca. — respondeu com pesar e desalento. — Devo confessar que nunca fui um bravo. Tenho sido sempre um homem fraco, o mais sem coragem que

— Está armado para poder defender-se? Juan "El Chico" não mata a ninguém desarmado, indefeso.

Com muito medo e maior dúvida, puxei meu revólver. Foi esta a primeira vez em minha vida que senti na espinha o frio da morte. Começou a percorrer-me o lombo e terminava na ponta dos cabelos da cabeça. Percebi perfeitamente que o revólver em minhas mãos, naquele momento, não era uma arma. Para que o fôsse, era necessário um pouco de coragem e eu não tinha nenhuma... Juan "El Chico" olhou-me com lástima. Eu estava valado. Ele teve mesmo um gesto de compaixão; com um movimento de desprezo, ficou lentamente, mas com autoridade:

Guarda isso e vai-te daqui, cretino. Dizendo isso deu-me as costas e foi conversar com o dono do botequim. Diante daquela oportunidade, tendo sido perdoado pelo terrível arruaceiro, tive a impressão de que havia nascido novamente e procurei cumprir suas ordens, deixando imediatamente o lugar. Mas, naquele momento, não sei como, procurando eu desembaraçar o cano do meu revólver que se enleara nas franjas de meu poncho, quis o destino que saísse um tiro, sem eu saber como! Juan "El Chico" caiu ao solo, de bruços. Nem sei mesmo onde pegou a bala. Todo mundo deixou o bar e procurou suas casas. Espindola foi à delegacia dar aviso. Então, desejando ir-me também embora, não me achava com bastante coragem de deixar sozinho o corpo daquele bandido. Parecia que Juan "El Chico" me havia estendido um laço com o qual me prendia. Sentei-me numa cadeira, ficando de costas para o morto e de frente para a porta da rua. Para onde eu olhava, parecia que estava a ver a cara do morto a dizer-me: "Canalha, alvejou-me pelas costas". A cena durou até a madrugada. Começou a chegar gente. O primeiro a entrar no estabelecimento foi o senador Frias. Olhou para todos os lados. Ao ver-me num estado de lastimável covardia, veio depressa e me disse com voz amiga: "Isso vai dar muito desgosto à sua mãe. Vai embora e permaneça oculto até que as coisas serenem". Depois... a fama que impressiona os coitados me abriu as portas e eu passei a ser um rei de heroísmos... Assim fui amontoando fama, graças às histórias que as línguas iam dizendo a meu respeito. Mais tarde, quando alguém abateu outro bandido, "El Rincón", a culpa recaiu sobre meus ombros, e a justiça começou a perseguir-me. Passei a ser o terror da própria polícia, por esta maneira. Não sei de que lugar me chegaram quatro negros feios e temíveis para trabalhar em minha xarqueada. Mas, ao olhar-me, tremiam. Assustavam-se, tinham medo de mim. E eles me acompanhavam para qualquer luta. Mas eram covardes. Muitas vezes os policiais decidiram prender-me; porém, em face daqueles pretos mal encarados que me guardavam a vida de qualquer surpresa, era a própria polícia que recuava, respeitando-me... Faziam-me perguntas, eu respondia e eles me iam deixando em paz. Quando chegavam à delegacia, diziam ao comissário que não me haviam encontrado ou então que eu resistira, que era de incrível dextreza e agilidade na luta, e eles depois do encontro tinham resolvido voltar para nova tentativa... Uma tarde estávamos na xarqueada e a polícia se aproximou. Vinha pela rua larga Bermúdez, e a patrulha

se compunha de quatro praças: o sargento e três soldados. Aproximaram-se cautelosos, com muito receio, desconfiados. O sargento se dirigiu com os seus soldados a um canto e, apeando-se, amarraram seus cavalos numa das estacas da cerca de arame. Ali estiveram a conversar em voz baixa, com certeza organizando planos para prender-me. Eu percebi tudo e os deixei a conabular. Se eles não se decidiam a vir à mim, com que razão iria eu a eles? Nessa ocasião estavam meus ferozes negros a trabalhar no matadouro e a estender mantas de carne. Em suas mãos os reluzentes e anuais cutelos de trinchar carne. A presença da polícia não os atemorizou. Por vezes erguiam as cabeças para amolar os facões. Nessas ocasiões olhavam os policiais com caras de monstros negros e ferozes. Como me julgavam um indivíduo valente, também me lançavam olhares, e isso me agradava muito. Para a polícia, autoridades e o povo em geral, esses negros eram meus guarda-costas! Quem se atrevera a enfiar-me estando em com eles? Quando me pareceu que já haviam esperado muito, respirei forte, reuni minha coragem e fui até lá. Procurei ocultar meu estado de temor, mas, por sua vez, os soldados e o sargento deviam estar também com um grande medo de mim e de meus negros. Assim, ao acercar-me do sargento, fui fazendo acrobacias com o meu facão, aparentando a maior calma deste mundo, enquanto, por sua vez, meus negros também se encaminhavam para os soldados. Tinham caras de tigre negro.

— Boa tarde, sargento — disse eu com voz amável. — Sinto não poder atendê-los hoje. — Fitei bem o comandante daquele destacamento que, na certa vinha intimar-me. Então procurei contornar o caso e dirigir a história para um lado mais humano, desviando o temor em que estavam os soldados de uma luta com os meus guarda-costas. E isso nos fez feliz, a todos. E continuei:

— Você, meu caro sargento, veio buscar uns miúdos, mas não está com coragem de pedir-me. Que diabo! Não é motivo para esse acanhamento. Fale, homem!

Percebi que os olhos do sargento se iluminavam. Criou coragem e se aproximou mais de mim, dizendo-me:

— Sim, Pastor, viemos a isso. Dê-nos uns miúdos e nos vamos.

Imediatamente ordenei a um dos meus negros que enchesse uns sacos com fressuras e carne, e passei ao sargento e aos soldados que se foram com imensa alegria. A noite, por todos aqueles arredores do matadouro, todo mundo só falava na luta que a polícia tinha travado comigo e que retrocedera vencida, sem poder prender-me. Compreendi que aquela vida de sobressaltos, sustentando uma fama imerecida de valentia, devia terminar. Precisava restaurar minha própria personalidade. De noite dirigi-me à cidade. Procurei o senador Frias e lhe expliquei tudo, pedindo-lhe que patrocinasse minha causa e defendesse minha situação perante a justiça, livrando-me de qualquer culpabilidade, acabando-se para sempre com este estado de permanente perseguição contra mim. Eu desejava viver para o resto da vida de meu trabalho na xarqueada. E assim sucedeu. Por esse relato, minha querida Blanca, você vê que a fama me deu aquilo que nunca mereci, nem mesmo nada fiz para ganhar: um renome de valentia que jamais possuí. Sempre fui um poltrão, desde pequeno; mas tive a habilidade de ocultá-lo muito bem...

Lá fora o vento diminuía de violência.

Blanca de los Angeles não pôde ocultar as lágrimas e, entre suspiros, gemeu: murmurando imperceptivelmente:

— E pensar que me casei com ele por essa fama de bravo, quando ele nada mais era do que um covarde... Um cordeiro pintado de tigre!

Dom Pastor percebeu a decepção de Blanca e, intimamente, desejou ser digno daquela que se orgulhava de ter-se casado com um bravo. Mas, naquela idade, que iria fazer?

Súbito alguém bateu fortemente à porta. Os dois se entreolharam. Quem seria? Algum ladrão?

— Pastor, abra!... — E repetiram as pancadas à porta.

Notando que sua esposa o olhava como que exigindo uma decisão imediata, ele reuniu sua coragem e foi abrir.

Um homem moço, forte, espaduado e bem vestido, trajando esportivamente, entrou e, puxando um punhal, foi declarando:

— Sou irmão de Juan "El Chico" e vim até aqui vingar-lhe a morte.

Pastor estava pálido como um cadáver. Mal se sustinha nas pernas. Ao ver diante de si aquele bandido disposto a matá-lo, reconheceu que era chegada a sua última hora. O vento havia amainado e a chuva passara. O silêncio que sucedera à tempestade, como que aumentava o pavor daquele homem que, para todos os habitantes da cidade, era um indivíduo invencível.

— Cãnalha! — vociferou o desconhecido. — Mataste meu irmão. Mas vais morrer esmagado como um rato, miserável. Antes vou varar-te o coração, quero que confesses, a morte de meu irmão.

— Eu... eu... — gaguejou Pastor, trêmulo — eu... atirei sem querer... não ia matar ninguém...

— Covarde! — bradou o intruso.

E ia desfechar-lhe o golpe mortal, quando, de um dos lados, um estampido de revólver troou pelos ares e o desconhecido caiu ao chão como se fosse fulminado por um raio.

Pastor ficara imóvel como uma estátua. A poucos passos dele, Blanca, segurando uma arma de fogo, também olhava o corpo caído.

— E agora, — disse ele — que devemos fazer?

— Chamar a polícia e entregar-me à justiça, respondeu-lhe a esposa com voz firme.

Nesse instante ouviram tropel de gente como que em perseguição a alguém, e alguns disparos na escuridão da noite. Os dois estavam ainda a consertar uma história que não fosse muito comprometedora, quando a polícia entrou no botequim. Era um soldado e dois paisanos pertencentes ao Departamento de Investigação.

— Eis o homem! — gritaram.

— Não! Não o levem!... — suplicou a esposa de Pastor a chorar convulsamente.

— Calma, minha senhora! Não vamos levar seu marido, e sim o "Escorpião", esse terrível salteador que está aí caído.

— Mas... — disse um curvando-se para o malfeitor. — Está morto!

— Fui eu! Fui eu quem o matou! — revelou a mulher entre lágrimas...

— Não! Fui eu! Eu! Pastor Acunha, o homem mais famoso destes lugares... O antigo e invencível herói de tantas lutas... O vencedor de tantos bandidos como Juan "El Chico" e de "Rincon"...

Os policiais ficaram embaralhados. Quem haviam matado "O Escorpião"? Ela dizia que o abatera. O homem afirmava que tinha sido ele.

— Ah! Isto é que não! — exclamou um dos perseguidores. — Ele já entrou aqui baleado, agonizante. Alvejei-o com três tiros e vi quando cambaleou e se dirigiu nesta direção. Com certeza já vinha gravemente ferido...

Pastor lançou um olhar de contentamento para a esposa. Ela, porém, parecia no firme propósito de confessar perante a Justiça que tinha abatido a revólver o homem que ameaçava a vida do esposo.

Estabeleceu-se então forte discussão. Cada um dos três achava que era o autor daquela morte. Nesse interim chegou a autoridade policial. Explicou-se o motivo por que o agente de polícia também desejava pegar a vítima. Ofereciam grande soma em dinheiro a quem o agarrasse, vivo ou morto...

— Façamos um exame das armas — alvitrou o delegado. — Depois é que poderemos saber se foi a senhora ou o nosso auxiliar quem o matou. Mas isso somente depois das necessárias providências do Gabinete de Investigações.

Minutos depois conduziavam o corpo num carro, ficando o interrogatório para o dia seguinte.

Dom Pastor não pôde pregar os olhos durante a noite toda. Nem sua esposa, tão pouco. Estavam sobressaltados e, qualquer ruído que ouviam, lhes provocava grande nervosismo e susto.

Deram graças a Deus quando clareou o dia. Ela foi tratar dos serviços caseiros e ele reassumiu seu posto no botequim. A casa se encheu. Muita gente lhe vinha dar os parabéns.

— Sim senhor, seu Dom Pastor! Você é extraordinário! Além de livrar a cidade e o país de um malfeitor daquele calibre, ainda vai meter-se em cem mil cruzeiros de prêmio!

— Cem... o quê?... — disse ele deixando transbordar o copo de cerveja que um cliente pediu.

— Olha o copo, Pastor, que derrama!

— Ah!... desculpe... é que...

— Claro! Eu, se o houvesse matado, também estaria assim como você, nervoso, derramando a cerveja dos copos... — e riram.

Lá de dentro, com voz calma, resignada, sua mulher o chamou:

— Pastor!

— Que há?

— Seu mate, meu bem.

— Isto é que é mulher, meu amigo — disse um dos fregueses. — Isso é que é mulher! Nem parece que houve ontem aqui uma tragédia.

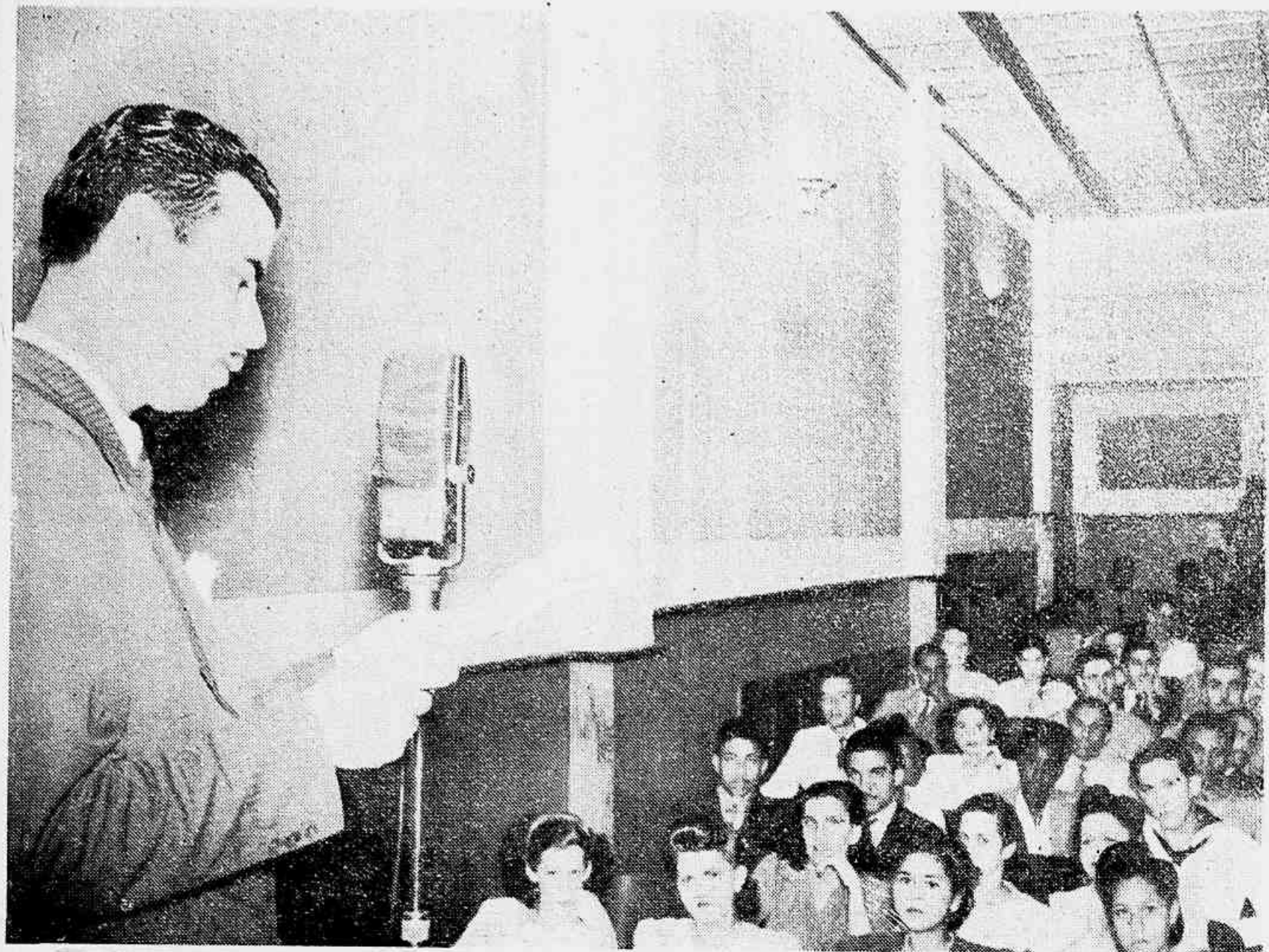
Pastor deixou os amigos a palrar e se dirigiu para o interior da casa, enquanto a esposa vinha tomar o lugar ao balcão.

Toda a conversa da freguesia era sobre o caso. Como Blanca ouvia elogios ao esposo! Como era bravo esse homem já envelhecido! A pátria devia orgulhar-se dele, devia a prefeitura dar-lhe honras de herói, e inaugurar uma rua com seu nome.

Ela ouvia tudo aquilo como se fosse uma estátua, a andar mecânicamente de uma mesa a outra, do salão ao balcão, a receber dinheiro e a registrar sem dar contas de nada...

Dias depois firmara-se o "verdictum": o salteador não havia sido morto por bala de nenhuma daquelas armas apreendidas. Mas não houve quem não mantivesse a convicção: — foi Pastor quem o fuzilou... Mais uma vez se tornava herói sem ter feito nada para conseguir fama... E Blanca se conformou com os caprichos do destino.





Finalmente, o rádio. Começou na Educadora, graças à boa vontade dos irmãos São Freire, que nele enxergaram o espírito brilhante e talentoso de que tanto carecia o "broadcasting" carioca. Hoje, firmado no seio da família radiofônica, Júlio Louzada passou a ser o "locutor da Oração da Ave Maria"



Sua correspondência, das mais numerosas, revela casos dolorosos. Muitos deles, no nosso reportado, a delicada página das dezoito horas. Confortando os que sofrem, senão atender aos princípios cristãos

NADA mais interessante do que se observar no meio radiofônico brasileiro, o trabalho extraordinário de Júlio Louzada. Vigilante e fervoroso no serviço de Deus, utiliza-se do microfone para levar uma palavra de confiança aos que sofrem os designios do Destino cruel e implacável. Esse radialista de boa vontade, desprezando lucros fáceis e garantidos, preferiu lutar pela causa católica, fazendo dos princípios pregados por Jesus, o motivo de sua presença no "broadcasting" carioca.

Júlio Louzada, a quem vocês conhecem como o locutor da Ave Maria, pode ser considerado o semeador das grandes virtudes cristãs. Diariamente, quando a cidade se entrega ao recolhimento para a prece do Angelus, ele-lo através do microfone PRB-7 difundindo fervorosa página de amor e bondade, exaltando aquela que se tornou a mais sublime das mães: a Virgem Maria. Essa prece das dezoito horas, ouvida por abatidos e humildes, enfermos e desesperançados, crentes e ateus, é um hino de fé à prática do bem. Como que ungido pelas dolorosas narrativas que sua correspondência revela diariamente, o exclusivo das «emissoras associadas» faz brotar da página que escreve, novas esperanças para os que a ouvem, confiantes na bondade divina.

CONFISSÕES DE JULIO LOUZADA

DESCENDENDO DE IMPORTANTE FAMÍLIA FLUMINENSE, VIU-SE ÓRFÃO AOS NOVE MESES DE IDADE ★ UMA FORMIDÁVEL TRAVESSURA, EM QUE UMA BENGALINHA SERVIU DE COLABORADORA... ★ UM SONHO NÃO REALIZADO PELA ABSOLUTA FALTA DE RECURSOS, LEVOU-O A BATER ÀS PORTAS DE NOSSO ESTABELECIMENTO PADRÃO ★ NAPOLEÃO TAVARES, O EXECUTOR DA VALSA DE FORMATURA DO FAMOSO LOCUTOR DA TAMOIO ★ A NECESSIDADE, CAUSA DO SEU INGRESSO NO "BROADCASTING" BRASILEIRO ★ UMA CARTA FOI O MOTIVO DA CRIAÇÃO DA "ORAÇÃO DA AVE MARIA" ★ O TRABALHO MINUCIOSO DE UMA OUVINTE, PRESENTE DE ANIVERSÁRIO ★ MILAGRES OPERADOS ATRAVÉS DO PROGRAMA DAS DEZOITO HORAS DA PRB-7 ★ COMO O EXCLUSIVO DAS "EMISSORAS ASSOCIADAS" VÊ O AMOR ★ A ORAÇÃO MAIS SOLICITADA PELOS OUVINTES DA HORA DO ANGELUS

Reportagem de **ARMANDO MIGUEIS**

Fotografias de **ARNALDO VIEIRA**



Foi uma carta de ouvinte, que motivou a "Oração da Ave Maria". Aliás, Júlio Louzada faz questão de frisar que o sucesso dessa iniciativa radiofônica deve-se à boa vontade de seus "fans". No flagrante acima, vemos-lo autografando uma página religiosa, que uma ouvinte lhe solicitou



Mas não é só através de cartas e telegramas que o locutor das "emissoras associadas" recebe as mensagens. O telefone tem servido de acesso para muitos radio-escutas. Louzada, com a sua voz, atende a todos que o procuram

Sabemos que Júlio Louzada, contra as dificuldades que o cercam, porém, seu ânimo não se abate. Ele continua a trabalhar, a lutar, a lutar pela causa católica, a lutar pela causa da alma humana, a lutar pela causa da alma humana, a lutar pela causa da alma humana.

Júlio Louzada nasceu em 1908, no município de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Ele é um homem de muita fé e de muita coragem. Ele é um homem de muita fé e de muita coragem. Ele é um homem de muita fé e de muita coragem.



os dolorosos. Muitos deles, fazem brotar da sensibilidade de... Confortando os que sofrem, outra coisa ele não tem feito, aos princípios cristãos

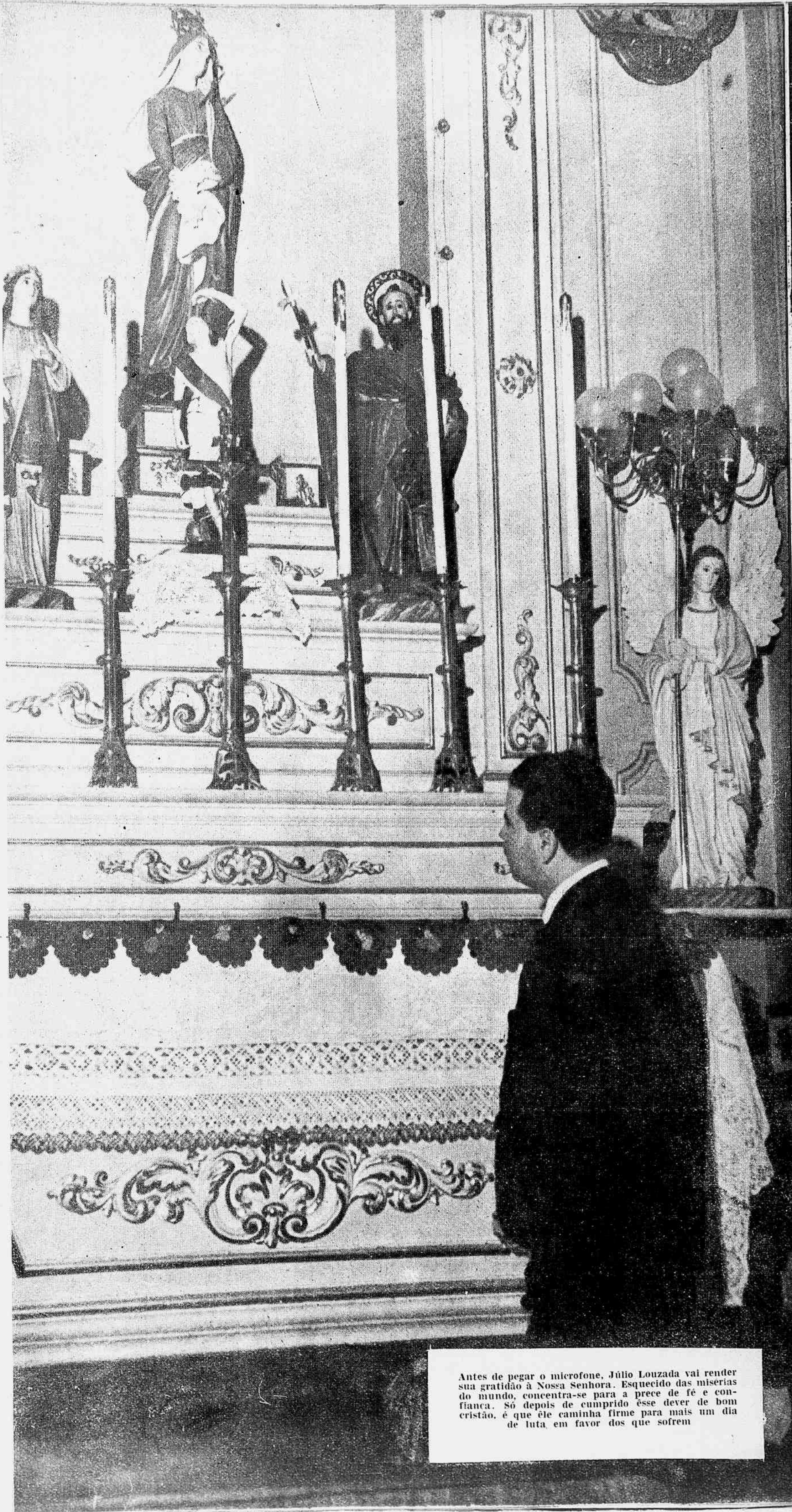
Sabemos que Júlio Louzada muito tem lutado contra aqueles que duvidam do seu espírito religioso. Mas, porém, em vez de aquebrantar seu ânimo, tem servido para aumentar-lhe a firmeza de continuar na propagação dos ensinamentos de Jesus pelo Cristo. A cada dúvida resta-lhe a própria palavra do Senhor, de que «feliciz aquele a quem a verdade por si ensina, não por figura; ou palavras que passam senão por si mesma, não estrando-se tal qual é».

★

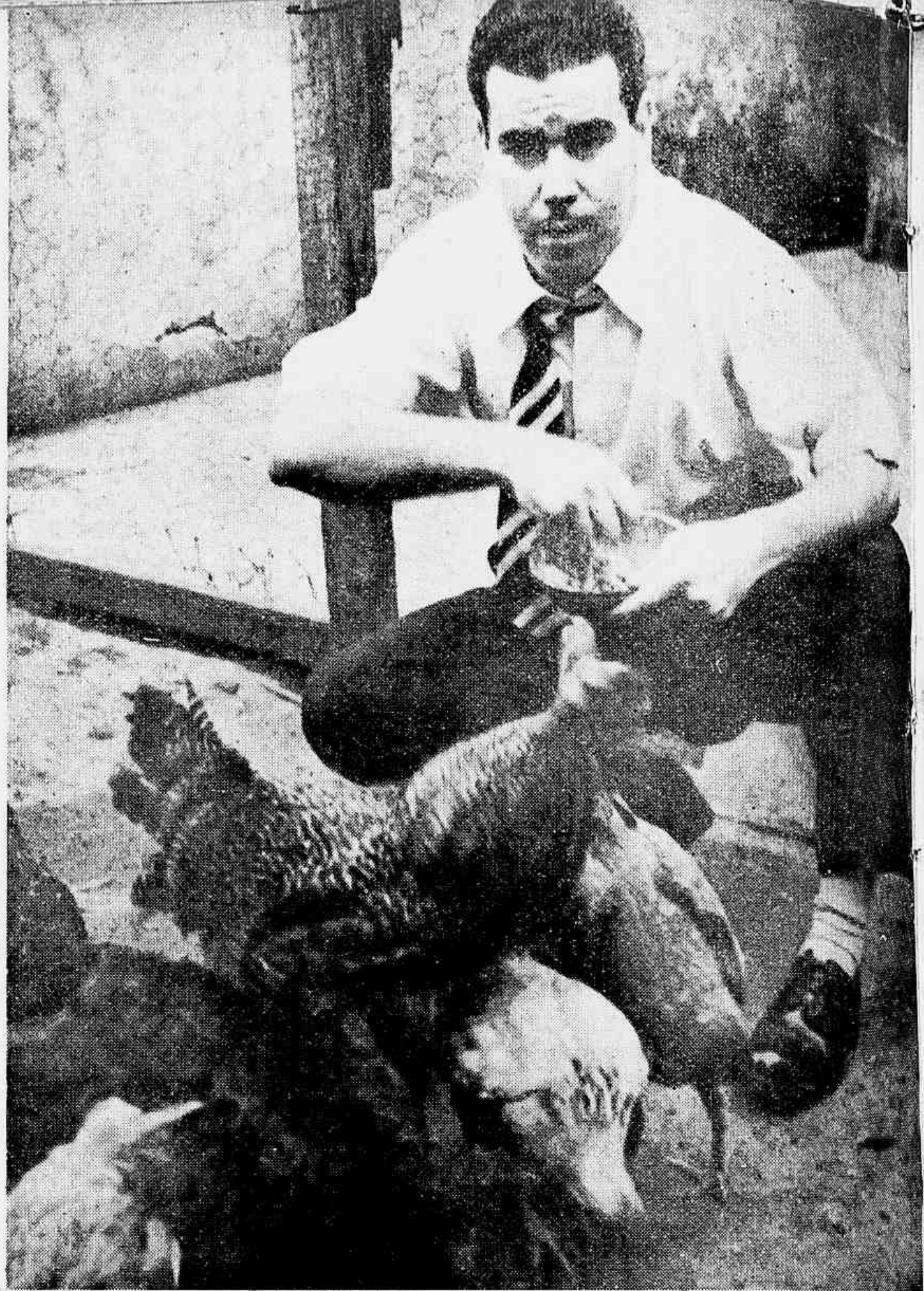
Júlio Louzada nasceu no Distrito Federal, no prédio número trinta e sete (atual 115) da rua visconde de Santa Cruz, às doze horas e quinze minutos do dia vinte e um de fevereiro... Por sinal, era um domingo de carnaval e fazia muito calor. Descende de tradicional família fluminense. Sua progenitora, dona Amélia Pires Louzada, nasceu em Itaguaí. É filha do saudoso casal Cândido Basílio Cardoso Pires e dona Amélia Guerra Pires. Seu pai, engenheiro José Nicolau da Cunha Louzada, nasceu em Angra dos Reis. Era filho do doutor José Teixeira da Cunha Louzada e senhora Amélia da Silva Louzada.



o locutor das "associadas" recebe pedidos. Também o rádio-escutas, Louzada, com a máxima solicitude, dos que o programam



Antes de pegar o microfone, Júlio Louzada vai render sua gratidão à Nossa Senhora. Esquecido das misérias do mundo, concentra-se para a prece de fé e confiança. Só depois de cumprido esse dever de bom cristão, é que ele caminha firme para mais um dia de luta em favor dos que sofrem



AO ALTO: Três gerações distintas: a infância, a mocidade e a velhice. Julinho, sobrinho de nosso focalizado; Júlio Louzada e dona Amélia Pires Louzada, progenitora do famoso "speaker" da PRB-7. Nas horas de folga, quando o microfone não lhe exige maiores sacrifícios, Louzada dedica-se à criação de galinhas. Por isso, antes de sair para a emissora, ele vai levar milho para as "bichinhas" que, diga-se de passagem, o recebem festivamente. EM BAIXO: Agora, o costumeiro beijo dos sobrinhos... Depois, uns centavos para a compra de balas... Finalmente, o preparativo para pegar condução para a avenida Venezuela, onde se acha localizada a Tamoio. O carro está à porta. Louzada lança um olhar para sua dedicada mãesinha que, à janela, aguarda o clássico adeus do filho. Na mão esquerda, mais uma "Oração da Ave-Maria", com que atenderá ao apêlo de um ouvinte



O leito simples e humilde do locutor a "Oração da Ave Maria". Sobre o mesmo, a imagem de Nossa Senhora e de Jesus Crucificado. Na cômoda, onde se acha o oratório, vê-se uma imagem da Virgem Santíssima, presente de uma ouvinte paulista que veio ao Rio especialmente para trazer essa reliquia.

Junto de sua dedicada mãezinha e rodeado por dois sobrinhos, Júlio Louzada está a meu lado, na sala de visitas de sua confortável residência. E' nesse recanto, onde se acumulam dezenas de milhares de cartas enviadas pelos ouvintes da «Hora da Ave Maria» e onde se enfileiram, em bonita estante, as obras completas de Augusto Comte, que se inicia a nossa entrevista.

— Louzada, fale um pouco de sua infância, da qual nada conhecemos.

— Aos nove meses de idade fiquei orfão de pai. Minha mãe, viúva, e mais a dedicação de onze irmãos, não permitiram que me faltasse, em criança, o conforto que as crianças necessitam ter para não sossobrar na grande luta dos primeiros anos de vida. Fiz muitas travessuras, e, por elas, paguei como devia. O fato mais remoto que eu guardo se relaciona com uma bengalinha que me foi dado como presente ao completar três anos de idade. Por causa dessa bengala sofri um castigo: não comi o doce que eu vinha namorando e que se encontrava na prateleira da copa. A coisa se passou da seguinte maneira: vendo-me só, corri ao quarto, apanhei a dita bengalinha, voltei à copa, e, trepado num banquinho, procurava, com a ponta da bengalinha, tirar da bandeja uma «mãe benta» feita para o «lunch». Resultado: perdi o equilíbrio ao me colocar na pontinha dos pés e, comigo, caíram os doces no chão, a bandeja de vidro se quebrou, eu me cortei, e, por fim... não comi o doce que tanto ambicionava!

— ...e de sua vida colegial, que nos conta?

— As primeiras letras aprendi na sétima escola mista do décimo distrito, que estava localizada na rua Visconde de Santa Cruz, dirigida por dona Antonia Canavan. Minha professora era dona Alcina Quadros. Depois, completei o curso primário — que era de sete anos — na Escola Delfim Moreira, na rua vinte e quatro de Maio, sob a direção da professora Marieta Dantas. Ai, tive como mestras: dona Filismina, dona Rosa Vigarano e dona Olga. Ingressei, em seguida, na Escola Profissional Visconde de Cairú, no morro do Vintem, onde tirei um curso de escultor em madeira, com o mestre Paranhos e de modelagem, com Modestino Kanto.

No «Curso Auxiliar de Preparatórios», do comandante Gama e Silva, preparei-me para o exame ao «curso prévio» da Escola Naval. Não me foi possível realizar esse desejo, por falta de recursos. Dessa época, guardo, com saudades, as bonitas aulas da professora Zaira Paggiardo.

Então, bati às portas do tradicional Colegio Pedro Segundo. Lá, fui recebido de braços abertos. Submeti-me ao exame de admissão, e consegui concretizar meu sonho. Era, então, diretor, o professor Euclides Rôxo. Por ser orfão de pai, me foi concedida matrícula gratuita, com direito a livros de empréstimo da Biblioteca do Externato. Em 1935, numa tarde radiosa de verão, do festivo dia dois de dezembro, no salão nobre do centenário colégio, com a presença de altas autoridades, recebia o cobiçado diploma de Bacharel em Ciências e Letras. À noite, nos salões iluminados do Fluminense Foot-ball Club, também dancei a valsa da minha formatura, com a cabeça cheia de sonhos azuis... E como executou bem a música a Orquestra do meu amigo Napoleão Tavares...

— Quando você pensou no Rádio?

— Confesso que nunca me passou pela idéia semelhante pensamento. O que sempre me perseguiu foi o jornalismo. Já no Pedro Segundo, a convite do hoje brilhante caudilho dr. Alfredo Tranjan, dirigi o «Arauto» — que era o órgão preferido dos alunos daquela época. Foi daí que, em mim, nasceu o grande desejo de um dia ser repórter. Mas a luta do ganha pão me fez, um dia, subir à Rádio Educadora, na rua Primeiro de Março, onde seu diretor, Alceu Sá Freire, me proporcionou o ensejo de uma prova para «speaker». Eu era então, acadêmico de direito. Foi assim que a minha vida de radialista começou.

— Podia contar como nasceu a «Oração da Ave Maria»?

— Bem. Isto já é outro grande capítulo de minha vida. Vamos a ele... Depois de alguns meses ao microfone, uma tarde, no cumprimento de um novo horário, que começava às dezoito horas, coincidindo com uma carta que eu, então, vinha de receber, brotou a idéia de uma «Oração»

Júlio Louzada, ainda nos primeiros anos de sua meninice foi aluno da Sétima Escola Mista, encontrando na professora Alcina Quadros, a orientadora de seus primeiros passos nas letras. Foi-lhe a frente de seus companheiros de turma





Nesta casa da rua Visconde de Santa Cruz, nasceu Júlio Louzada. Nesse mesmo prédio, aos nove meses de idade, ele perdeu o pai, sendo cercado pelo carinho de seus onze irmãos e de sua carinhosa mãezinha, com quem ainda vive

diária, ao instante em que os sinos tangerem as Ave Marias. Levada a idéia ao conhecimento da diretoria da emissora, esta, incontinenti, aprovou o plano. E, às dezoito horas, do dia primeiro de setembro de 1937, era lida a primeira mensagem de fé, focalizando a história triste de uma carta. Eram as primeiras palavras de conforto que o rádio levava aos enfermos. Foram tantos os telefonemas, as cartas, os telegramas recebidos, que não me foi possível deixar de atender a todos. Lembrava-me do poeta: «Parar é renunciar caminho em meio...» Concluía, por fim, que assim como o rádio tinha suas horas de prazer, precisava criar o seu instante para os sofredores.

E nesses anos todos decorridos, não de notar que a «Oração da Ave Maria» constitui um conforto diário aos que sofrem. Si ela não abole de

todo a dor — como bem argumentou bondoso e ilustre amigo — pelo menos diminui o sofrimento, o que já é um grande bem. Um detalhe: nas minhas páginas, sempre tive o cuidado de me restringir ao sofrimento, quer fossem morais ou físicos. Nunca me utilizei da Página das Dezoito Horas para outro fim que não fosse o de alentar os ouvintes nas suas horas de sofrimento. Porque, no infortúnio, é que podemos sentir melhor a dádiva de um conselho amigo. Lembrava-me de Graça Aranha: «Sentir a vida é sofrer; a consciência só é despertada pela dor».

— E sobre os casos que nasceram da Ave Maria?

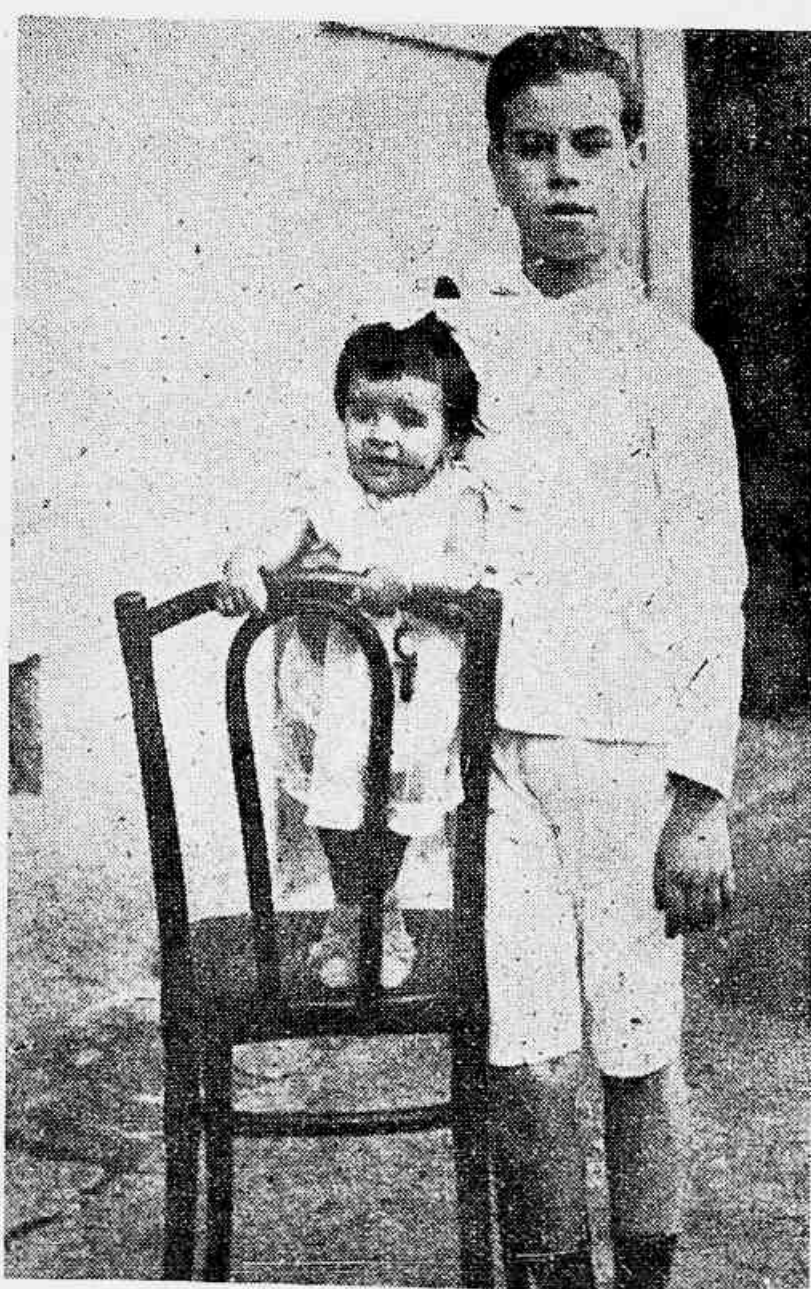
— São muitos e os mais variados possíveis. Poderia começar pelos que encerram quadros de dor; mas deixemos estes para o final. Citemos,

por exemplo, aquela cena presenciada por centenas de pessoas — inclusive pelo diretor da Educadora — quando da festa que realizamos do programa «Um presente musical para você». Terminava o último quadro às dezessete horas e cinquenta e nove minutos. Mas o povo, que se comprimia no pequeno auditório, quis esperar a irradiação da Ave Maria. E, no mais respeitoso silêncio, todos ouviram as palavras que eu pronunciava ao cair daquela tarde... Ao terminar a minha preleção do Angelus, encaminhei-me para o auditório e, então, um senhor veio ao meu encontro, cumprimentando-me pela satisfação que acabava de ter, conhecendo-me pessoalmente. Agradei a gentileza. Em seguida, uma vovózinha pediu licença para beijar minha mão em sinal de agradecimento.

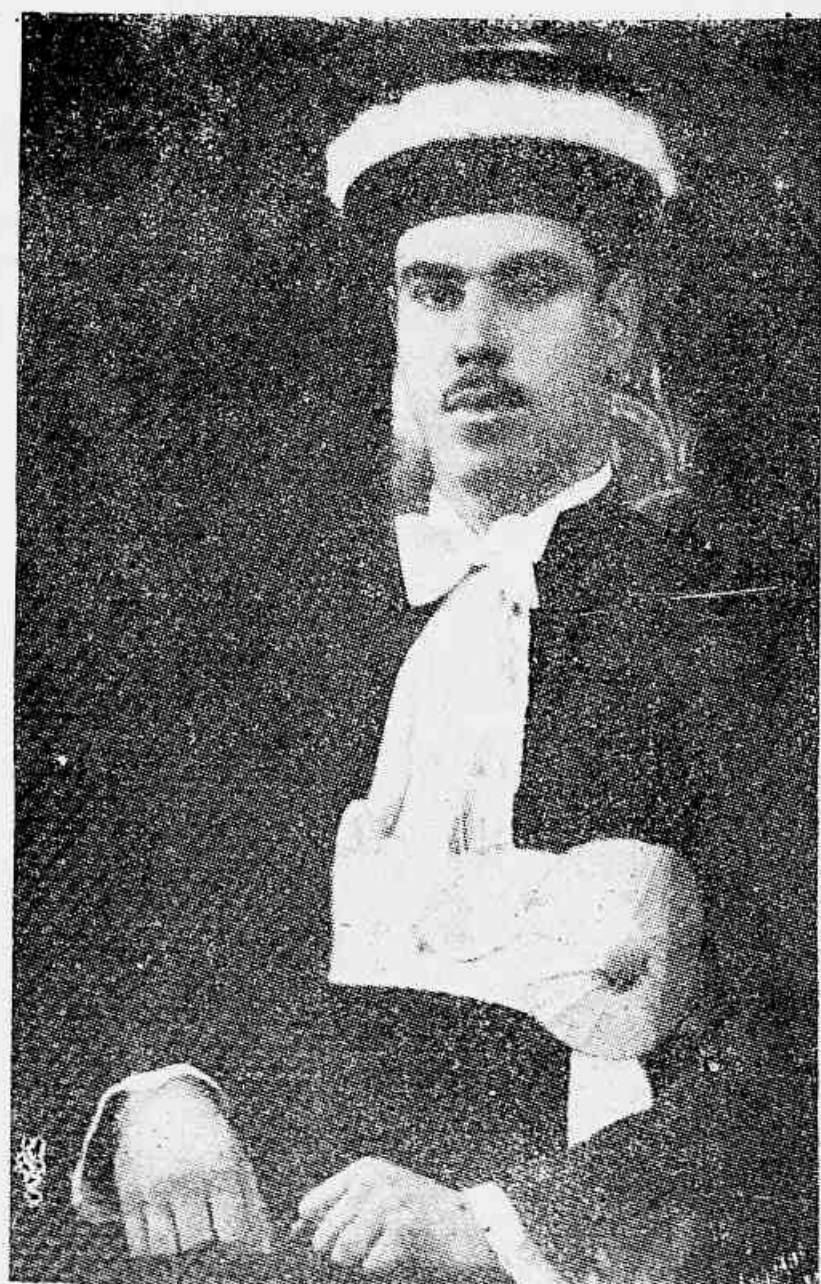
(Continua na pág. 52)



Júlio Louzada aos três anos de idade. Por causa da bengalinha que se vê nas mãos do atual locutor da Tamolô, ele deixou de provar as deliciosas "mãe bantas" feitas pela bondosa D. Amélia. Hoje, ao recordar-se dessa travessura, ele perdoa as que seus sobrinhos praticam



Ali, na casa onde nasceu, nosso reportado posou para a posteridade, ignorando, talvez, que ele viria a se tornar uma das mais populares figuras do "broadcasting" brasileiro. A seu lado, uma priminha



Bacharel feito, com uma infinidade de sonhos... Depois, o curso de Direito, não concluído pela necessidade de ganhar o pão de cada dia. Mesmo assim, Júlio Louzada não deixou de defender a causa daqueles que lutam com o destino

MÃES: FILHOS

Por ANAMARIA CÉLIA

NA ALIMENTAÇÃO ESTÁ A BASE DA SAÚDE

Parece incrível que as mães não tenham ainda compreendido o valor da alimentação como base para a saúde de seus filhos. Salvo raras exceções, a maioria cuida desse assunto com uma negligência revoltante, prejudicando tão somente a criança, cujo desenvolvimento se processa lentamente e sem a resistência que seria de esperar. É justamente essa maioria que se queixa de que os filhos "não comem". Não comem porque não têm vontade, e a mãe que a princípio ainda se esforça um pouco, passa logo em seguida a achar que é assim mesmo, que é natural, pois a criança "é mesmo de pouca comida". Assim também será mais cômodo para ela que não terá mais que se preocupar com o assunto e muito menos de se cansar para fazer a criança comer. Ignora que a tendência de quase todas as crianças é para não comer, pois, em geral, não gostam de ficar presas por muito tempo num só lugar, como acontece às horas das refeições. Tratando-se de uma criança normal, a obrigação da mãe é insistir para que ela se alimente, mesmo que durante as refeições tenha que distraí-la com histórias ou qualquer coisa. Este sistema ainda é preferível a deixar que a criança se vá desnutrindo, tornando-se presa fácil para qualquer moléstia. Há ainda a considerar outro fator importante: o "menu". Muitas, infelizmente, talvez, a maioria das mães, julgam que a

criança não tem paladar e daí passam a lhe impingir, diariamente, a mesma sopinha, a mesma painha, sem nunca tentar variar o seu sabor e o seu aspecto. Se procurassem fazer para os seus filhos comidinhas variadas, gostosas e de aspecto atraente, estaria despertando nêles um maior interesse pela alimentação. A criança, como o adulto, se impressiona com o aspecto de um prato e, como o adulto também, se aborrece de comer sempre a mesma coisa. Outras, sob o pretexto de habituar a criança "a tudo", passam, desde cedo a dar-lhe o mesmo alimento que é ingerido pelos adultos. A verdade é que não querem ter o trabalho de fazer pratos especiais para a criança, prejudicando assim o pequeno organismo. A razão de vermos nas ruas tantas crianças de situação financeira normal, magras e sem côr, está, numerosíssimas vezes, na negligência das mães quanto a alimentação.

★

CONSELHOS

Organize um "menu" para uma semana. Diariamente, no almoço e no jantar, proporcione aos seus filhos um prato diferente. ★ Legumes, verduras, cereais, massas, leite, ovos, são indispensáveis à alimentação da criança. ★ Quando não é a mãe quem cuida diretamente do filho, o que só se justifica quando ela trabalha fora, deverá, pelo menos orientar e fiscalizar a sua alimentação.

★

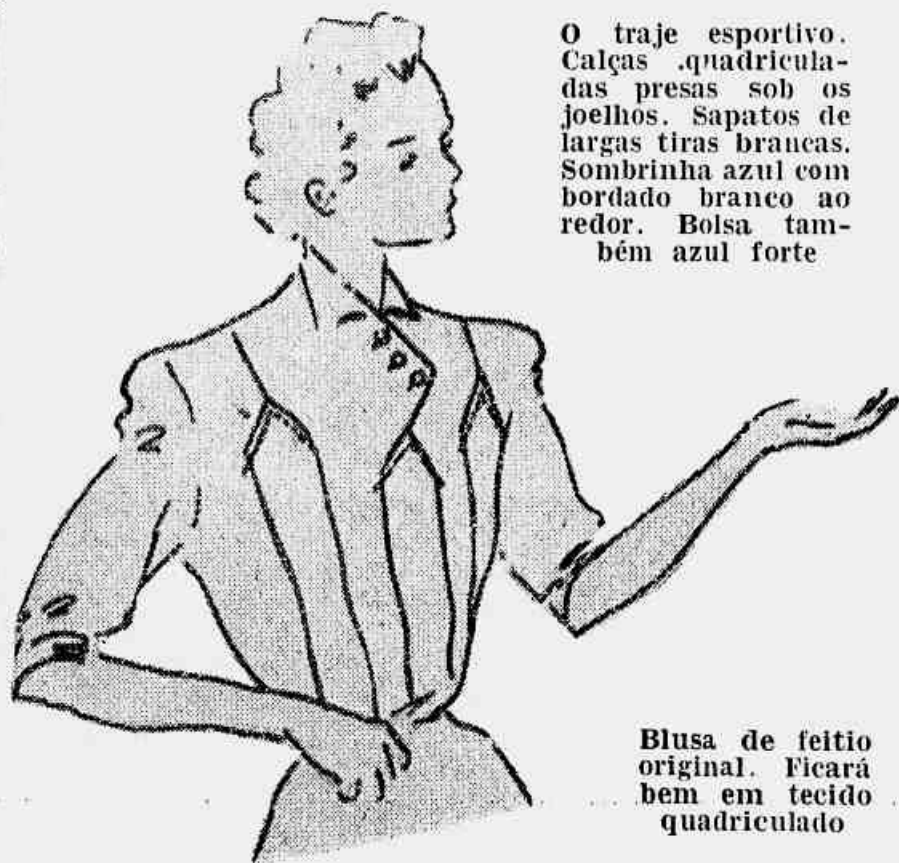
Para os dias de calor eis alguns modelinhos em cambráia, fustão e algodão, para os seus filhinhos...





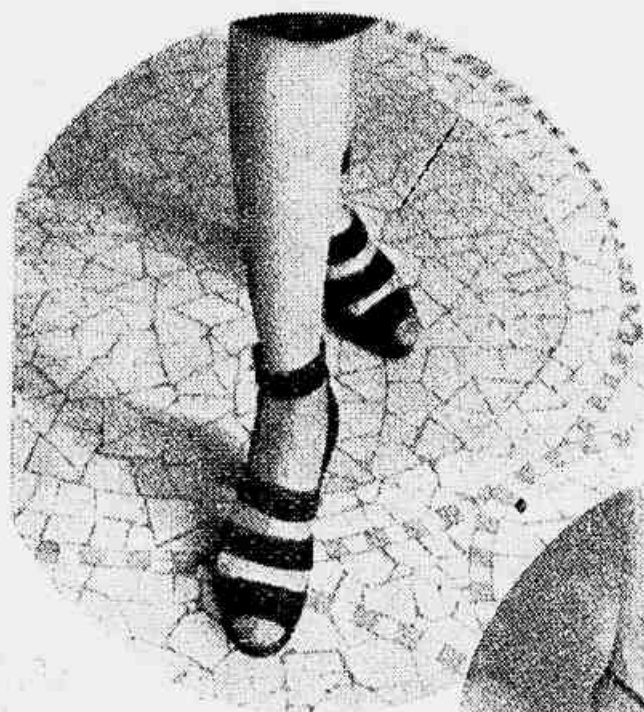
Penteado para a noite enfeitado de flores e fita de veludo

Detalhes e Novidades



O traje esportivo. Calças quadriculadas presas sob os joelhos. Sapatos de largas tiras brancas. Sombriinha azul com bordado branco ao redor. Bolsa também azul forte

Blusa de feitto original. Ficará bem em tecido quadriculado



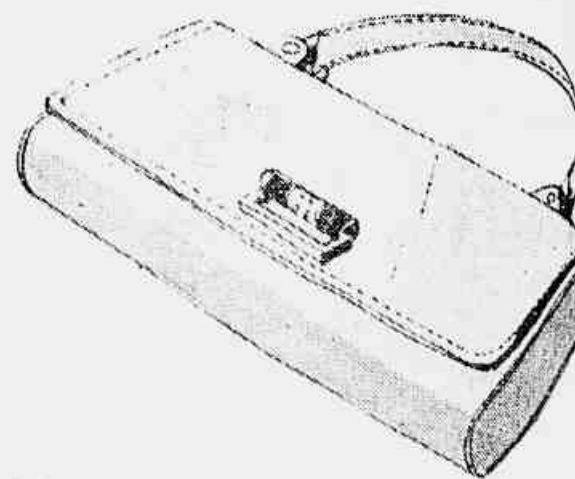
Sandálias muito modernas para "toilettes habillés"



Sapato de Arlene Dahl, da M.G.M., em camurça marinho ou havana



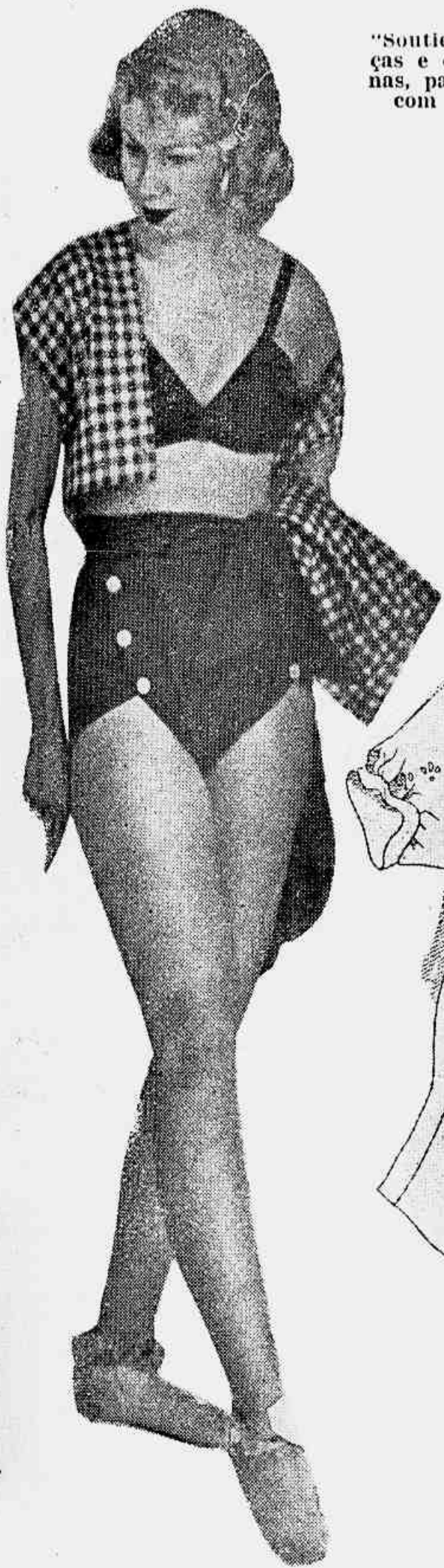
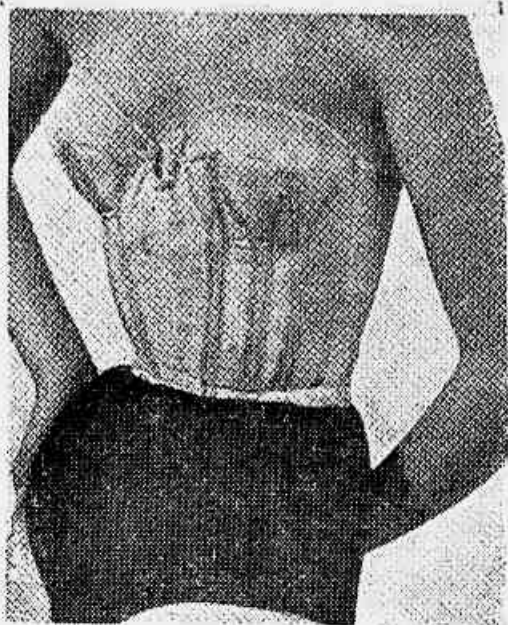
Bolsa para verão em palha e linho



Carteira moderna, branca, de forma retangular



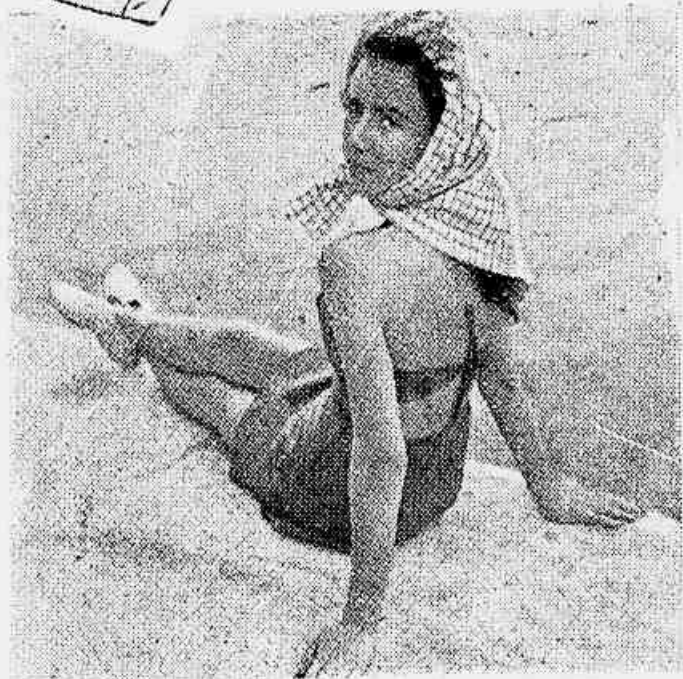
"Soutien" sem alças e com barbata-
nas, para ser usado
com vestidos de
verão



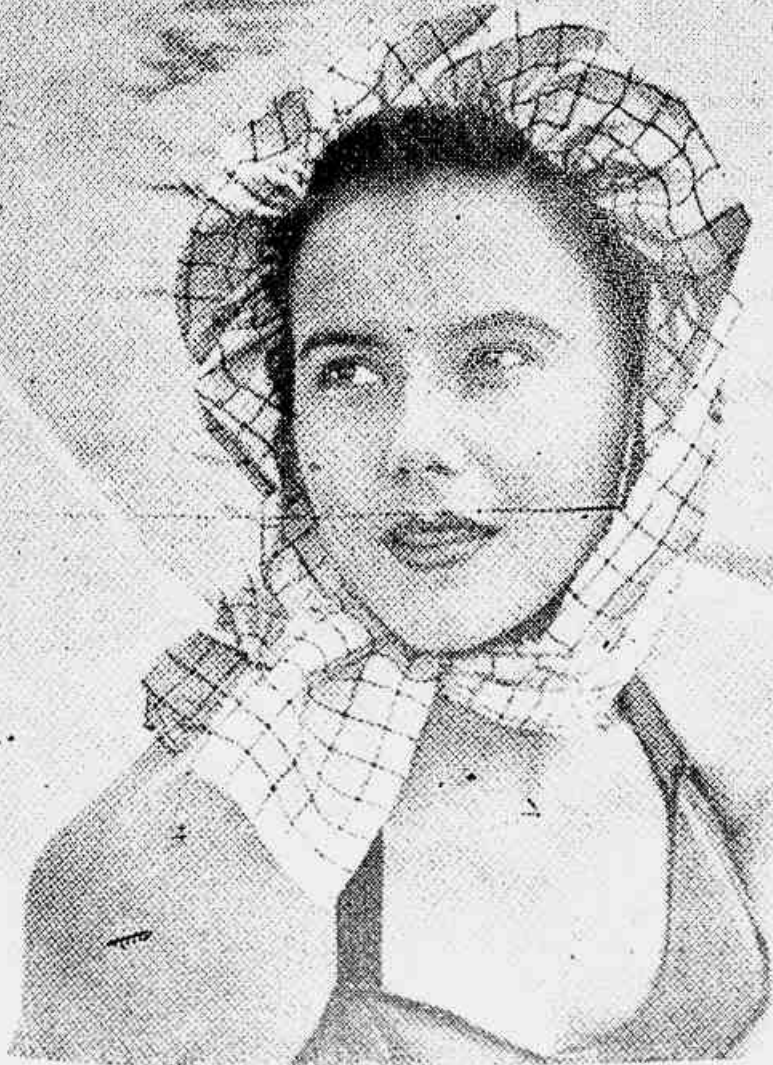
Duas-pecas em tec-
ido azul-rei e qua-
drícula vermelho
e branco



Blusa de cambraia,
com bordados
abertos



Uma touca original
que você mesmo
poderá fazer



Os óculos para a praia
são presos por fitas que
amarram sobre a cabeça

Week-end NA COZINHA

BISCOITOS DE CERVEJA

Ingredientes: 500 grs. de farinha de trigo, 250 grs. de manteiga, 200 grs. de açúcar cristal, 1 xícara das de chá, de cerveja.

Preparação: Juntam-se todos os ingredientes em cima de uma tábua ou de um mármore, e amassa-se tudo muito bem. Em seguida, estende-se com o rolo, cortam-se os biscoitos e passam-se em açúcar cristal. Põem-se num tabuleiro untado com manteiga e assam-se em forno quente. Depois de assados, passam-se novamente no açúcar cristal.



BOLINHOS DE AIPIM

Ingredientes: 4 gemas, 600 grs. de açúcar, 600 grs. de aipim cozido, 200 grs. de coco ralado, 150 grs. de manteiga.

Preparação: Amassase o aipim, misturam-se todos os ingredientes muito bem, assam-se em forminhas untadas com manteiga em forno regularmente quente.

★

COSTELETAS À MILANESA

Ingredientes: Costeletas de vaca, manteiga ou banha, ovos, sal pimenta, farinha de rosca.

Preparação: Tratam-se as costelas, cortam-se, temperam-se com sal, pimenta e, em seguida, passam-se em ovos batidos e em farinha de rosca ou de pão torrado. Fritam-se de ambos os lados em manteiga ou banha bem quente.

SAIBA QUE...

★

A vitamina "C" é encontrada em abundância na laranja e no limão. Sua ação sobre o organismo é extremamente benéfica, protegendo-o principalmente contra resfriados.

★

A vitamina "A", que exerce influência sobre os olhos, pode ser encontrada no fígado, rins, óleos de fígado de peixe, algumas frutas e vegetais verdes.

★

A Vitamina "D" é de grande importância e também a mais difícil de se obter. Sua principal fonte é o óleo de fígado de bacalhau, podendo ser encontrada também no leite e na manteiga.

★

A sopa ficará mais gostosa se, no momento de servir, adicionar-lhe uma colher de azeite de oliveira.

★

No verão, a alimentação deverá constar, principalmente, de legumes e frutas. As saladas são o alimento ideal.

SALADA DE PIMENTÃO

Ingredientes: Azeite, pimentões doces, vinagre, sal, pimenta.

Preparação: Lavam-se os pimentões, retiram-se-lhes as sementes, partem-se em tiras delgadas e deixam-se ficar durante cinco minutos em água quente. Em seguida, escorrem-se numa peneira, deixam-se arrefecer e temperam-se com azeite, vinagre, sal e pimenta.

★

SORVETÊ DE CÔCO

Ingredientes: 400 grs. de açúcar, 1 litro de leite, 1 côco.

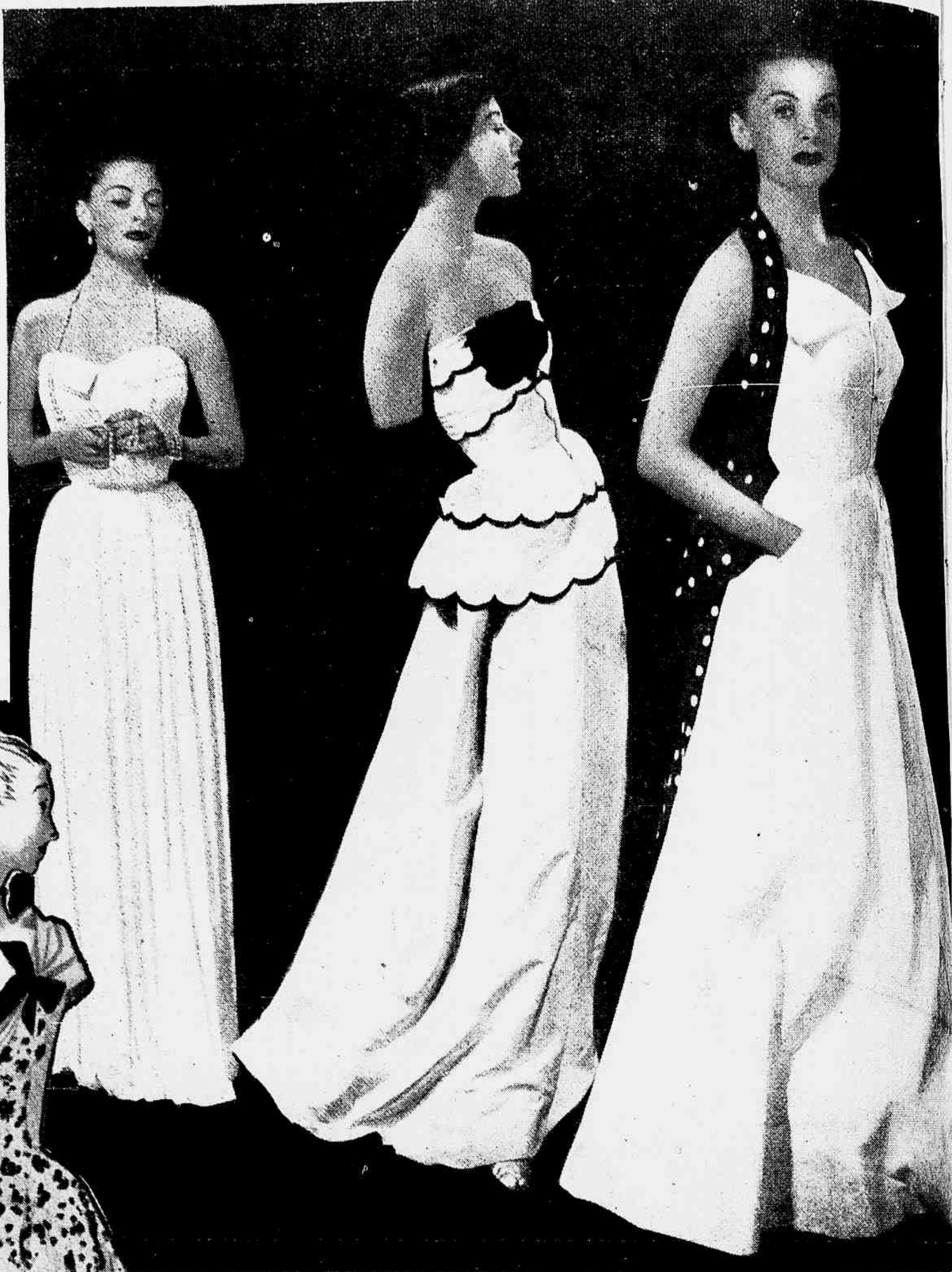
Preparação: Rala-se o côco e depois unta-se-lhe o leite e o açúcar. Mistura-se tudo, põe-se numa caçarola e leva-se ao fogo para ferver um pouco. Em seguida, retira-se, coa-se e depois de frio despeja-se nas fôrmas e leva-se à geladeira para congelar, tendo-se o cuidado de mexer uma ou duas vezes antes de endurecer.

Mesa elegante e sóbria. Toalha de linho com barra de renda





AO ALTO: De Marcel Rochas, em cetim pérola guarnecido de "paillettes" multicores. EM BAIXO: Grande modelo em "chiffon" bordado em "paillettes" sobre o corpete. Um ombro descoberto e, do lado oposto, um laço de veludo negro



De linha muito pura é este modelo de Jacques Fath em "jersey" de seda branca. O modelo de Balenciaga é em tafetá branco com babados ornados de festons negros. Grande flôr negra sobre o busto. Em linho branco é o modelo de Jacques Griffe, preso nos ombros por uma "echarpe" em tecido com "pois" que dá laço atrás e termina em pontas. Bolsos enviezados

Estamos na época das festas. Época em que cada criatura se esforça para surgir mais elegante e mais bela. A variedade nos modelos para a noite, é imensa, quer nas criações quer nos tecidos que vão da seda ao jersey, do organdi ao linho, do tafetá ao chiffon. Vejamos o que nos vem de Paris:

Noite



AO ALTO: Modelo em cetim "broché", com grande "pouf" na frente. Criação de Jacques Costet



AO ALTO: Modelo em tafetá todo drapeado, de graça inimitável. Uma renda preta sobre a cabeça completa o aspecto "goya". A ESQUERDA: Modelo suntuoso em tafetá branco, corpete em veludo preto, grande "echarpe" em "tulle" branca



GUARDA-ROUPA DE VERÃO

Os trajes de verão se caracterizam por detalhes alegres que se encontram ora no tecido, ora num bordado ou numa renda. Jacques Heim, por exemplo, apresenta este modelo em linho amarelo com babados só na frente, guarnecidos de bordado branco. Marcelle Chaumont criou este modelo em linho verde pálido, guarnecido de guipure branca. O vestido de Carven, em seda branca tem guarnições de renda no decote e nos babados da saia. Botões dourados enfeitam este modelo em seda branca de Germaine Lecointe.

O tailleur de Bruyère é enfeitado de ajours fantasia e botões de nácar. Nina Ricci lançou este tailleur clássico em shantung creme com pastilhas vermelhas. O modelo assimétrico de Charles Montaigne, em seda cinzenta, é ornado de bordados verdes. O de Pierre Clarence, em seda branca, é completado por uma echarpe em surah com pois. Finalmente, L. Miedel sugere este modelo em seda, com saia totalmente plissada e original trabalho sobre os quadris.



MODELOS CONVERSIVEIS

Você vai à praia e ao mesmo tempo quer dar a impressão de estar "vestida". Nesse caso, o que lhe resta é seguir as sugestões destas páginas, optando pelos trajes "conversíveis" que nelas apresentamos.



Bolero vermelho com punhos em listras vermelhas e amarelas. Calças brancas. O "maillot" é do tecido listrado



Seu "maillot" listrado servirá de blusa para este gracioso conjunto



Completando o seu "duas-pecas" em percal verde com pastilhas brancas, use esta saia em tom unido e este gracioso bolero também do tecido de "pois"



Sobre o "maillot", uma saia de algodão, bastante franzida. Um lenço forma a "capeline" sobre os ombros



Com uma saia franzida, um "soutien" do mesmo tecido, um "short" e um bolero em tom contrastante, você conseguirá diversas "toilettes"



Sobre um "short" branco, um casaco amplo em linho vermelho



Frederico volta da guerra

Conto de PERICLES LEAL ★ Ilustração de A. MOURA

— Boa noite, "seu" Frederico.

— Boa noite.

O homenzinho coçou a barbicha e cuspinhou no calçamento.

— Noite bonita, hein? Vai ser assim durante todo o verão.

Frederico olhou com o rabo dos olhos para o vizinho e teve vontade de soltar um palavrão na cara dele, mandar que fôsse embora, que não estava para conversa mole. Queria lá saber se a noite estava bonita ou não! Queria saber, isto sim, se conseguia encontrar, em toda a sua vida, algo que justificasse a sua presença no mundo dos vivos. A interrupção do vizinho era detestável. Ele fazia parte de sua vida vazia. Por isso Frederico o odiava e mais uma vez teve vontade de atirar o palavrão na sua cara de de maracujá murcho.

— Não vai sair hoje?

— Ora, somente o que faltava! Era lá da conta de ninguém que saísse ou não? Contudo, resmungou um monossilabo negativo. Sairia foi um roncô. Ora, vá para o inferno! Mas isto foi apenas um pensamento.

O vizinho se cansou e resolveu ficar em silêncio. Sem dúvida Frederico não estava para prosas.

— Bom, vou andando.

— Passe bem.

O homenzinho, sacado dentro da casemira fedorenta, saiu arrastando os sapatos pela calçada a fora. Aquê era outro, pensou Frederico. Por que diabo ainda estava vivendo, aquê sujeito? Era meter uma bala no quengo. E pronto. Viver somente para quem espera alguma coisa da vida, tem um futuro, está se dedicando a algo de grandioso, sobrenatural. Ou então não viver. Meter uma bala no ouvido e, no dia seguinte, sair a nota no jornal: "Foi encontrado morto, ontem, em sua residência..." E o repórter, para não desmerecer sua lendária burrice, terminaria a notícia assim: "Suspeita-se que se trata de suicídio. Foi instaurado o inquérito..."

Aliás, esta idéia de há muito acompanhava Frederico. Para onde ele ia, a idéia fixa estava com ele. Nunca se incomodou com ela. Nunca? Não, isto não. No princípio aterrorizou-se. Mas ela não o largava. Ia-lhe nas pegas por toda a parte. Pelo menor pretexto estava se insinuando na sua cabeça. Frederico terminou se acostumando com ela. E topou.

Agora, estava achando estúpido que o vizinho ainda não houvesse se suicidado. Devia ser tão idiota quanto aparentava. E ainda diziam que as aparências enganam...

As crianças brincavam na calçada fronteira. Para que toda aquela alegria das crianças? Logo elas estariam amadurecidas. Ai se convenceriam da inutilidade da vida. E, se fossem sensatas, se suicidariam, é claro.

Não há dúvida que a morte é a única solução cabível a um homem lúcido, pensava Frederico. Tanto assim que ele a encarava com frieza, com naturalidade. Não via nela um fim, mas um meio para botar um ponto final numa existência vazia.

— Boa noite, "seu" Frederico.

Voltou-se. Era o padre Martinho. A fisionomia bondosa daquele homem não o irritava; era curioso. Sempre sentia-se mal diante das pessoas que pareciam felizes. Era uma sensação de superioridade ofendida. Os chamados felizes, para Frederico, não passavam de pobres diabos que viviam a iludir a si mesmos. Mas com o padre Martinho era diferente. Por isso, Frederico respondeu ao cumprimento, sem grande constrangimento.

Ficaram os dois homens em silêncio. Frederico debruçado na janela, o padre na calçada, mirando as crianças brincando lá adiante.

— Muita luta, hein, padre?

— É mesmo, seu Frederico. Uma luta tremenda. E já estou desconsolado. Cada dia encontro menos fé no mundo. Para lhe falar com franqueza, não acredito que exista gente neste século capaz de um sacrifício por Deus. Tudo que se faz hoje em dia é movido pelo exibicionismo.

Frederico começou a interessar-se pela conversa.

— Quer dizer que o senhor está pregando no deserto, não é padre?

O sacerdote fez uma cara pensativa.

— Parece que tenho mesmo de admitir isto...

É um dos meus, pensou Frederico. Esteve mesmo a pique de esclarecer o seu ponto de vista sobre a necessidade urgente da morte, lançando mão do suicídio. Mas estacou. Era um padre. Não podia ir de encontro aos designios de Deus. Tinha de morrer quando chegasse o tempo. Estava acorrentado pela fé...

É um perdido, remceu, mentalmente, Frederico. E desinteressou-se da conversa do padre Martinho que discorria sobre o ceticismo universal.

— Bom, vou indo. O senhor não aparece mais pela igreja...

Frederico grunhiu:

— P'ra quê?

O padre embatueceu. Deu boa noite e saiu rua a fora.

Frederico ficou olhando o vulto negro se afastar, nos seus passos ritmados, como se estivesse marcando o compasso. Um-dois. Um-dois. Um-dois. Direita, volver! O Exército, o instrutor com cara de sátiro decadente, mascando "chicle" (tinha mania de imitar os americanos). E os berros irritantes cruzando o ar, o sol malhando as costas dos soldados. Depois, o instrutor ficou camarada. Sorria e dizia que era igual a todos. Isto quando estavam no "front". Desaparecera toda a sua arrogância e nem mais se lembrava de mascar chicle. E quando os obuses explodiam perto da

(Continua na página 48)

Especial para "REVISTA DA SEMANA"

QUANDO criança, passava horas a fio tocando um pequeno violino vermelho. Arrancava-lhe sons escorechantes e não podia compreender como os outros não sentiam a beleza de sua música. Na escola, em vez de estudar as suas lições, escrevia um tratado sobre a vontade humana. E não soube por que o professor o rasgou com tanta fúria. Seus olhos inquiridores pareciam vívidos que todos o julgavam bêbedo de sonho. Sua mãe às vezes se espantava das palavras profundas que o menino dizia. "Honoré, é impossível que compreendas o que acabas de falar", dizia ela ao pirralho de sete anos. Seu nome era Honoré (Honorato) porque nascera no dia do santo do mesmo nome. Que desafio para um menino ser apadrinhado por um santo, e um santo de honra!

Seu pai era um funcionário encarregado do abastecimento do exército. Tinha em si muito "de Montaigne, Rabelais e do Tio Toby". Era um otimista de imaginação viva que legou ao filho um imenso patrimônio de sonhos e nada mais. Seus professores do curso secundário desistiram de lhe ensinar qualquer coisa e deixaram-no entregue ao seu mundo de devaneios. "Esse rapazinho gordo anda por aí às tontas, numa espécie de coma intelectual", diziam. E Honoré saiu do ginásio, andava pelas ruas e frequentava bibliotecas em busca de fantasias e fatos. Como um fantasma meteu-se pela Sorbona a dentro e ouviu, sem ser notado, as preleções dos grandes. Nem Victor Cousin nem Guizot perceberam para que regiões longínquas andavam viajando suas palavras sobre história, política e filosofia.

Sua mãe, mulher de extraordinária perspicácia, chamou-o de volta à terra e disse-lhe que devia estudar para advogado. O velho Balzac, que tinha então setenta e quatro anos, estava aposentado. As condições econômicas da família eram más. Um dia o chamamento ao dever deteve os passos de Honoré quando dava seu passeio habitual pelo cemitério do Père-Lachaise, um local favorito onde o mancebo alimentava suas inspirações mais profundas, pesava seus pensamentos mais audazes e traçava seus projetos mais ambiciosos.

Voltou para casa e anunciou à família: "Nada de Direito. Quero ser escritor".
Au diable! A mãe que, à sua maneira, era também genial, excogitou um plano capaz de arrancar o filho ao seu sonho mais recente. Disse-lhe que ele não podia trabalhar em casa já que os aposentos eram pequenos de mais. Alugou uma água-furtada e mobilou-a com o mínimo necessário. Ofertou-lhe este presente de desconforto na esperança de curá-lo de sua "louca ambição".

Honoré bendisse-a. E quando tomou assento no meio da sujeira e dos bichos, parecia-lhe estar sentado no trono real dos seus antepassados espirituais — os famintos reis da pena. Ah! Era divino poder entregar-se ao maior dos seus sonhos!

Um amigo que o foi visitar, deixou-lhe esta impressão do encontro: "Entre numa acañado sôto mobilado com uma cadeira furada, uma mesa desengonçada e uma mísera enxérga com duas cortinas imundas corridas pela metade, a um lado e outro. Sobre a mesa estavam um tinteiro, um caderno grande cheio de gatafunhos, um cântaro com limonada, um copo e um pedaço de pão. Naquele buraco em ruínas o calor era sufocante e respirava-se uma atmosfera malsã. Balzac estava deitado, com um gorro de algodão na cabeça. "Seja bem-vindo, meu amigo, à habitação que deixei apenas uma vez nestes dois meses. E durante todo este tempo não me levantei da cama onde trabalho na grande obra-prima".

Sobre a mesa estava um drama recentemente concluído — "a obra-prima", pela qual o autor se esbojava em tanta imundície. Um dia Balzac apanhou-a e foi à sua casa levá-la para a família. Não foi bem acolhida. Levou-a então a uma autoridade no assunto, pertencente à Academia Francesa. "Monsieur, quer ter a bondade de examinar este trabalho e indicar-me o caminho que devo seguir no futuro?". Monsieur leu o manuscrito e respondeu: "No futuro, faça qualquer coisa, menos escrever". Honoré limitou-se a dar de ombros. "Creio que as tragédias não são o meu gênero".

Mas continuou em seu sôto, trabalhando em suas composições literárias. Inábil para entristecer o mundo, resolveu divertí-lo. Tendo fracassado como escritor de inspiradas tragédias, passaria a fazer obra grossa mas rendosa: ficção sensacionalista para revistas populares. Havia em sua cabeça um mundo de enredos, mas sua bolsa e seu coração estavam vazios. "Sinto fome, Laura", escreveu à sua irmã. "Meus dois imensos desejos — ser famoso e ser amado — serão algum dia satisfeitos?".

Trabalhava febrilmente produzindo histórias feitas segundo uma fórmula estabele-

A VIDA DE BALZAC

(HONORÉ DE BALZAC — 1799-1850)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)

cida. Escrevia sessenta páginas por dia. Em três anos, com diferentes pseudônimos, escreveu trinta e um volumes de aventuras — e nem assim era famoso nem amado. Pelo seu trabalho quase sempre prometiam pagar-lhe no futuro. O mesmo fazia ele em relação aos seus compromissos: um dia lavia de saldá-los. O que é certo é que não havia meios de Balzac deitar a garra ao presente. E como as dívidas estavam sempre acima de suas rendas, só lhe restava fabricar em série mais e mais histórias fantásticas.

Afinal o sonhador caiu na conta de que precisava arranjar outro trabalho. Sonhos agradáveis só os têm estômagos bem nutridos, abrigados em roupas quentes. Precisava de uma renda independente do seu trabalho de escritor, um salário semanal. Mas como? Ele tinha muitas idéias na cabeça e — em conversa — era capaz de traçar planos que fascinavam os ouvintes. Um destes planos era fazer-se editor. Falou sobre essa sua ambição com tal entusiasmo e com gestos tão eloquentes que um comerciante rico montou-lhe uma editora. A casa esborou-se como um castelo de cartas. Mas o dono da empresa, que nela perdera setenta mil francos, continuava enfeitado pela magia da eloquência de Balzac. Apresentou-o a um seu irmão, também homem rico, que transformou o editor em impressor.

A empresa tipográfica, às mãos de Balzac, malogrou-se como a editora. Mas a língua do novelista mantinha o seu mágico poder de persuasão. Conseguiu que os amigos comprassem para ele uma fundição de tipos. Levou-a prontamente à ruína, sendo necessária a assistência dos parentes para salvá-lo da falência e à família da desonra.

Fundou um jornal, que se desfez como um sonho. Então, com uma risota alegre, pôs-se de novo a escrever. Não, ele não guardava ressentimento contra ninguém. Na verdade fora a sua má estréla e a desonestidade de seus associados (Balzac estava convencido disso) — que o tinham feito cair. Ele, certamente, nunca estivera errado em coisa alguma. Mas por que incomodar-se com tais coisas? Mais que feliz se julgava ele com seus sonhos. Com mil francos de dívidas antes dos trinta anos? Eh bien! Colgou seus aposentos de chita azul — a cor o fascinava. E escreveu à irmã (foi uma dificuldade arranjar dinheiro para franquear a carta): "Ah! Laura, se soubesses com que ardor desejo (mas silêncio! Guarda o segredo!) duas cortinas azuis bordadas de preto!" (Silêncio, sempre!). Sentia-se atormentado, cansado? Não podia afastar as cortinas do pensamento. "Sempre as cortinas", murmurava em sonhos. Era uma idéia fixa. Não tinha pão no estômago? Tinha algo bem mais importante — beleza na alma. Na hora do jantar ele pegava um pedaço de giz e traçava sobre a mesa um círculo representando um prato. Dentro desse círculo escrevia o nome de seu pitêu predileto. E assim jejuava, mastigava e engolia as iguarias mais exóticas que sua mente era capaz de evocar. A saliva afluía-lhe à boca e lágrimas de felicidade rebentavam de seus olhos.

Contudo, momentos havia em que o desespero lhe apertava o coração. Nesses momentos só o amor e a compreensão de uma mulher consideravelmente mais idosa do que ele é que o impedia de suicidar-se. Fora ter com ela num dos seus instantes mais negros: "Não me consoles. É inútil. Sou um homem morto". Mas logo que ela lhe dizia uma palavra de animação transfigurava-se: "Tens razão. Meu gênio me fará viver".

Enquanto isso, seu trem, correndo pelos trilhos da Providência, mantinha-se no horário. Com toda a estúpida confusão de sua vida, ele chegava ao seu destino. A absurda quantidade de trabalhos que escrevera estava tornando mais límpidas as qualidades de seu talento. Penosamente, com as contas por pagar e espetando-o como pontas de espadas, adquiriu um profundo conhecimento do mundo e uma grande comisseração pelo sofrimento. Da estridente energia de sua ambição, do vapor, da fumaça e do suor de suas lutas, surgiu visão do artista, "uma visão breve como a vida e a morte, profunda como um abismo, grandiosa como o rugido do mar... O trabalho chama, todos os fornos estão aquecidos, o êxtase da concepção esconde as tristezas subsequentes. Tal é a visão do artista, humilde instrumento de uma vontade aparentemente libérrima e na realidade prisioneira".

II

Agora os contos e romances eram publicados com o seu verdadeiro nome. Histórias da burguesia a crescer — os donos de estabelecimentos comerciais, os banqueiros e os ladrões — da civilização cujo Deus é o dinheiro e cuja alma é o vapor. Balzac exultava com o barulho que ia fazendo. "Tenho boas notícias para ti, irmãzinha; os críticos estão-me pagando melhor os meus artigos. Werdet manda-me dizer que meu Médico da roça esgotou-se numa semana. Há! Há! Tenho portanto com que fazer face às contas de novembro e dezembro que tanto te preocupam. Há muitos milhões a ganhar com Eugénie Grandet!" Em sonho já se imaginava tomando assento no Instituto, na Câmara, no Ministério. Por que não haviam os escritores e os sonhadores de dirigir a nau do Estado? "Os que fizeram a volta ao mundo das idéias não são os mais aptos a governar os homens? Eu gostaria de ver o sujeito que ia ficar assombrado, se eu ganhasse uma pasta ministerial!"

Mas, ao dar uma vista dolhos às suas transações bancárias, a luz rósea de seus sonhos se apagava. Parecia que quanto mais escrevia, mais aumentavam suas dívidas. Era isto um maravilhoso desafio às leis da lógica. Relanceava os olhos pelos salões que sua fantasia trastejava à primeira aragem indicadora de que bons ventos o bafejavam. Livros esplêndidos, cadeiras antigas, mesas lavradas, as mais belas obras de arte, porcelanas da Saxônia, tapeçaria chinesa. E, fatigado, voltava expectante para o trabalho. Mourejar em pleno luxo para a condessa B. Escrevia acerca dos maiores biltres e dos mais chapados libertinos. Dava livre curso às empestadas exalações da sociedade com tanta fúria como se soltasse os sete ventos das cavernas de Eolo. E ele se sentava e trabalhava envolto num roupão branco, como um frade dominicano. Usava chinelos de marroquim vermelho, debruados de ouro, e cingia o vasto corpo com uma corrente veneziana de ouro, da qual pendiam, tudo de ouro, uma bengala dobradiça, uma faca e uma tesoura. Bebia enormes goladas de café fumegante para ficar desperto. Para ele, escrever era uma cerimônia tão solene como uma missa, começando às duas horas da madrugada quando o sumo sacerdote se levantava e tomava da pena. A luz de quatro velas examinava meticulosamente os restos profanos dos banquetes parisienses — as sobras do amor e do escândalo. Às seis da manhã tomava um banho e bebia várias xicaras de café. Depois, corrigia as provas tipográficas. Das nove da manhã ao meio-dia os pequenos mensageiros corriam do escritor para a tipografia e desta para aquele, tentando decifrar as páginas, acrescentadas à pressa ao original.

(Continua na pág. 52)



HONORÉ DE BALZAC

A Casa Cristalino

A RAINHA DOS PRESENTES

APRESENTA A MAIOR VARIEDADE DE SERVIÇOS DE JANTAR, CHÁ E CAFÉ, DE PORCELANA DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS. BAIXELAS E FAQUEIROS PRATA DE LEI E PRATA 90. FINÍSSIMO E ENCANTADOR SORTIMENTO DE PORCELANAS, FAIANÇAS E CRISTAIS FRANCÊSES, TCHECOS E INGLÊSES

FINÍSSIMO SORTIMENTO DE LUSTRES DE CRISTAL

VISITE NOSSAS EXPOSIÇÕES DE ARTIGOS DE ARTE PARA ADORNO E PRESENTES

URUGUAIANA, 35 - 37



Paris criou as Essências dos produtos Paineiras

EXTRATO OU LOÇÃO Cr.\$50,00 PELO REEMBOLSO POSTAL

ENVIAM-SE CATÁLOGOS AOS VAREJISTAS

RUA S. FRANCISCO XAVIER, 862 - RIO



Asaúde do BEBÊ

DR. SABOIA RIBEIRO

DENTIÇÃO E DENTES NA CRIANÇA

Para muitas mães, depois que se inicia a primeira dentição, a qual vai do 6.º ou 8.º mês ao 24.º ou 30.º, mês todas as perturbações que se passam no organismo infantil, têm, invariavelmente, como causa determinante, essa mesma primeira dentição.

Há nisso um enorme exagero e nada mais.

Nós, médicos, apenas aceitamos que, durante a erupção dos primeiros dentes, se passem algumas modificações no seu humor natural, sobretudo nas crianças de temperamento nervoso. Observar-se-lhes-á, então, uma como irritabilidade maior, mais fácil tendência ao choro (as crianças nervosas possuem, de natural, tendência ao choro); algumas dormem menos bem, têm caprichos do apetite, ou se mostram mais propensas aos distúrbios digestivos em face das infrações alimentares, (as mudanças do regime alimentar nem sempre são bem toleradas então) etc.

E' o que mais se pode atribuir à dentição.

Ora, múltiplas são as causas das doenças entre o 6.º e o 30.º mês, uma vinculadas à sífilis, outras à tuberculose, às diateses, às rinofaringites, muitas e muitas aos erros alimentares.

Como tudo isso se passa dentro daquele período em que evolui normalmente a primeira dentição, atribuem a esta a responsabilidade dos respectivos fenômenos, no que existe, porém, flagrante erro de observação. Os resfriados dos diatésicos exsudativos e suas complicações, as diarreias da alimentação desconhecida e imprópria, os vômitos e o choro fácil dos neuropáticos, tudo isso, sem mais nem menos, é logo atribuído à dentição.

De fato, a dentição é compatível com um estado de saúde satisfatório, salvo as já mencionadas peculiaridades dessa fase, nos primeiros dentes.

Correm, entretanto, sobre esse estado da criança, as mais disparatadas noções, que a ciência não aprova nem, tão pouco, a verdadeira interpretação dos fenômenos por parte do pediatra.

"Em sã consciência — escreveu um mestre — não vi, jamais, acidentes graves ou leves atribuíveis à dentição. Eles não existem nos lactentes cientificamente alimentados..." etc.

O professor Combe, de Lausanne, para ilustrar como são levianamente atribuídos à dentição os fenômenos mórbidos que atingem a criança durante tal fase, cita a seguinte observação.

Uma criança era amamentada por certa nutriz e, de um para outro momento, passou a ser acometida de convulsões periódicas que trouxe a inquietação da família. Estava a criança apenas no início da dentição, e logo se incriminou a esta ditas manifestações. Pessoa da família, porém, observou que as convulsões tinham lugar, sempre, com a volta da ama à casa, após as licenças que, domingos e dias santificados, costumava obter dos patrões, dormindo fora do emprego. Fiscalizada a ama, apurou-se tudo em breve. A ama era alcoolista, e nas ausências entregava-se à bebida. E era a intoxicação alcoólica do leite o que ia determinar as convulsões da criança.

A cura foi obtida apenas com a dispensa da ama alcoolista.

Particularmente as mães ligam muita importância ao estado das gengivas. No entanto, a nascenta dos dentes nada tem de traumática para as gengivas. Estas é que se reabsorvem a si mesmas, como que a abrir passagem ao dente que, de baixo, vai apontar em pouco. O mais que pode haver é uma certa intumescência local, devido propriamente a uma circulação mais intensa nas gengivas, que não é, porém, inflamação nem infecção. A verdade é que processos inflamatórios ou infecciosos das gengivas, nessa fase, são antes causados pelo escorbuto ou as cáries e coincidem quase sempre com o mau estado da criança.

Mal instruídas sobre o verdadeiro mecanismo, muitas mães lançam mão de certos processos mecânicos visando facilitar a saída dos dentes: friccionar as gengivas com vários ingredientes, dão à criança mil coisas para morder (calungas de borracha, raízes de alcauz etc.).

Antigamente era muito usado o xarope Delaberre, prática absolutamente prejudicial, porque o dito xarope faz aumentar a acidez do meio bucal, que favorece o desenvolvimento de micro-organismos nocivos para a boca, inclusive o causador do sapinho (oidium albicans).

Não menos prejudicial é o mel rosado, também ainda usado. No entanto, todo o tratamento da boca da criança, na dentição, deve consistir em bem pouca coisa: no seu asseio pelas soluções de bi-carbonato de sódio, e isto antes e depois de cada vez que a criança mama.

O que importa também é observar se há ou não atraso da dentição e se o aparecimento dos dentes corresponde, a partir do 6.º ou 8.º mês, a 1 dente por mês, e na seguinte ordem: primeiro os incisivos (8 dentes, do 6.º ao 14.º mês); depois, os pré-molares (4, do 14.º ao 18.º mês); a seguir, os caninos (4, do 18.º ao 24.º mês); finalmente, os 4 molares, até o 30.º mês. Ao todo 20 dentes, da primeira dentição.

Essa dentição perdura até o 6.º ano e precisa ser vigiada e conservada pelo asseio constante da boca e de uma alimentação a que não falem vitaminas e cálcio. Os cuidados devem visar o tártaro e as cáries. "Os cuidados com os primeiros dentes não são desprezíveis. Eles preparam uma boa dentição permanente."

O retardamento dos dentes deve fazer pensar numa avitaminose ou, até, defeito de glândula, como no nanismo tirogeno. Muitas vezes há lugar para uma indicação terapêutica. Pode estar em causa a falta de cálcio e fósforo.

Nos defeitos de conformação, há que suspeitar de sífilis, principalmente.

No lactente o asseio da boca poderá ser feito com uma solução de bicarbonato de sódio: uma colher pequena num meio copo d'água (de preferência fervida) e aí embebida uma mecha de algodão enrolada no dedo, fazer uma espécie de embrocção das bochechas e sulcos gengivais, eficaz porém sem traumatizar. Isto depois das mamadas. Observaremos, porém, que muitos pediatras prescindem de qualquer prática, e nós assim fazemos.

A escova, sim, esta deve ser posta em prática o mais cedo, hábito que, aliás, já se está generalizando cada vez mais.

O quadro abaixo resume as principais questões atinentes à dentição da criança:

1.ª DENTIÇÃO

Espécie	N.º de dentes	Época
Incisivo	8	6.º-14.º mês
Premolares	4	14.º-18.º "
Caninos	4	18.º-24.º "
2.ºs molares	4	24.º-30.º "
	20	

2.ª DENTIÇÃO

3.ºs molares	4	Aos 6 anos
4.ºs molares	4	Até 13 anos
	8	

3.ª DENTIÇÃO

Dentes de sizo	4	Dos 18 aos 20 anos
----------------	---	--------------------

Os dentes da primeira dentição costumam surgir aos grupos de 4 (de 4 ou 6 meses, 1 grupo, na ordem supra). Os incisivos nascem, primeiro os 4 medianos; depois os 4 laterais. Algumas vezes a ordem não é essa; assim podem os caninos virem antes dos premolares etc.

Os dentes da primeira dentição, pelos 7 anos, são sucessivamente substituídos por dentes permanentes. Essa substituição se completa ao fazer a criança 13 anos, isto é, ao terminar a dentição. De modo que, aos 13 anos, a dentição é já definitiva. Mais do que mera ordem de aparecimento dos dentes importa observar a conformação, a friabilidade, tamanho deles; pequenos, mal conformados, sujeitos a cáries, a coisa faz suspeitar o raquitismo; incisivos de bordas semilunares é sintomático de sífilis (dentes de Hutchinson).

Como se vê do quadro acima, os caminhos só surgem ao 18.º ou 24.º mês. A natureza parece com isto indicar que só deve ser propiciada carne à criança depois que eles aparecem.

PELAS estradas do CÉU

Por ANDRÉ MAX

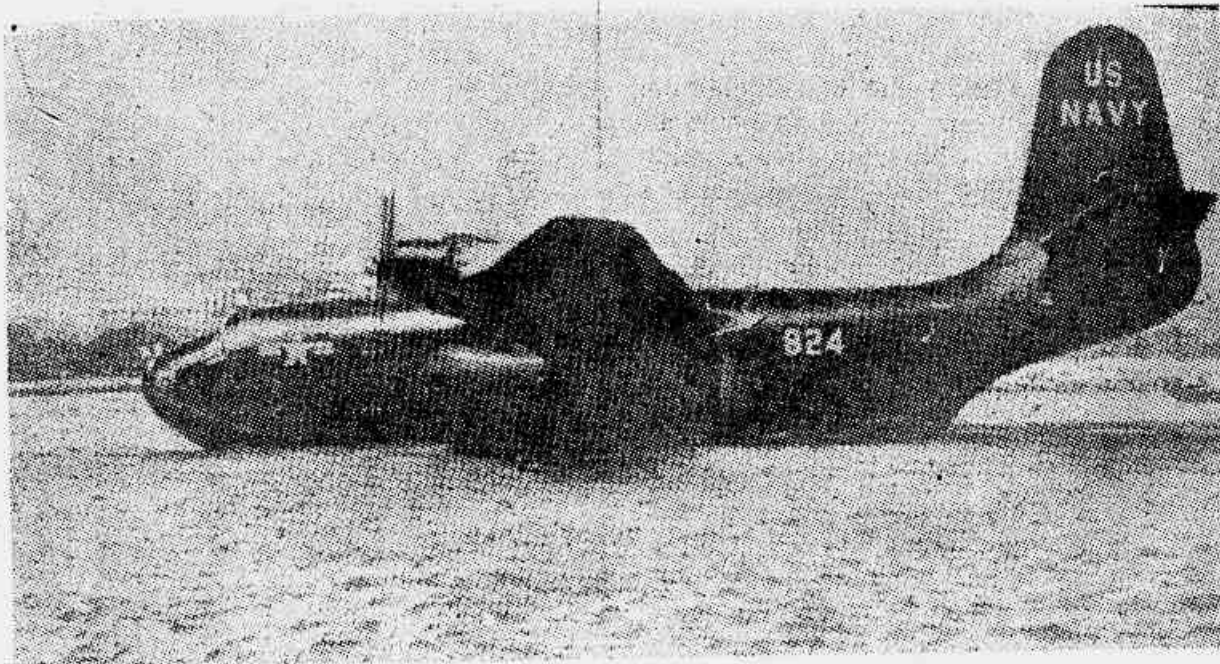
São cada vez maiores as "performances" em vôos diretos, por maiores que sejam as distâncias a percorrer. E' cousa ainda de ontem, o problema de subidas e descidas dos aviões, muitas vezes vítimas de pistas mal tratadas, ou de aquatagem sem o devido balisamento.

Quanto acidentes nesse tão próximo passado da aviação civil e comercial! Mas, o homem moderno não descança. Seus estudos avançam corajosamente na conquista de novos "records" e maiores condições de segurança para os passageiros e cargas. O mundo vive da rapidez e firmeza de seus transportes, especialmente do aéreo.

Nesse ponto não há nação que possa competir com os Estados Unidos. Faz pouco tempo mais uma sensacional prova de resistência de seus aparelhos, enormes navios dos ares, foi registrada. O "Caroline Mars" voou de Honolulu a Chicago, sem escalas, cobrindo cerca de 4.800 milhas em 24 horas e 9 minutos.

Trata-se de majestoso hidro-avião de quatro motores, que alcançou marca "record" não oficial. O tempo anterior obtido por um outro aparelho foi de 4.375 milhas entre Patuxent River e Natal, no nordeste brasileiro. O atual vôo do "Caroline Mars" excedeu aquele sensacional pulo pelos ares, em cerca de 40 milhas.

Para atestar a excelência dessa viagem extraordinária, recebeu o grande hidro navio de vinte e cinco cronistas especializados em aviação, bem como conduziu também



O gigantesco hidro-avião da Marinha dos Estados Unidos "Caroline Mars" taxidando diante de Chicago depois de sua sensacional viagem

dezessete pessoas como membros da tripulação. Essas testemunhas ficaram entusiasmadas com o privilégio de terem tomado parte num vôo "record", bem assim, pela honra de haverem sido as primeiras que tomavam parte num salto sobre o Pacífico de Honolulu a Chicago sem escalas. Ao passar o grande pássaro aquático de metal por Ann Arbor, uma formação de aviões militares de Glenview, Illinois, o escoltou através do lago, dando à sua chegada a Chicago, o mais festivo aspecto.

Nota pitoresca foi a de que os convidados que vinham no avião saltaram em Chicago exibindo os famosos colares nativos daquela ilha norte-americana do Pacífico, tendo o avião, por sua vez, trazido à grande cidade que o recebia, de presentes a quatrocentas libras de frutas e flores havaianas, destinadas a pessoas de destaque de Chicago.

O comandante da aeronave declarou à imprensa que todo o percurso foi realizado sem maiores complicações, tendo apenas de registrar certas formações de cúmulos o que o fez elevar-se a nove mil pés. Já na costa do país, as elevações da cordilheira das Rochosas obrigaram a alturas até 13 mil pés, livrando-se todos das cerrações e de outros inconvenientes.

Depois de tomar parte em competições aéreas, o "Caroline Mars" será incorporado a uma frota de grandes hidros do tipo do "Martin Mars", a fim de executar com os demais, viagens regulares entre São Francisco e Honolulu.

Em virtude de seus poderosos motores com força total de três mil cavalos, espera-se que esse gigante dos ares possa carregar, normalmente, 35 mil libras, ultrapassando em mais de 15 mil, a anterior capacidade de 20 mil libras de aviões dotados de motores "Wright Cyclone", com apenas 2.500 H.P.

Parots d'argent



Um fino perfume, de suavíssima fragrância e persistente efeito.

LOÇÃO • EXTRATO • BRILHANTINA • PÓ DE ARROZ

ROGER & GALLET

PARIS • RIO

TINJA seus cabelos com...



FONTE DE ETERNA JUVENTUDE



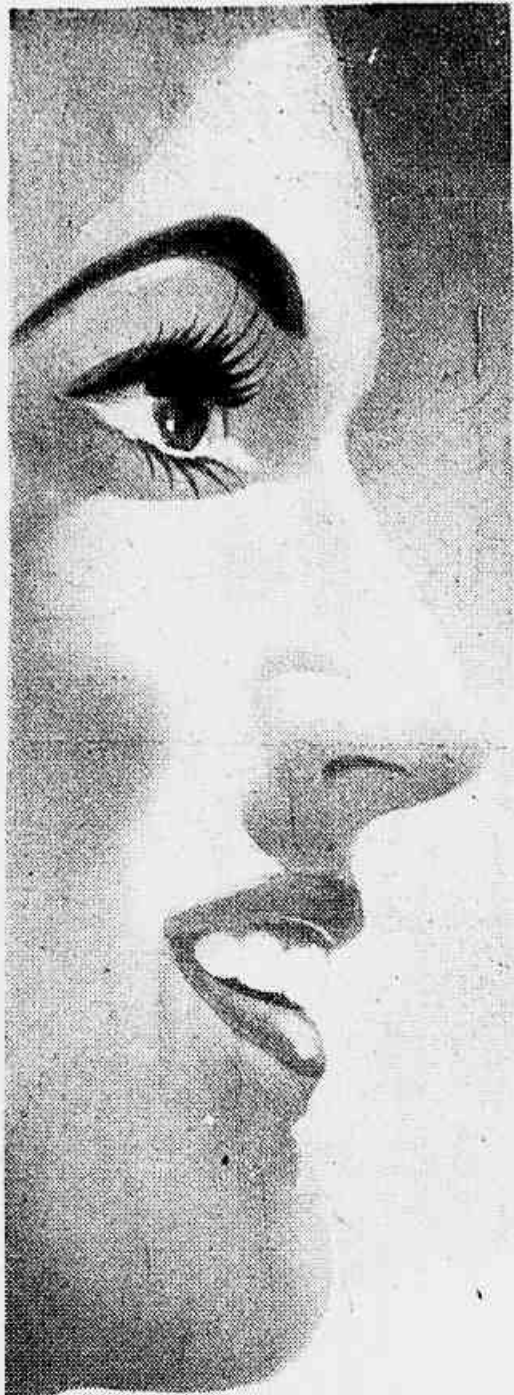
CARTEIRINHAS SOCIAIS

Associações — Clubes — Colégios —
Sindicatos — Centros Espíritas, etc.
— Qualquer quantidade

MOACYR F. FREITAS

AV. PRESIDENTE VARGAS, 831
SOBRADO — TELEFONE 43-5476

Atendemos pelo Reembolso Postal



**Atração
magnética
NOS OLHOS**



STUDIO ERIGO

O verdadeiro espetáculo de beleza está nos olhos das mulheres que usam Cilion. Cilion alonga, es-
curece e recurva os cílios e impede a formação de caspas e terçois.

Prefira o TUBO GRANDE,
rende mais e custa relati-
vamente, muito menos.



CILION

embeleza e protege os olhos

Publicidade para a

Revista da Semana

em São Paulo

Tratar com

JARBAS DE FREITAS

GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º andar — Sala 217

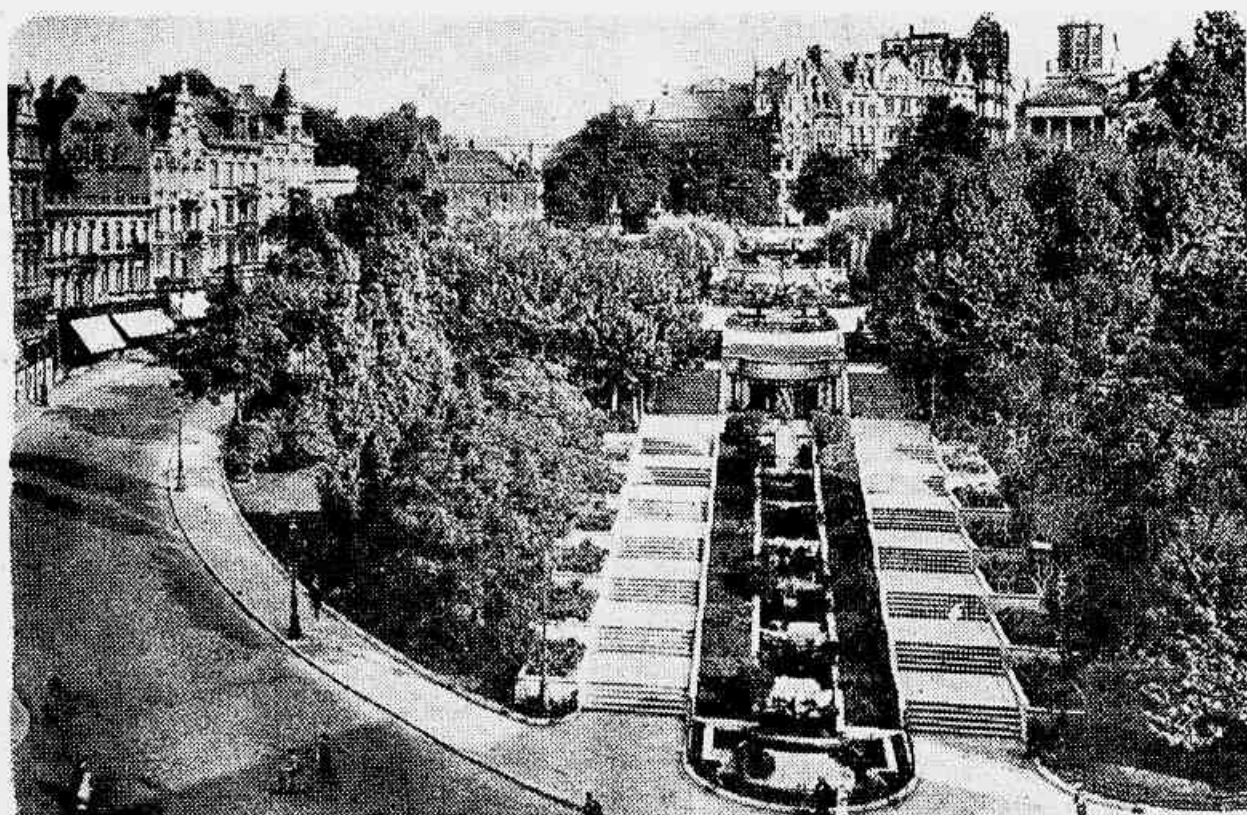
Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

BRUXELAS, novembro de 1948 — Era um sábado pela manhã e um sol friorento de outono brilhava dando uma alegria a tudo que recebia seus raios de ouro claro. As florestas bem plantadas de altas árvores, limpas como um jardim bem tratado, com folhas verdes de suaves tons amarelados, circundavam toda a paisagem que envolve a estação dos trens elétricos que unem as colinas bem habitadas ao centro de Oslo, dez quilômetros lá em baixo no fjord sossegado destas terras nórdicas. Saltou do carro da frente, na plataforma oposta à nossa, uma escola inteira de meninos e meninas de 5 e 6 anos, umas cinco dúzias de crianças alegres e robustas, de faces rubras e fisionomias sadias, bem vestidas e bem calçadas. Uma moça alta, espadada, elegante, num *tailleur* de muito bom gosto, dirigia aquele grupo, secundada por outra moça, também forte e bem disposta, sem dúvida sua auxiliar. Ficamos ali admirando aquele belo quadro infantil. Todas as crianças bem vestidas e agasalhadas com grossas roupas de malha de lã vermelha, azul, verde e outras cores bem vivas que, com o fundo verde da paisagem e as faces róseas das crianças, emprestavam um brilho e um aspecto todo especial e típico desta Noruega extraordinária de gente forte, bondosa, quieta e amável. Vimos depois a professora e sua auxiliar desenrolarem um rôlo de cordas claras e bem limpinhas e passar pelas costas da petizada em fileiras de seis. Cada criança tinha um cinto com um gancho nas costas e por este ia a corda. Mais uns minutos e começaram a galgar os caminhos da floresta. Estavam fazendo, cremos, uma excursão de recreio pelo bosque e, a julgar pela cesta de vime que a auxiliar conduzia, aquilo iria terminar num piquê-nique ao lado dalguma fonte de água bem fria, que são muitas pelos caminhos de Holmenkoller. O termômetro da estação marcava 9 graus à sombra. Sentia-se um frioquinho gostoso, tão apropriado para um passeio ao ar livre, numa bela manhã de outono nesta encantadora terra dos vikings. A cena simples ficará para sempre gravada na nossa memória — a petizada sorridente a subir pelos caminhos frescos do bosque verdejante, perdendo-se de vista nas curvas do caminho que suavemente sobem as colinas de Holmenkoller, avistando-se as cores vivas de suas vestimentas e grossas carapuças de malha de lã entre a ramagem e os arbustos do caminho.

*

Chegamos à Bélgica, via Amsterdam-Antuérpia. Cá estamos no Hotel Metropole, um grande estabelecimento com mais de 500 quartos, bem no centro da "Cinelandia" bruxelense. Há aqui cafés, grill-room, cinemas, restaurantes, confeitarias, bares, tudo com boas orquestras, e esta noite, quando entramos no grill-room, tocavam samba



Bruxelas: a Montanha das Artes

e, quando nos retiramos, a última música também foi um samba — meio "matado", mas era mesmo um samba.

Estamos encantados com Bruxelas — é uma esplêndida cidade com grandes boulevards, cabarés, teatros e cinemas às dúzias, grandes lojas e sortimentos variados de tudo quanto se possa desejar sem o menor racionamento.

Quando atravessamos a fronteira não nos perguntaram coisa alguma, nem nos deram papel para ir tomando nota dos nossos gastos em moeda estrangeira. Trocamos dinheiro no hotel, em restaurantes, em bancos à vontade — sem que o número do nosso passaporte fosse anotado. A comida também não sofre racionamento e é muito gostosa e variada. Nas lojas há uma extraordinária abundância de todos os artigos, tanto nacionais como de fora: perfumes, cigarros, charutos, roupas, camisas, frutas das mais variadas espécies, como bananas, laranjas e abacaxis.

Estivemos no Grand Place, onde existem belos edifícios antigos em puro estilo flamengo, o Palácio dos Duques de Brabant e o magnífico edifício da Chefatura de Polícia, que mais parece uma igreja do século XVI.

Fomos visitar a chefia da Grande Loja Au Bon Marché, uma das maiores da Bélgica, e perguntamos-lhes por detalhes sobre a sua grande escola de venda. É uma organização oficial de grande alcance. Receberam-nos muito bem e mostraram-nos as diversas salas de aula. Gostamos bastante da organização, tendo uma moça loura dado todas as informações pedidas. A escola foi fundada há mais de 10 anos pela própria companhia proprietária da loja, sendo o seu curso de ano e meio e obrigatório para as moças de menos de 21 anos, que assistem a meia hora de aulas diariamente, quando, só então, seguem para o trabalho normal no estabelecimento. Essa escola profissional possui vários cursos: 1) Gerência comercial; 2) Contabilidade comercial. No primeiro, no período inicial de seis meses, ensinam técnica de comércio, correspondência, organização e administração de negócios, Direito civil, Direito comercial, aritmética comercial, contabilidade e elocução. No segundo período, de igual duração, psicologia de venda, tecnologia das mercadorias, estrutura funcional das grandes lojas, técnica de comércio, prosseguimento de correspondência comercial, legislação social, direito das sociedades anônimas, economia política e elocução. No terceiro período, publicidade e vitrinas, curso de quadros de chefe, geografia econômica, técnica de importação e exportação, psicologia da arte de vender e economia política. No segundo curso, supra referido, isto é, o de contabilidade comercial, é obedecido o seguinte programa: no primeiro ano, período de seis meses, contabilidade comercial, aritmética comercial, Direito civil e Direito comercial. No segundo ano, igual período de tempo, contabilidade das sociedades anônimas, legislação social e direito das sociedades anônimas. No terceiro ano, igual período, contabilidade das grandes lojas, mecanografia de contabilidade, contabilidade industrial e história da contabilidade.

Os alunos devem ser maiores de 17 anos e possuir diploma de curso secundário ou estudos e capacidade equivalentes, a juízo da direção da escola, desde que o aluno possua bons conhecimentos gerais. É cobrado o preço de 250 cruzeiros por período de 6 meses de estudo. Quem visita o grande magasin Au Bon Marché constata de maneira admirável os resultados dessa notável escola superior prática de comércio, pois salta à vista a sua magnífica organização no gênero no que há de mais moderno e prático nos Estados Unidos.

**CABELLOS
BRANCOS**

**CASPA
Quêda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



...mas o que
é bom fica.

Pode-se assim dizer da ÁGUA INGLESA GRANADO
que há mais de 60 anos é usada com os melhores
resultados nos casos de ANEMIA, CLOROSE e
CONVALESCÊNCIAS.

TÔNICA E APERITIVA

ÁGUA INGLESA



Mitigal



Acaba com
as
coceiras

UMA COLEÇÃO PERFUMADA

Sempre desejada

A "EQUIPE" PHEBO

Com o sempre desejado Odor de Rosas, PHEBO, que nasceu no sabonete n.º 1 do Brasil, ampliou o seu domínio, aparecendo agora através o seu perfume, que vive mais intenso ainda, no pó de arroz e talco, em lindas embalagens de madeira. Adquira para si esta preciosa coleção, e, sempre que tiver um presente a oferecer, dê uma caixa de luxo com 3 sabonetes PHEBO.

Criações

PHEBO

PERFUMARIAS PHEBO



Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

Frederico voltou da Guerra

(Continuação da pág. 42)

trincheira, tremia de medo, jogava-se com a cara no chão, chorando que nem criança desmamada...

O rádio do solteiro da casa do lado esquerdo se esgueirava num samba sacudido. Sacudido, mas triste, o ritmo do Brasil. Os berros do pistão pareciam derradeiros berros de homens a morrer de fome. A letra era invariavelmente triste, falando de desengano, de abandono, de desemprego... Não tinha dúvida, todo mundo sabia. Todo mundo estava reconhecendo que a vida é uma joça. Mas nem todo mundo tinha coragem de meter uma bala no quengo. Bem que seria monumental uma "manchete" assim: "Suicídio em massa. Milhões de pessoas põem fim à vida, inexplicavelmente". Sim, os jornais diriam mesmo inexplicavelmente porque, em estando vivos, mostravam mesmo que eram uns tapados.

Frederico deu mais uma olhadela a rua e entrou. Sobre a mesinha do quarto estava o revólver niquelado, novinho em folha. Examinou a carga. Completa. No "front" estava sempre com o fuzil entupido até à boca. Mas nunca dera um tiro. Não, não era verdade. Uma vez disparara contra a sombra de um companheiro, de medo. Naquele tempo, todo mundo tinha medo de morrer. Via-se o inimigo — via-se, não, imaginava-se — como sendo uma espécie de bicho-papão da infância. Os jornais e o cinema diziam que eram uns monstros, que nunca riam, que comiam o fígado dos prisioneiros de guerra. Um dia, porém, uma patrulha alemã rendeu-se. Foi um reboliço na tropa. Queriam ver os monstros. Mas eram uns pobres rapaziños terrorizados, os olhos deste tamanho, sujos, tremendo de fome e frio.

No "front" tivera sempre o fuzil carregado até a boca. E nunca dera um tiro, além do disparo na sombra do cearense. Entretanto, os jornais da cidade, quando voltara da guerra, disseram que ele era um herói e saiu uma nota, em tipo 9, grifo, com fotografia, destacada. Mas nada disto interessava mais. Jamais poderia esquecer

aqueles meses inteirinhos metido numa trincheira, tremendo de medo da sombra dos companheiros, foi-não-foi o pipocar de uma metralhadora atirando às cegas. Tarde, um sargento de óculos (que em tempo de paz fora um estudante de qualquer coisa) lia o livro proibido, de um alemão, um tal Remarque. E a noite bonita, aquele frio esquisito que nunca sentira antes, um frio seco, diferente.

Guerra. Guerra. Convocação, instruções, anotações. Falava-se muito de defender a liberdade, mas nunca a vida, coisa tão sem nexos. Falava-se nos bravos soldados, e os bravos soldados eram postos a limpar bosta de burro nas cavalações imundas do quartel. E era grito de instrutor, grito de cabos estúpidos, cada palavra doendo como um coice.

Armistício. O inimigo entregara os pontos. Quem ganhou? Isto não interessava. Era recomeçar a vida. Mas, recomeçar, como? Todos os sonhos haviam sido interrompidos pela guerra. E agora era impossível realtá-los.

Por isso, Frederico mirava o passado e não via nada que valesse um centavo. Não fizera nada na vida, não fizera nada na vida... Isto ficou batendo na cabeça, nada, nada, nada...

O revólver era muito bonito, mas frio. Igual a mulher loura. Bonita, agradável à vista, bom da gente acariciar. Mas sem passar disto. Fria. Frio o revólver novinho em folha, niquelado, a carga completa.

Súbito, Frederico achou graça em ter enchido assim o revólver. Uma bala seria suficiente. Para que toda essa carga? Seria bom que se reunissem, ali, naquele quarto de solteiro precoce e irremediável, seis homens lúcidos. Então, um a um, fossem apanhando o revólver da mão do outro e fazendo ouvir os pipocos. Lembrou ter lido ou escutado falar de algo semelhante. Podia ser que até o padre Martinho topasse a parada. Mas não. Aquêlê estava fora da lista, era sacerdote, temente a Deus. Tinha medo do inferno. Vivia, desde muito, fazendo os maiores esforços para ganhar o céu. Ia lá estragar tudo, assim, estupidamente! Não, com aquêlê não poderia contar. O padre era mesmo um perdido, coitado...

As crianças cantavam, gritantes de vida:

Eu sou rica, rica, rica
De mavê, mavê, mavê.
Eu sou rica, rica, rica
Do amor gê pê".

Ora, as crianças eram, também, um caso perdido...

Frederico apontou o revólver e fechou os olhos. Era preciso acabar aquela existência vazia. Para que viver?

O tiro seco botou todo mundo nas janelas. Que foi? Onde foi? As crianças risinhas adotaram um ar grave e logo estavam correndo, agarradas às saias das mães, para a casa de "seu" Frederico da esquina.

Quando o povo invadiu a casa do solteiro, encontrou o homem estendido no chão, o crânio aberto, ele ainda estava se contorcendo, um ritus na boca ensanguentada.

(Continua na página 50)

Venha ESCOLHER SEU PRESENTE! Mil sugestões

em nossa tradicional EXPOSIÇÃO DE NATAL

REFRIGERADORES BATEDORES DE MASSA MAQUINAS DE LAVAR	MAQUINAS DE COSTURA	MAQUINAS DE ESCRIVER	MAQUINAS FOTOGRAFICAS FILMES - PORTA RETATOS - ALBUNS
PIANOS INGLESIS E FRANCESES	RELÓGIOS DIVERSOS DE MESA, DE PAREDE, DE BOLSO, DE PULSO, ETC.	FILMES DE 8 E 16 MM PROJETORES MUDOS E SONOROS PROJETORES FIXOS	FILMADORES DE 8 E 16 MM
ENCERABEIRAS - ASPIRADORES DE PO CIRCULADORES DE AR AQUECEDORES	BARCOS MOTORES DE POPA MATERIAL PARA CAÇA E PESCA	LUSTRES FLUORESCENTES ABAT-JOURS CANDELABROS	
JOGOS PARA PONCHE, VINHO, COFETE, CARRINHOS PARA CHA - BARRIS MODERNOS	MAFLEIROS VENTILADORES CIRCULADORES DE AR ELECTRICOS, ETC.	SPARTELOS DE JANTAR, CHA E CAFÉ BAIXELOS - FAQUELOS CUTELARIA FINA	
CARRINHOS E BRINCO, PARA CRIANÇAS	CANETAS E LAPIS-IRAS AS MELHORES MARCAS	LIQUIDIFICADORES ELECTRICOS BATIDORES DE ALUMINIO LEMAS DE VIDRO PARA FOGÃO E FOGÓ	BALANÇAS ESPRESSOES DE FRUTAS FERRAMENTAS EM GERAL
BICICLETAS VELOCIPEDAS BRINQUEDOS DE RODAS	BRINQUEDOS DIDACTICOS JOGOS - PUZZLES	MALAS ESPECIAIS PARA AVIÃO ARTIGOS PARA VIAGEM IMPERMEAVEIS, GUARDA-CHUVAS, GALOCHAS, ETC.	ARTIGOS PARA PRAIA CAMPO E ESPORTE
BICHOS DE PELUCIA BONECAS - BEBES	O CAVALO QUE GALOPA ULTIMA NOVIDADE		

RUA DO PASSEIO, 48/56

VENDAS PELO
CREDI-MESBLA

MESBLA



Na Esplanada do Castelo,
para você

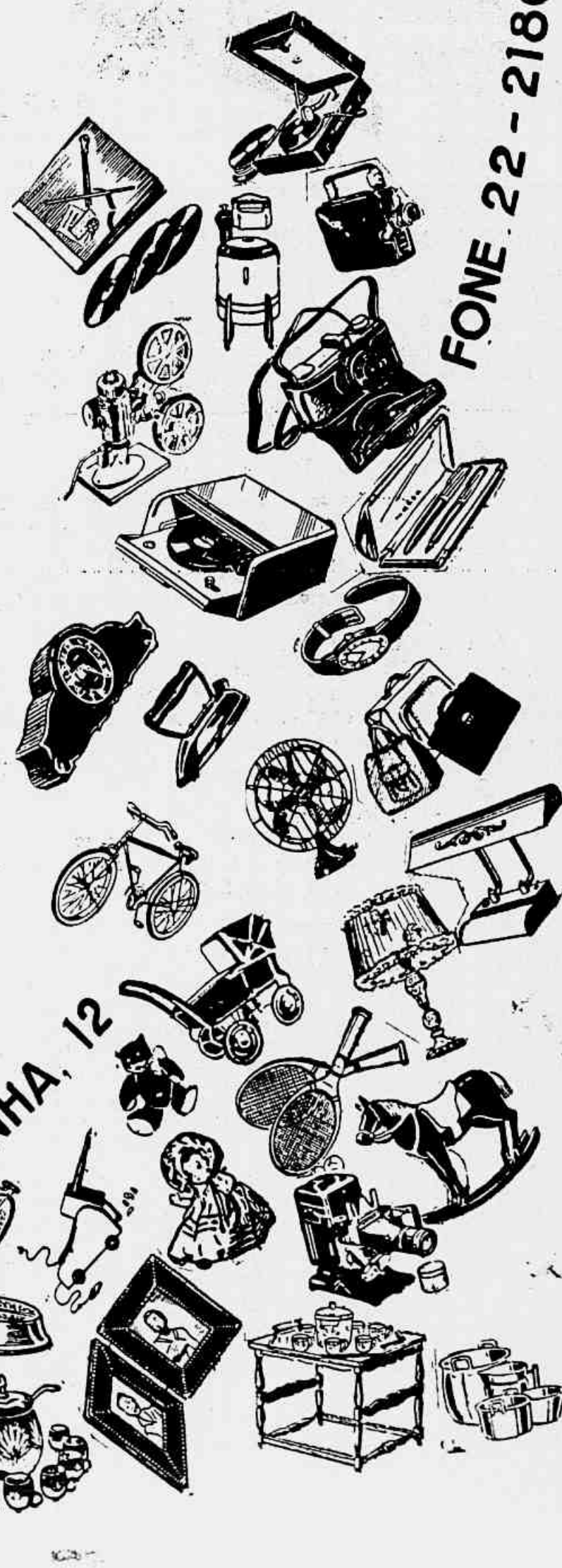
SECÇÃO DE BRINQUEDOS

SECÇÃO DE ARTIGOS PARA PRESENTES

SECÇÃO DE ARTIGOS PARA USO DOMÉSTICO

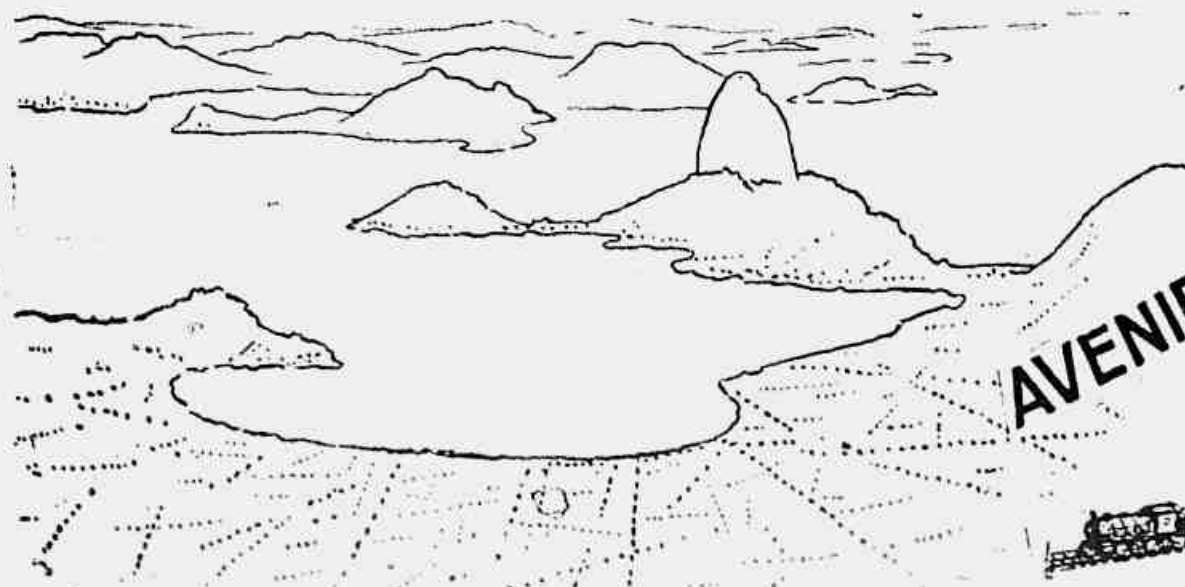
SEÇÃO DE RÁDIO

A você, carioca amigo, que mora conosco nesta linda Guanabara, continuamos oferecendo o conforto de nossas instalações e as facilidades que fazem de PROVENDAS a casa de sua preferência



FONE 22 - 2180 - RIO DE JANEIRO

AVENIDA NILO PEÇANHA, 12



Seja a favorita entre todas...



...usando o favorito dos produtos de beleza. LEITE DE ROSAS, pela sua composição científica, age sobre a pele com quatro efeitos fundamentais:

Protege contra a ação do sol e do vento, amacia, perfuma e vitaliza. LEITE DE ROSAS é o colaborador insubstituível no seu programa de beleza.

Leite de Rosas

O PREPARADO QUE DA"IT."

"O MAIS EFICIENTE E ACONSELHADO EMBELEZADOR DAS AMERICANAS"

Rua São Luiz Gonzaga, 619-A e B — Telefone 48-7660



FREDERICO VOLTA DA GUERRA

(Continuação na pág. 42)

— Se matou!

Fora, a noite estava muito bonita. O velho de barbicha vinha no seu passinho sem pressa, na casemira fedorenta. Não tinha ouvido o tiro, ia chegando naquele instante. Mentalmente compunha um soneto para a lua branca que brilhava no céu. E pensava lá com os seus botões: é bom a gente viver, que diabo!

O PAPA-FIGOS

(Continuação da pág. 20)

Faltava, porém, ao rapazola daquele tempo a coragem para se definir.

Conversámos longamente e num dado momento ele disse:

— Porque? — perguntei fingindo ignorar a causa.

— Você não deve mais vir à minha casa.

— Todo o mundo já sabe que você aqui vem e como ninguém gosta de mim, acho que sua família...

— Mas nós somos amigos e...

— Amigos? Que sabe você sobre amigos?

A pergunta era esmagadora. E ele disse ainda:

— Alegrou-me muito o convívio com você, mas não podemos continuar.

E numa súbita explosão de revolta:

— Imbecis, vazios de sentimento e se dizem cristãos. Têm o desplante de dizer que creem em Deus.

— E você cre? — arrisquei.

— As vezes tenho as minhas dúvidas, mas nos momentos que creio senti-lo, não o ilimito como a maioria dos homens faz, numa cópia servil da sua própria limitação.

— Qual é então o seu conceito sobre Ele?

— Deus é intransponível. Não se o afirma nem se o nega. Racionalmente para afirmá-lo seria mister compreendê-lo; para negá-lo, dar provas irrefutáveis da negativa. Por isso, quando Dêle se fala, calo-me.

Conversámos sobre outras coisas e despedi-me, pois iria para a capital, de muda com a família.

Três anos se passaram sobre estes acontecimentos. Terminara o meu curso ginasial e resolvera fazer uma visita à terra natal, depois da longa ausência.

Logo que cheguei, encontrando-me com um amigo de infância, perguntei-lhe pelo nosso "filósofo".

— Fugiu...

— Fugiu...

— Ah! você não sabe do que se passou?

— Então eu vou lhe contar.

Dirigimo-nos para um café e sentámos. Meu amigo começou:

— Foi a coisa de uns dois anos passados. Um ano após à sua saída daqui. Começara uma tremenda seca no sertão. A cidade estava infestada de "retirantes" que o prefeito mandara alojar naquele terreno da baixada. Era um número incalculável. Nunca vi tantos. Sucedeu, porém, um fato interessante, logo quando começaram a chegar as primeiras levadas.

Desapareceu misteriosamente um filho do coronel Anastácio, garoto de seus 12 anos. Correu logo o boato de que se tratava de um "papa-figos". Muitos dias depois, soube-se, porém, que o garoto fôra ao açude, sozinho, tomar banho e que morrera afogado. O corpo foi encontrado depois, muito estragado. A história do "papa-figos" continuou, entretanto, a ter foros de verdade. Viviam todos assombrados. As mães prendiam os filhos em casa.

Mas, como ia lhe dizendo... Os "retirantes" achavam-se acampados na baixada e era costume de muita gente lá ir levar-lhe auxílio de roupas e comida.

(Continua na pág. 52)

UM MOSQUITO VAI DE VIAGEM

É geralmente conhecido que é o mosquito anófele o que transmite o sezonismo. Esta espécie de mosquito está subdividida noutras espécies que todas — as u'as mais, as outras menos — transmitem o impaludismo. Na América do Sul, por exemplo, um dos mosquitos mais perigosos que transmitem o sezonismo é o Anófele Darlingi. Alguns anos há se notou com muito susto, que esta espécie de anófeles se achava também na Honduras e na Guatemala. E agora se teme, e com razão, que este viajante perigoso que pode esconder-se num comboio, num automóvel e num avião e que pode passar uma fronteira sem ser notado, também penetre nos Estados Unidos. Escusado é dizer que, casos de se quiser impedir que o inseto penetre nos Estados Unidos, será preciso tomar amplas precauções; mas também é evidente que no fundo é impossível impedir que um mosquito penetre num país. Além disso a gente nos Estados do sul está muito molestada por outros mosquitos de impaludismo. E como não é possível secar ou regar com petróleo todos os charcos e todas as águas mortas, procuraram a sua salvação no uso regular da quinina e com muito bom êxito. A Comissão muito competente do Impaludismo da antiga Liga das Nações, na página 125 do seu relatório do ano 1938 (texto inglês) observa, e com razão, que a quinina entre os medicamentos que servem para combater o sezonismo, continua a ocupar o primeiro posto; a causa da sua ação segura é a falta quase completa de toxidade, junto com um amplo conhecimento do seu uso e dosificação. As doses prescritas para a profilaxia e o tratamento são, respectivamente: 400 mgrs. por dia durante todo o tempo que durar a doença e algum tempo depois, e 1-1.3 gramas diárias durante 5 a 7 dias. Os grangeiros do sul dos Estados Unidos cedo se tem dado conta de que a quinina é o remédio mais eficaz e mais econômico para combater o sezonismo. Os que já se tem acostumado ao uso regular da quinina esperam com menos medo a chegada eventual do Anófele Darlingi, que os que por ignorância têm certa desconfiança para com a quinina.

L. B.

"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.



Pedidos pelo Reembolso Postal para
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 --
TIJUCA -- RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr\$ 20,00



AINDA A ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA — VICTOR DE SABATA, SUCESSOR DE TOSCANINI — CICLO DE BACH

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

Recentemente, pedimos ao maestro Eleazar de Carvalho que incluísse nos seus programas os modernos compositores brasileiros, cuja obra ele vem divulgando, com tanto sucesso, nos Estados Unidos. Já agora podemos cumprimentá-lo pela inclusão de obras de Villa Lobos e Camargo Guarnieri.

Eleazar de Carvalho não dispensa a variedade. Seus concertos têm, sempre, solistas. Deu-nos, até, De Falla com bailados, o que, em espetáculos sinfônicos, é novidade, que segue o gosto americano.

Mas, se mistura as páginas sinfônicas com dança, Eleazar de Carvalho não mistura a regência com a coreografia... Sóbrio, seguro, compensa em energia o que economiza em gestos.

Temperamento muito diverso é Victor de Sabata, um italiano que está entusiasmando, atualmente, o público dos Estados Unidos. Este, conquanto lembre Toscanini, na interpretação, segundo o depoimento autorizado da crítica, por outro lado lembra um bailarino na plataforma. Sua mímica profusa, de acordo com a imprensa, é estonteante. Lembramos um seu compatriota, competente também, mas igualmente exuberante, que já esteve entre nós, dirigindo a O.S.B.: De Fabritiis.

SUCESSOR DE TOSCANINI

Discípulo de Toscanini, a quem chama, ainda hoje, com respeito, de "mestre", De Sabata, aos 56 anos de idade, conquistou uma posição invejável na Itália.

Começando sua carreira como compositor, ele figurou, logo, nos programas de Toscanini, seu amigo, que o encaminhou, acompanhando-o, com solicitude a carreira. Em 1921, Toscanini interpretava obras de Sabata em seus concertos nos Estados Unidos. Mais tarde, porém, é que o músico italiano adquiriu renome, não, porém, como compositor, mas como intérprete da obra dos outros. Com a batuta na mão, ele se mostraria capaz de galvanizar um conjunto, extraindo das orquestras mais indóceis as "performances" mais brilhantes. Sua regência se caracterizaria, logo, pela qualidade de vivo entusiasmo que, sem perder o rigor ao destacar cada detalhe, fundiria esses elementos numa interpretação vigorosa e nítida.



ELEAZAR DE CARVALHO

Sucessor de Toscanini no Scala de Milão, De Sabata manteve as altas tradições daquele teatro que chegaram a um apogeu com o seu predecessor. Desde o mesmo talento até o mesmo mau gênio de Toscanini... — dizem os músicos, que, quer com este, quer com De Sabata, sentem-se amplamente compensados pelos desaforos que ouvem nos ensaios com os aplausos que recebem nos concertos, guiados por mãos tão hábeis e seguras.

UMA ORQUESTRA, UM PROBLEMA

Desde a despedida de Fritz Reiner a Orquestra de Pittsburgh está sem regente fixo. Anda acenando com bons contratos, sem conseguir encontrar quem queira assumir a direção permanente do conjunto. Sucederam-se os maestros em pequenas temporadas. Entre os convidados para reger, figurou, recentemente, De Sabata.

Com um programa sem grandes novidades, ele conseguiu criar uma verdadeira sensação, e fê-lo, aliás, contra todos os prognósticos. Quando a crítica foi convocada para a estréia e lançou um olhar no programa, houve caretas e exclamações de desgosto. Afinal de contas, perguntava-se, era para "aquilo" que o homem vinha da Itália? O velho Berlioz, César Franck, um italiano moderno e pouco conhecido, Ghedini e o Bolero de Ravel.

Porém, haveria grandes surpresas. Em primeiro lugar, Berlioz. Tal era a intensidade da interpretação, que os compassos muito conhecidos ganhavam vida nova. Cesar Franck entusiasmou. E, quando terminou o bolero, já estava criada a unanimidade que, no dia seguinte, se manifestou pela imprensa. O ritmo obcecado do bolero, sobretudo, pela segurança com que foi marcado, fez milagre: deu a impressão de que o bolero estava sendo ouvido pela primeira vez... Assim disse no dia seguinte um dos críticos. A importância atribuída ao concerto foi tal que ele mereceu noticiário de primeira página. De Sabata, em declarações à imprensa, atribuiu, modestamente, o sucesso da noite ao trabalho dos músicos. Mas a observação não era totalmente improcedente: tanto De Sabata implorou, explicou, ensinou, xingou, tanto esbravejou que, afinal, os brios de cada um foram postos em jogo e o resultado foi o triunfo registrado.

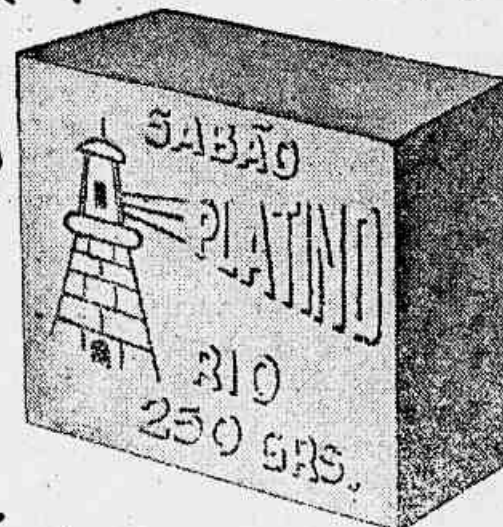
CICLO DE BACH

Não é fácil reunir um público disposto a apreciar um ciclo de Bach. Ficamos devendo, entretanto, aos organizadores dessa série de concertos que estão se realizando na Escola de Música a rara oportunidade de uma audição de obras que normalmente não figuram no repertório dos nossos conjuntos. Com alguns professores da Orquestra Sinfônica e o maestro Constantinesco estão sendo proporcionadas interpretações cuidadosas da obra daquele compositor que extraiu de Beethoven esta exclamação: "Bach (riacho)? Não! Oceano!"



É o que afirmam milhões de donas de casa em todo o Brasil por haverem encontrado no SABÃO PLATINO qualidades excepcionais, algo diferente que supera tudo quanto se possa desejar e exigir de um grande e maravilhoso SABÃO. As roupas mais limpas e cheirosas; maior eficiência e rendimento nas lavagens a par da pureza absoluta que lhe emprestam os óleos vegetais de que é fabricado, fizeram de PLATINO o mais falado e usado SABÃO do Brasil. Mas convém não esquecer de que tudo o que é BOM e se torna FAMOSO passa a ser imitado. Por isso, ao comprar SABÃO PLATINO, do mesmo fabricante de Cera Tabu e Pasta Joia.

EXIJA-O SEMPRE
MARCADO ASSIM



Do contrário,
não é legítimo

ATENÇÃO! SENHORAS DO INTERIOR ATENÇÃO!
Se na cidade onde mora o seu fornecedor não tiver SABÃO PLATINO, peça diretamente à fábrica uma caixa de 16 pedaços, de 250 grs. cada, por apenas Cr\$ 40,00 pelo REEMBOLSO POSTAL

COUPON DE PEDIDOS

Queiram enviar-me do famoso SABÃO PLATINO

Nome

Rua N°

Cidade ou localidade

SEM MAIS DESPESAS

Recorte e remeta este coupon diretamente para
CARLOS PEREIRA, INDÚSTRIAS QUÍMICAS S/A
Caixa Postal 216 — Rio de Janeiro

BARÔMETRO HUMORÍSTICO

UM ADORNO CURIOSO, QUE ASSINALA AS MUDANÇAS DO TEMPO E PROPORCIONA GOSTOSOS MOMENTOS DE BOM HUMOR

ESCREVA-NOS PEDINDO UM E PAGUE AO CORREIO SOMENTE QUANDO RECEBER O VOLUME

Preço: Cr\$ 20,00
sem mais despesas

PARA REVENDEDORES TEMOS PREÇO ESPECIAL PARA PEDIDOS DE DÚZIA

Fábrica "EGLY"

Caixa Postal 1055
SANTOS (Est. São Paulo)



CONFISSÕES DE JÚLIO LOUZADA

(Continuação da página 34)

nal de respeito pelo bem que as palavras da Ave Maria lhe fizeram, quando esteve recolhida a um hospital. Bastou para que os presentes repetissem o gesto da vovó. No final, eu havia abençoado mais cem de pessoas... Quando olhei a minha mão, estava rubra de «baton».

Há, também, outro caso que se passou comigo e que eu nunca mais esqueci. Foi aquele do «presente» que uma ouvinte me enviou na data de meu natalício. Com que cuidado abri. Com que ânsia rasgava os papéis que envolviam a caixa. No fim de grande trabalhadeira, fui encontrar «escondidinho» no fundo da caixa grande um pequenino caroço de arroz escrito. Mas eram tão pequenas as letras, que somente com auxílio de um vidro de aumento, consegui decifrar. Pois bem; sabem o que estava escrito naquele caroço de arroz: uma Ave Maria inteirinha!

Vamos, agora, a um caso de dor: o do paralisado de Campinho que ficou bom ouvindo a Ave Maria. Sua paralisia era nervosa. Um dia, suggestionou-se que ia ficar bom rezando a prece das Seis Horas da Tarde. Pois não é que ficou bom mesmo! E, no dia seguinte, vindo falar ao microfone, conseguiu, por intermédio de uma ouvinte, um bom emprego público, aonde até hoje trabalha.

— Todos esses casos ainda foram na Educadora?

— Perfeitamente. Em 1942 a Educadora foi vendida ao sr. Assis Chateaubriand, incorporando-se, assim, com o nome de Rádio Tamóio, à «cadeia associada», já agora possuindo ondas curtas também. E, com as ondas curtas, aumentou consideravelmente o número de ouvintes. Os casos aumentaram também. A projeção da Ave Maria ultrapassou as fronteiras do Brasil. Durante a guerra, fizemos uma campanha de grande conforto para os nossos irmãos pracinhas que lutavam por nós e pelas suas famílias que choravam sua ausência. Quantas cenas dolorosas presenciamos à Hora da Ave Maria, de mães, espôsas, noivas, pais, que aqui compareciam, diariamente, para conversar com seus entes, queridos. E muitos deles já estavam mortos...

Em nossos arquivos, com mais de oitenta mil cartas, quantas coisas tristes nos têm sido contadas. Existem, também, os assuntos de alegria. Os convites que, infelizmente não nos têm sido possível aceitar, para ir inaugurar outros programas de Ave Maria, fora de nossa cidade e mesmo fora de nossa Pátria. Da África (possessão portuguesa), de França, da Itália, de Portugal, da Argentina, etc. Isto, sem contar os do interior do Brasil! Uma vez rejeitei um convite honroso para inaugurar uma estação de rádio, com medo de viajar de avião (sim, confesso que sou um bocadinho medroso e supersticioso com algumas coisas!...)

— A que você atribui o sucesso da «Oração da Ave Maria»?

— Unicamente à bondade dos ouvintes. De minha parte nada mais tenho feito do que ser sincero nas palavras que transmito na hora de transição do dia que morre para as trevas da noite... E olha, amigo jornalista, que não tem sido apenas «um manso lago azul...» a minha vida de radialista. Como tenho lutado! Como tenho sofrido! Uma coisa tenho sabido sempre: perdoar!

— Você perdoa sempre?

— Sempre. Mesmo quando tentam me ferir grosseiramente. Aprendi, com a filosofia cristã, que «a virtude ofendida se desagrava perdoadando».

— Você é um boêmio, Louzada?

— Se ser boêmio é gostar das noites de literatura sadia, em que o luar é a fonte inspiradora dos notáveis «bate-papos», onde a alma da gente sente um pouco de felicidade na comunhão sincera dos amigos, então eu sou boêmio.

— Que pensa do amor?

— Disse Cristo que o homem não vive só do pão. Sim, vive do pão e do ideal. O pão é o ventre, o centro da vida orgânica. O ideal é o martírio, órgão da vida eterna, assim comentou Rui Barbosa, mas eu acrescentaria: o ideal é o amor puro!

— Olhando o seu passado no rádio, julga ter realizado todos os seus sonhos?

UMA MULHER PODE CONSERVAR-SE SEMPRE JOVEM E BELA

Para uma mulher se conservar sempre jovem e bela deve ter os seus órgãos femininos em perfeita saúde. E a mulher sabe que os seus órgãos femininos estão em perfeita saúde pelo bom funcionamento de suas regras. Se as regras são anormais, isto é: diminutas ou abundantes, dolorosas, repetidas ou atrasadas indicam enfermidade grave que deve ser combatida com um dos dois Reguladores Xavier. É-lhe fácil saber o número que lhe convém. O N.º 1 só serve para os casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. Já o N.º 2 tem aplicação inteiramente diversa e só serve para os casos de falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Tal como exigem a ciência e o bom senso, o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes atendendo às duas naturezas diferentes dos males femininos.

GRIPE / RESFRIADOS / NEURALGIA /



DORES DE CABEÇA

TRANSPIROL

— Respondo com Joaquim Manuel de Macedo: «O passado é um lago mágico de gozos deleitosos, quando a consciência não tem de acusar o homem e os remorsos não pesam sobre o coração». Por isso, julgo ter realizado todos os sonhos; mas novos sonhos estão nascendo e espero da mesma forma concretizá-los para o futuro.

— Louzada, gostaria de saber o que pensa da Religião?

— Penso com Joaquim Nabuco: «A religião é a única força intelectual que não pode perder terreno, porque si a comprimis e apertais, ela sobe».

— Para finalizar, qual a oração da Ave Maria que despertou maior interesse dos ouvintes?

— A oração de S. Francisco, a qual, aproveitando o ensejo, vou divulgar nesta reportagem. É a seguinte:

Senhor! Fazei-me um instrumento de Vossa Paz; onde há ódio, deixai-me semear amor; onde há injúria, perdão; onde há dúvida, fé; onde há desespero, esperança; onde há trevas, luz; onde há tristeza, alegria.

Oh! Mestre Divino, permiti que eu não só procure ser consolado, como consolar; ser compreendido, como compreender; ser amado, como amar, porque é dando que se recebe, é perdoadando que somos perdoados, e é morrendo que nascemos para a vida eterna.

O PAPA FIGOS

(Continuação da página 50)

O nosso «filósofo», também lá foi um dia compadecido do estado de miserabilidade de uma pobre velha moribunda, acompanhada de duas crianças resolveu prestar-lhe também auxílio. Sabe qual foi o resultado? Levou em sua companhia as duas crianças, pois não podia voltar ali naquele dia; para mandar por elas um remédio para a velha.

Estava, porém, sendo espreitado por um indivíduo qualquer, que ainda hoje não se sabe quem foi. Este acompanhou-o de longe, e adiante, encontrando um soldado, disse-lhe baixinho... «La vai o «papa-figos». Foi o que bastou. O mantenedor da ordem saiu-lhe também no meio da turba. A espaços ouviam-se gritos. Vamos matá-lo. Ele é o «papa-figos». Traziam-no quase pendurado, como se fosse um boneco, por mil mãos agarrado. Quando passou na minha frente estava esgazado, arfante, com a roupa aos bandalhos. Os homens eram umas feras. Todos queriam arrancar-lhe um pedaço com as unhas. Foi preciso a intervenção de grande número de soldados para arrancá-lo da multidão enfurecida. O delegado carregou-o de automóvel para a cadeia, pois foi o único lugar que julgou seguro e mandou dobrar a guarda. As crianças que ele trazia, apavoradas, fugiram.

Dias depois, saiu da cidade acompanhado de forte destacamento policial não se sabe para onde. Nunca mais se soube notícias dele.

Minhas mãos estavam trêmulas. Um fogo subia-me ao rosto. Espanto? Vergonha? Revolta?

Separei-me do meu amigo, profundamente acobrinhado com o que ouvira. Hoje, quando relembro esse fato é que vejo quão grande é o poder de coerção das coletividades. Coitado do «filósofo», era um desajustado, um incompreendido. Nem lhe davam o direito de praticar o bem. Tinha de ser mau, por força das circunstâncias, anti-social.

E há tanta gente como ele pelo mundo afora...

A VIDA DE BALZAC

as cruzes e os asteriscos, as setas apontando para as palavras mudadas tantas vezes que as provas chegavam a parecer o livro secreto de um astrólogo medieval.

Trabalho para o luxo. Um olhar ao claro cristal da beleza, tão claro que não pode refletir as luzes e as sombras das mulheres que se relacionam com sua própria felicidade. Ele que nos seus livros é um mestre da história do coração, na vida real não passa de um joguete para qualquer mulher. Elas são um luxo opaco, cujas cores o iludem, tornando-lhe obtusa a mente. Apaixona-se loucamente por uma marquesa

(Continuação da página 48)
(Conclui no próximo número)

DRAGO

Nº 17

Por Hogart

ENQUANTO TOSCA
TENTA ILUDIR DRAGO,
DARBY, USANDO MEIOS
MAIS EFICIENTES, CON-
SEGUE BURLAR A SEVERA
VIGILÂNCIA DE
STILETTO



O QUARTO DE DRAGO DEVE SER
AQUELE ALI! TENHO DE APANHAR O
ÍDOLO COM ÊLE... ANTES QUE
STILETTO VOLTE A SI!



DRAGO DISSE QUE PODERIA CONTAR
COM ÊLE CASO PRECISASSE DE AUXÍLIO...
E QUE EU FAZIA MUITO MAL EM NÃO
CONFIAR NELE! PARECE QUE NÃO
ESTA' DE MÃOS
DADAS COM OS
OUTROS, PORQUE
SE ESTIVESSE,
TERLHES-IA
ENTREGUE
O ÍDOLO!



PEGUEI O
ÍDOLO! SE
ÊLE NÃO
DESCON-
FIAR...



Hmm!
VEJO QUE
NÃO ME ENGANEI
A SEU RESPEITO!
Ê' ENCANTADOR.

E VOCÊ, TOSCA, Ê' DELI-
CIOSA... E MUITO ESPER-
TINHA.



ENQUANTO
FÔR VIVO,
VOCÊ HA DE SE
ARREPENDER
DISSO, DRAGO.

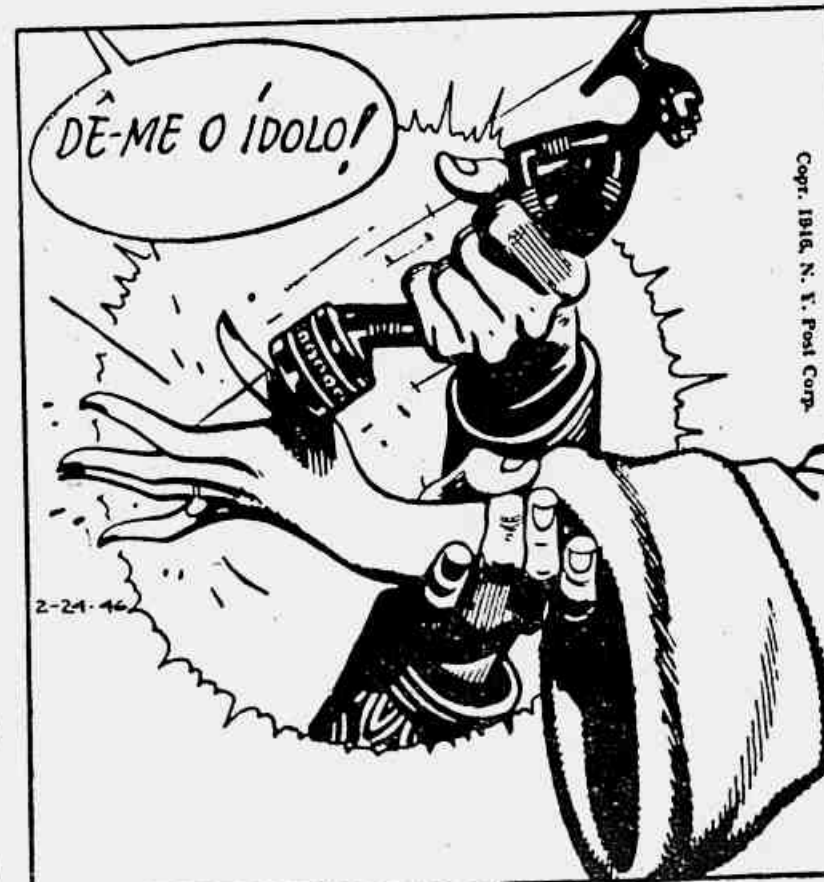
QUEM Ê'?

KNOCK!
KNOCK!



MAS NÃO ACHA
MELHOR
DEIXARMOS DE
FINGIMENTOS?

DÊ-ME O ÍDOLO!



Copy. 1946. N. Y. Post Corp.



DRAGO

Nº18

Por
Hogart

SURPRE-
ENDIDA
QUANDO
IA ROUBAR
O ÍDOLO,
TOSCA FICA
FURIOSA.
DE REPEN-
TE BATEM
A PORTA.

QUEM ESTA AÍ FORA? PRO-
VAVELMENTE STILETTO
VEIO SABER SE TUDO
VAI BEM, HEM, TOSCA?
FIQUE QUIETINHA AÍ
ATRAZ DA PORTA E
NEM UM PIO...
SENÃO TORCO-
LHE O PESCOÇO

KNOCK!
KNOCK!

DARBY! QUE FAZ
AQUI? HOUVE
ALGUMA
COISA?

QUER ME
AJUDAR?

(COMO É QUE STI-
LETTTO DEIXOU-A
SAIR? AGORA TE-
NHO DE IMPEDIR
QUE DRAGO A
AJUDE!)

OH!

PARA QUE PERDER TEMPO
COM FINGIMENTOS, DRAGO?
DICA A ELA QUE O ÍDOLO É
NOSSO. HO! HO! HO!

HA-HA
HA-HA-HA-HA

ESTAMOS QUITES,
TOSCA, MAS
ISTO NÃO
FICARÁ
ASSIM!

VA ATRAZ
DELA! DE
NADA LHE
ADANTARA
AGORA!

DARBY,
ESPERE!

SE NÃO É O
ROMEU DOS
PAMPAS...

QUER TROCAR
O ÍDOLO... POR
ALGUMAS
FACADAS??

Copy. 1946, N. Y. Fox Corp

3-3-46



Picasso, tendo à mão uma coruja, parece admirar-lhe a feição com aquele olhar penetrante de estudioso dos fenômenos naturais

PABLO RUIZ PICASSO

Pablo Ruiz Picasso nasceu em Málaga em 25 de outubro de 1881. E de origem basca por parte de seu pai, o professor de desenho Ruiz Blasco, e gaulesa pelo lado materno.

Dotado de talento excepcional, Pablo Ruiz Picasso começou a desenhar ainda criança, fazendo os seus primeiros quadros entre doze e treze anos. Admitido na Escola de Belas Artes de Barcelona, executara num dia o assunto proposto quando o prazo dado era de um mês.

Depois de um estágio na Escola de Belas Artes de Madrid, voltou a Barcelona e, em seguida, a Paris, em outubro de 1900, onde reencontrou os seus compatriotas Sunes, Nonelle, Canals. Vendeu alguns quadros a Berthe Weill e organizou a sua primeira exposição na casa de Vollard, no ano seguinte, expondo quadros representativos de viagens e de cabarets.

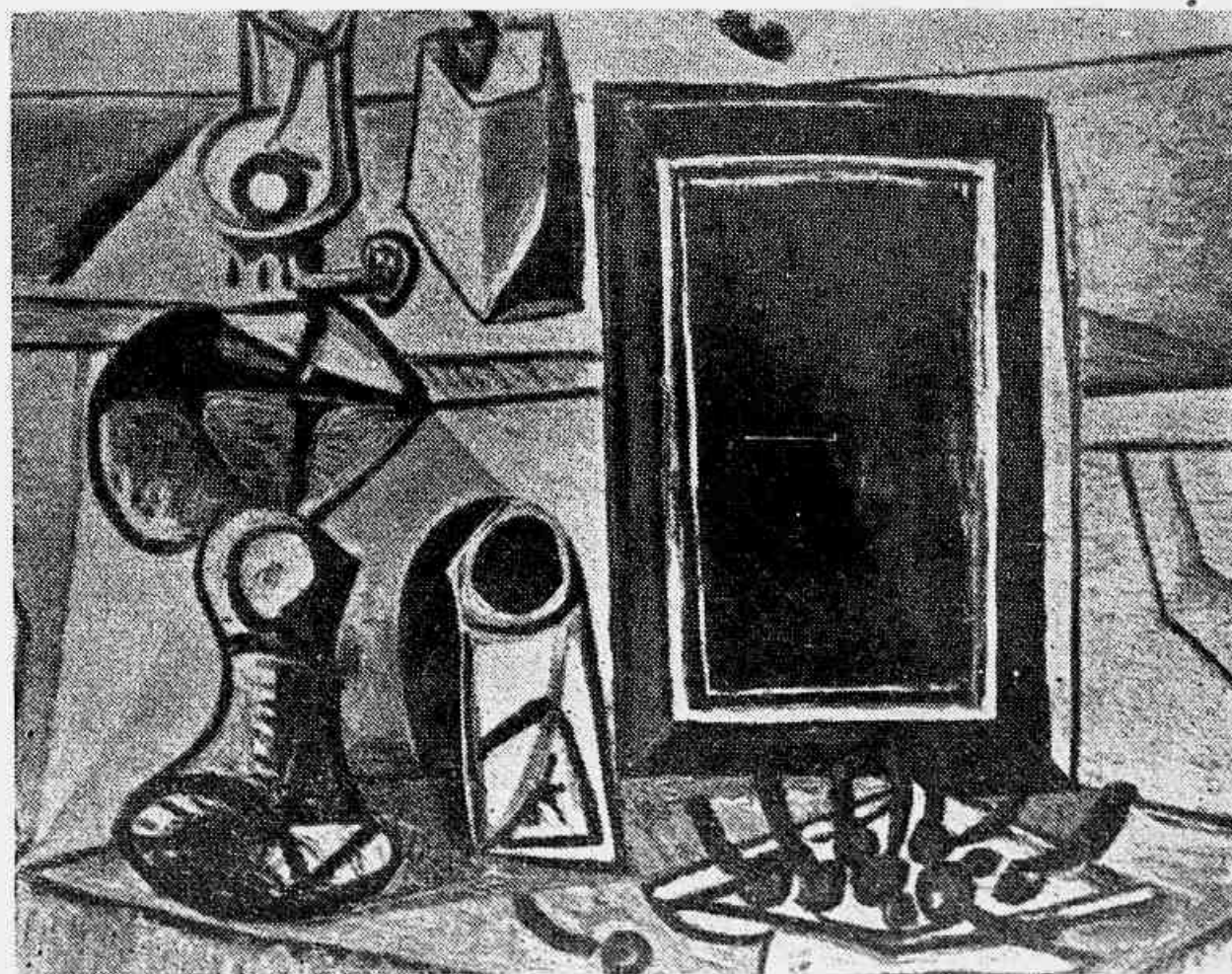
Em meados do novo século, vol-

tou à Espanha e tendo início aí o período de sua evolução, conhecido por «período azul». Pintou grandes quadros em «camaieu» e retornou a Paris em 1902, passando todo o ano seguinte na Espanha.

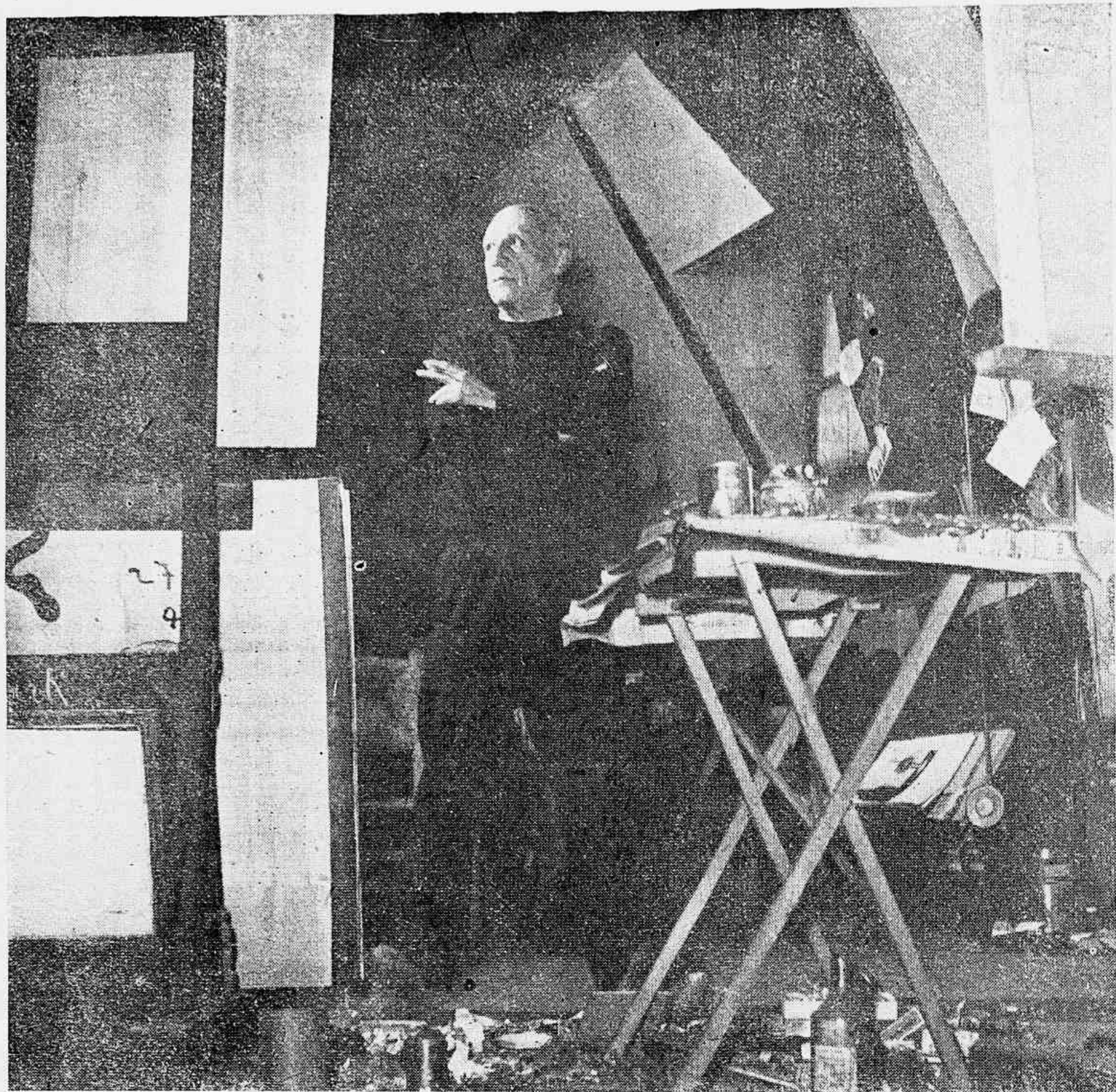
Na primavera de 1904, Picasso se instalou na famosa casa de madeira, na rua Ravignan. Travou conhecimento com Max Jacob, van Dongen, Salmon, Apollinaire e, três anos depois, fez amizade com Derain e Braque. Em 1904 havia encontrado Matisse. Deparavam-se-lhe então dificuldades para vender seus quadros, mas negociou alguns com Soulier, Clovis Sagot, Melle Stein e Vollard.

Somente em 1905, depois de viajar pela Holanda e Gosol, no vale de Andorra, foi que ele entrou em seu «período rosa», assim chamado em virtude dos tons claros dominantes em sua pintura.

As primeiras obras cubistas de Picasso datam de 1906 e 1907, quan-



Uma das telas de Picasso, "Natureza Morta", em exposição no Salão de Outono, em Paris



AO ALTO: O grande pintor espanhol em seu "atelier", onde, segundo boatos, costuma pintar de cócoras. EM BAIXO: Mãos famosas do consagrado artista apalpam a beleza assimétrica de grande bloco de ametista



do se achiava sob a influência das esculturas negras («As senhoritas de Avignon»). As suas pesquisas se estenderam da natureza morta e da paisagem ao retrato. Em 1909, fez grande número de estudos de cenas estrangeiras e de acrobatas, denunciadores de um espírito inquieto e cheio de ânsias.

Alguns anos antes da primeira grande guerra, o cubismo de Picasso tornou-se cada vez mais abstrato e sua paleta cada vez mais sóbria, razão por que lhe chamavam «o cubismo analítico». Picasso viajou muito, foi a Cadaguez, na Espanha, em companhia de Derain e, em Cérot, onde tornou a encontrar o escultor Manolo, Braque e Juan Gris. Em 1912, realizou diversas experiências, utilizando papel gomado ou areia em suas telas, bem como diferentes outras substâncias. Nesse mesmo ano, participou do grande êxodo dos artistas de Montmartre para Montparnasse.

Em 1914 começou o período chamado de «cubismo sintético». Quando foi declarada a guerra, estava em Avignon onde pintou quadros naturalistas quando então disseram que abandonava o cubismo, para enveredar em novas sendas de concepções artísticas. Até 1918, vendeu alguns quadros a Léonce Rosenberg. Um ano antes acompanhava a companhia de bailados russos de Diaghilew, tendo pintado, em Roma, os bastidores e modelos de costumes de «Parade», um bailado de Jean Cocteau representado o mesmo no Châtelet, em Paris, com grande sucesso. Nessa ocasião, Apollinaire havia incluído no programa um manifesto intitulado «Espírito novo», prenunciando o advento de nova fase do realismo.

Seu espírito evolucionava e surgiu o «período antigo», caracterizado pela execução de grandes nus, inspiração da escultura grega. Em 1921, Picasso acaba duas das mais importantes obras cubistas: «Les Trois Masques», et «Les trois Musiciens», variantes de um tema único. A pintura realista alternava então com o cubismo, que atraía a curiosidade do mundo intelectual.

Em 1924 apresenta com sucesso uma sequência de arlequins na maneira realista e grande naturezas mortas cubistas de cores brilhantes.

Dois anos mais tarde realiza-se a exposição geral das obras de Picasso na Galeria Paul Rosenberg. Tinha seus hábitos de repouso e costumava passar o verão na Riviera francesa; mas, ao voltar-se para as praias da Mancha, explorou genialmente um estilo mais elementar e mais abstrato que no passado. Em seguida as variações prosseguiram de tal maneira que ficou impossível classificá-las por épocas. Ultimamente, Picasso produziu obras compostas de redes de arabescos lineares parecendo inspirados em Matisse. No meio das obras mais recentes, contam-se numerosas esculturas, bem como uma decoração interior constituída de vasto panorama.

«Guernica», composição trágica inspirada pela guerra civil na Espanha.

NA PAGINA AO LADO: Picasso observa enlevado, alguns de seus quadros de concepções exóticas

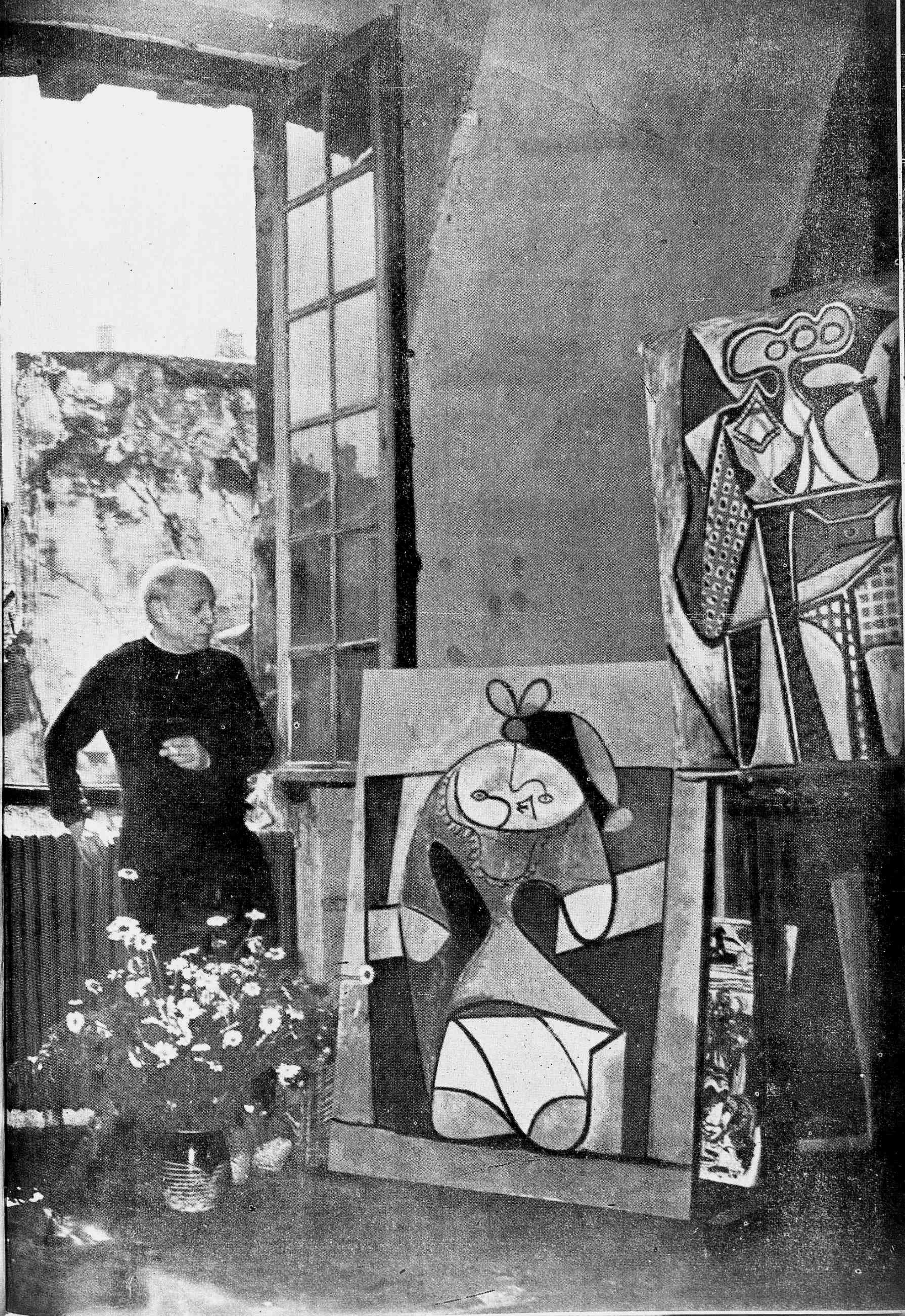
das
de
es-
da
fez
enas
nun-
o e

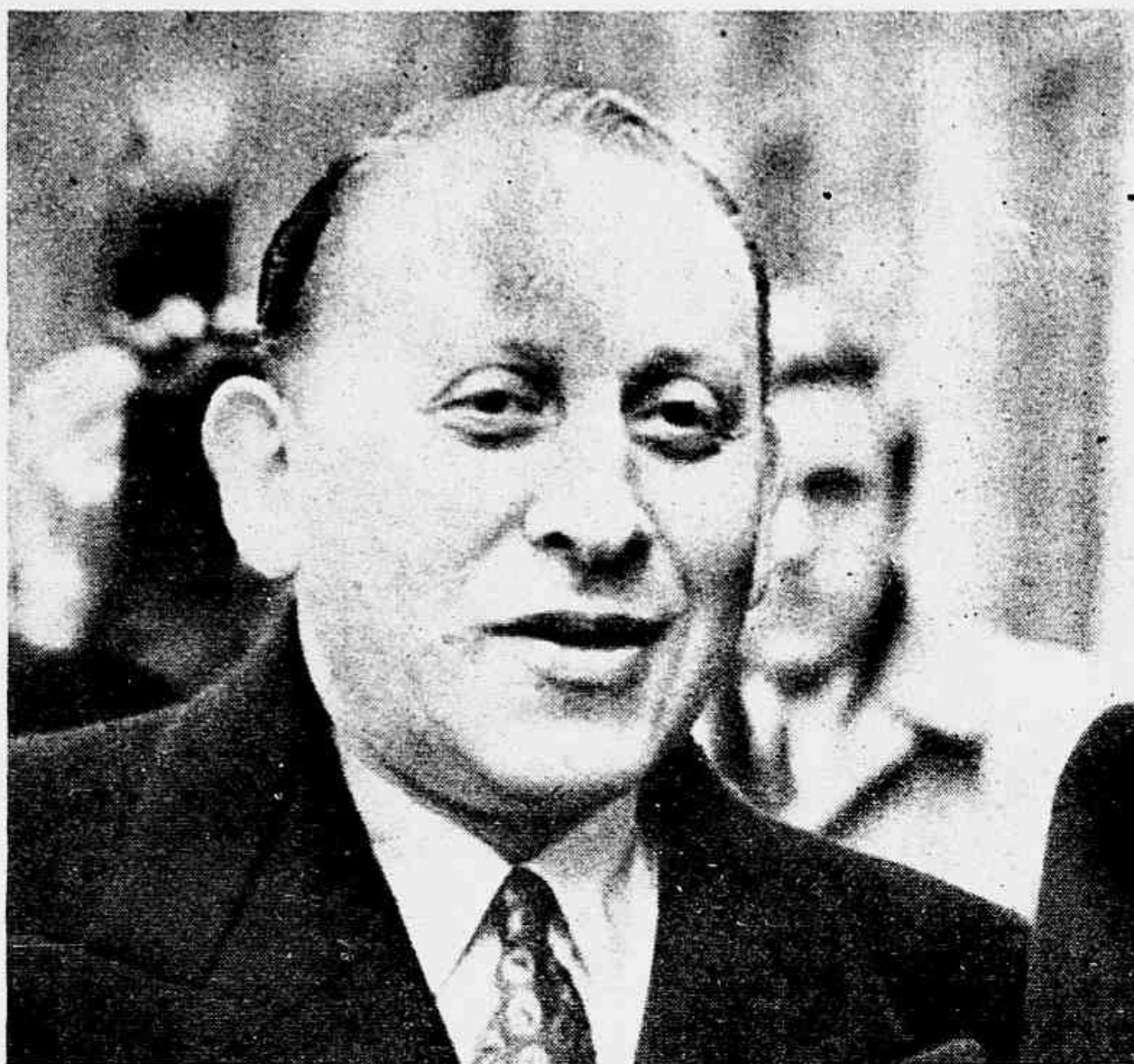
eira
asso
to e
ra-
bis-
uito,
com-
onde
ano-
1912,
utili-
suas
ntas
par-
istas
asse.
cha-
uan-
a em
natu-
que
vere-
ções
guns
Um
nhia
ilew,
tido-
«Pa-
cteau
telet,
Nes-
nclui-
inti-
cian-
rea-

urgiu
izado
ins-
Em
mais
«Les
Musi-
nico.
então
riosi-

cesso
nanei-
mor-
s.
a-se a
Picas-
r. Ti-
e cos-
iviera
ra as
enial-
tar e
. Em
uiram
ossível
ltima-
com-
linea-
Matis-
recen-
turas,
terior
orama
a ins-
panha.

bserra
s de





Faz pouco tempo divulgou-se haver sérias irregularidades na Bolsa de Londres, sendo acusado Mr. Sidney Stanley como tendo procurado subornar o secretário do Governo junto à Bolsa, com 50 libras semanais, a fim de que pudessem ser realizadas certas transações não permitidas

FIGURAS CONTEMPORÂNEAS

Este é o sr. Khasaba Pacha, representante do Egito nas Nações Unidas, e que durante a discussão de problemas entre Israel e o seu país, mostrou-se aborrecido e preferiu abandonar a sala da reunião, indo fumar seu cigarrinho no corredor



Com a trágica morte do Conde Bernadotte, foi nomeado pelas Nações Unidas um novo mediador para a questão entre Israel e o mundo Árabe. Aqui vemos esse emissor de paz, Mr. Bunche em palestra com o vice-presidente da ONU, Mr. Sobolev



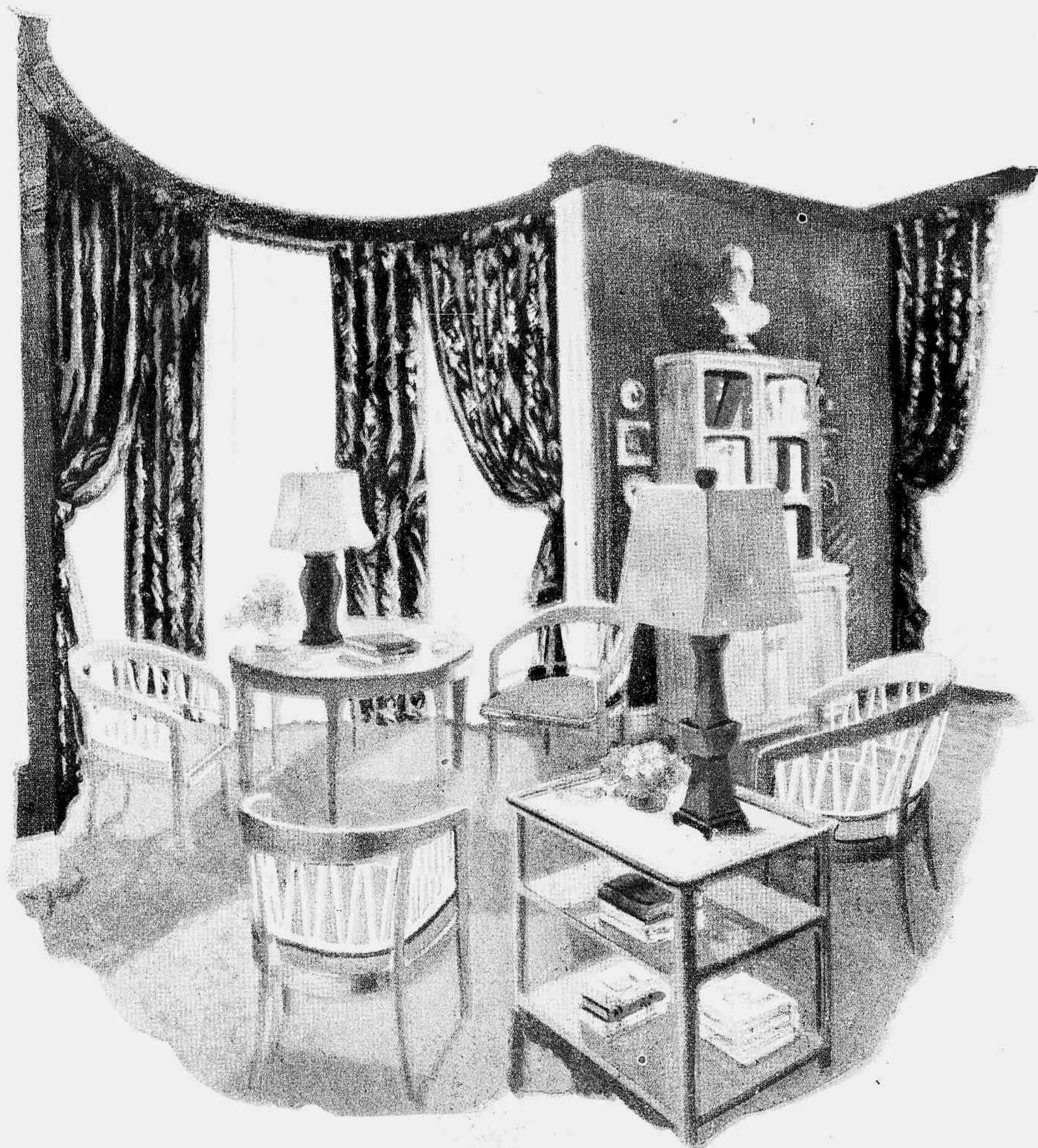
A guerra entre israelitas e árabes tem ocupado constantemente as atenções da Assembléia Geral da ONU que procura solução imediata para a questão. Aqui está o sr. A. B. Abden, delegado da Síria, examinando o problema com o representante da Polônia, sr. Protetek



O noivado mais festejado em Berlim: a modesta datilógrafa Ursula Bauer, herdeira de um dia para outro de dezoito milhões de dólares, casa-se com o sargento do Exército americano, Axel Paul Ongstad, na capital germânica



O novo Estado de Israel, apesar de já reconhecido por alguns membros das Nações Unidas, ainda não foi aceito para fazer parte da comunidade internacional. Os problemas ligados ao conflito sionista-árabe continuam e aqui vemos o delegado sírio examinando documentos



Forração com passadeira de lã
luxo, cor mustarda; cortinas em
sanderlin; móveis em pau-mar-
fim forrados com veludo verde

Mobiliários e Decorações

orçamentos e sugestões por decoradores especializados

UM MUNDO DE TAPETES

persas, indianos, franceses, ingleses, portugueses e nacionais a preços do outro mundo!



FUNDADA EM 1912

65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO



Satisfação para
quem fuma



-orgulho para
quem oferece

É um cigarro para homens... e um
cigarro que as senhoras aceitam sem-
pre com satisfação. Mistura das mais
felizes, HOLLYWOOD é um distintivo
de bom gosto e paladar apurado.

CIGARROS

Hollywood

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE O MELHOR EM SUA CLASSE

COMPANHIA DE CIGARROS *Souza Cruz*